

Simone Teodoro Sobrinho

A violência de gênero como experiência trágica na contemporaneidade:
estudo de *Insubmissas lágrimas de mulheres*, de Conceição Evaristo

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Letras
Belo Horizonte
2015

Simone Teodoro Sobrinho

A violência de gênero como experiência trágica na contemporaneidade:
estudo de *Insubmissas lágrimas de mulheres*, de Conceição Evaristo

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Literatura Brasileira.

Área de concentração: Literatura Brasileira.

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural (LHMC).

Orientadora: Prof^a Dr^a. Constância Lima Duarte.

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Letras
Belo Horizonte
2015

T314v Teodoro Sobrinho, Simone.

A violência de gênero como experiência trágica na contemporaneidade: estudo de Insubmissas lágrimas de mulheres, de Conceição Evaristo/ Simone Teodoro Sobrinho. Belo Horizonte: UFMG, FALE, 2015.

107 f.; enc.; 28 cm.

Orientadora: Professora Doutora Constância Lima Duarte.

Área de concentração: Literatura Brasileira.

Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em letras: estudos literários PÓS-LIT, 2015.

1. Violência. 2. Gênero. 3. Patriarcado. 4. Literatura Brasileira – Dissertação. I. Duarte, Constância Lima. II. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 807

Dedicatória

Dedico este trabalho a Dulcinéia Teodoro de Jesus, minha mãe, que me ensinou a dançar no fogo.

E a Raquel Araújo, meu amor para sempre.

Agradecimentos

À escritora Conceição Evaristo.

Ao Luiz Henrique Oliveira, pelo incentivo e amizade.

Ao Samuel Medina, amigo de todas as horas.

Ao amigo Geraldo Caffaro, pelo *abstract*.

À professora Jussara Santos, pelo carinho de sempre.

À Professora Constância Lima Duarte, pela delicadeza e paciência com que me orientou nessa etapa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PÓS-LIT) da UFMG.

A todos os amigos que sempre torceram por mim.

Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe sua autoinscrição no interior do mundo. Em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação.

Conceição Evaristo

RESUMO

Este trabalho discute a violência de gênero no livro de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), de Conceição Evaristo. O ponto de partida desta discussão é o pressuposto de que a condição de submissão imposta às mulheres pelo patriarcado nos inícios da civilização ocidental é trágica (segundo a concepção de trágico de Raymond Williams) e que tem sido eternizada pelas estruturas de poder, a partir do *habitus* (conforme Bourdieu), cuja principal estratégia de manutenção do *status quo* masculino é o controle do sistema simbólico. O estudo identifica, no texto de Evaristo, encenações trágicas em que vozes femininas combatem a opressão.

Palavras-chave: violência; gênero; patriarcado; Literatura Brasileira.

ABSTRACT

In this work I discuss gender violence in the collection of short stories *Insubmissas lágrimas de mulheres*, by Conceição Evaristo. The point of departure for this discussion is the assumption that the submission of women imposed by patriarchy at the beginning of civilization is tragic (according to the tragic conception of Raymond Williams) and has been perpetuated by power structures within the *habitus*, whose main strategy for maintaining the masculine status quo is to control the symbolic system. The work identifies, in Evaristo's text, tragic dramatizations in which female voices fight such oppression.

Keywords: violence; gender; patriarchy; Brazilian literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1	
Revisitando conceitos.....	20
1.1 Ponto de partida: haveria uma Literatura Brasileira trágica?.....	21
1.2 Revisitando a filosofia do trágico.....	26
1.3 Ponto de chegada: a tragédia moderna, segundo Raymond Williams	28
1.4 <i>Insubmissas lágrimas de mulheres</i> e a condição trágica feminina e negra na contemporaneidade.....	30
CAPÍTULO 2	
Violência Física.....	37
2.1 Violência de gênero: limites entre realidade e ficção.....	38
2.2 Aramides Florença.....	44
2.3 Shirley Paixão.....	47
2.4 Lia Gabriel.....	49
2.5 O trágico e sofrimento físico: as longues durées e o corpo feminino.....	52
2.6 Contradiscursos	67
CAPÍTULO 3	
Violência simbólica.....	73
3.1 Mitos fundadores da opressão.....	74
3.2. Natalina Soledad.....	79
3.3 Mary Benedita.....	82
3.4 Isaltina Campo Belo.....	86
3.5 Resiliência.....	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E ELETRÔNICAS	101

INTRODUÇÃO

Por outro lado, se hoje o sentido universalmente atribuído ao conceito (de trágico) é o do uso comum, a recusa em usá-lo, ou pior, a censura a seu uso comum, corresponde a mais uma tentativa de desqualificar a experiência da gente comum. Com base nesse fato, se tivermos o cuidado de ultrapassar o aspecto fatalista que impregnou o conceito ao longo de sua história, nada impede que também a situação de ameaça e falta de alternativas em que se encontra hoje a humanidade seja qualificada como trágica.

(Iná Camargo Costa)

Introdução

O presente estudo apresenta alguns caminhos de análise, no âmbito da literatura afro-brasileira, cuja discussão se torna a cada dia mais urgente: a condição da mulher, especialmente a negra, numa sociedade pautada por um sistema de dominação-exploração simbiótico¹ que, a partir do advento da Modernidade, fundiu três elementos de opressão, o Patriarcado-Racismo-Capitalismo (SAFFIOTI, 1987).

Como se sabe, tal condição é atravessada por uma multiplicidade de questões a respeito das quais não haveria tempo hábil para discutir em um período curto como é o do Mestrado. Por esse motivo, elegi o que considero um dos mais importantes elementos relacionados a esse tema, para desenvolver minhas reflexões: a violência de gênero. Para Heleieth Saffioti (1999), a violência de gênero é tema amplo, que pode envolver também, por exemplo, aquela praticada entre dois homens, na disputa por uma fêmea, ou por duas mulheres, na disputa por um macho. No entanto, neste trabalho me refiro apenas ao seu tipo mais recorrente, ou seja, a violência praticada pelo homem contra a mulher.

O *corpus* selecionado para esta pesquisa são os contos “Aramides Florença”, “Shirley Paixão”, “Lia Gabriel”, “Natalina Soledad”, “Mary Benedita” e “Isaltina Campo Belo”, do livro *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), de Conceição Evaristo. A escritora estreou na literatura na década de 1990, como uma das colaboradoras de *Cadernos Negros*², publicando poemas e contos. Desde então, tem marcado

¹ Segundo SAFFIOTI (1987): “desta sorte, não foi o capitalismo, sistema de dominação-exploração muito mais jovem que os outros dois, que ‘inventou’ o patriarcado e o racismo. Para não recuar demasiadamente na história, estes já existiam na Grécia e na Roma antigas, sociedades nas quais também se fundiram com o sistema escravocrata. Da mesma maneira também se fundiram com o sistema feudal. Com a emergência do capitalismo houve a simbiose, a fusão entre os três sistemas de exploração. [...] Na verdade concreta eles são inseparáveis, pois se transformaram através deste processo simbiótico em um mesmo sistema de dominação-exploração, aqui denominado patriarcado-racismo-capitalismo” (p.60).

² Publicação anual de contos e poemas que, desde 1978, tem dado visibilidade à literatura afro-brasileira. Segundo informação do site ‘Quilombhoje’: “o material publicado em *Cadernos* tem sido fonte para ensaios, teses e estudos diversos por parte de estudantes de letras, pesquisadores e professores universitários. No campo estético ou enquanto forma de resistência cultural, os *Cadernos* têm tido importância inegável e, proporcionando oportunidade para o exercício da criação literária diferenciada, possibilitado que os descendentes de africanos passem de objeto a sujeito da escrita, enriquecendo ainda a discussão a respeito da questão racial”. Disponível em: <http://www.quilombhoje>

fortemente sua presença no cenário da literatura afro-brasileira. Além da obra *Insubmissas lágrimas de mulheres*, Evaristo publicou dois romances (*Ponciá Vicêncio*, em 2003, e *Becos da memória*, em 2006) e uma coletânea de poemas (*Poemas da recordação e outros movimentos*, em 2008). *Ponciá Vicêncio* foi traduzido para o inglês em 2007 e para o francês em 2015.

Insubmissas lágrimas de mulheres é seu primeiro livro de contos³. Nele ecoam vozes de mulheres negras que, num trabalho de reconstrução de memória individual, narram histórias pessoais de superação do sofrimento que experimentaram no passado. Tais histórias são introduzidas por uma narradora-personagem que é, ao mesmo tempo, interlocutora das protagonistas e contadora de histórias, pois atua nos textos ora se oferecendo à escuta, ora registrando os testemunhos e “amarrando-os” para, em seguida, compartilhá-los com os leitores. As situações narradas entrelaçam temáticas relacionadas à condição da mulher na contemporaneidade, denunciando as práticas racistas e sexistas que subsistem na sociedade brasileira. A maternidade, o estupro, o espancamento, a reação machista frente à homossexualidade feminina e o envelhecimento são algumas das experiências doloridas transformadas em literatura.

É importante deixar claro que, embora as histórias sejam de mulheres negras e escritas por uma autora cuja obra vem abordando questões étnicas desde as publicações em *Cadernos Negros*, parece-me que o foco principal de *Insubmissas lágrimas de mulheres* é a discussão sobre as relações de poder entre gêneros. E é nesta direção que segue este estudo.

Constância Duarte (2010), ao analisar a trajetória do conto de autoria feminina ao longo de nossa história literária, faz uma importante observação. Segundo ela, há duas formas de representação, na literatura brasileira, da violência de gênero: em uma, a canônica e tradicional, predominam autoras brancas, que privilegiam a violência que Pierre Bourdieu chamou de simbólica. Na outra, de acordo com a pesquisadora, predominam autoras não canônicas que têm trazido à tona, em seus textos, o tema da violência física, cotidianamente sofrida por mulheres: o aborto, o estupro, o espancamento.

.com.br/cadernosnegros/historicocadernosnegros.htm. Acesso em: 21 de out. 2013.

³ Em 2015, ano de entrega desse trabalho, a autora publicou seu segundo livro de contos, *Olhos d'água*, pela Editora Pallas, do Rio de Janeiro.

Conceição Evaristo é uma dessas escritoras que, ao lado de Lia Vieira, Miriam Alves, Sônia de Fátima da Conceição, Esmeralda Ribeiro, Geni Guimarães, entre outras (todas colaboradoras do periódico *Cadernos Negros*), têm trabalhado nesse sentido, contribuindo para a reescrita da história literária brasileira. Seus primeiros contos, publicados no referido periódico a partir do ano de 1991, já abordavam muitos dos aspectos da condição da mulher negra em um sistema de dominação-exploração que a oprime. Nesses textos, a violência simbólica não é deixada de lado, no entanto, o tema da violência física, que quase não aparecia nos textos do cânone, começa a ser abordado.

Em *Insubmissas lágrimas de mulheres* há uma continuidade de abordagem da temática, dessa vez em uma obra única, cuja unidade, a meu ver, é garantida por dois elementos. Um deles é a estratégia narrativa escolhida pela autora, que cria uma personagem que percorre todos os contos recolhendo histórias de mulheres. O outro está ligado à temática e consiste no fato de todas as protagonistas serem mulheres resilientes, ou seja, mesmo em ambientes hostis, próprios de relações homem/mulher e sociedade/mulher pautadas pelo androcentrismo e racismo, elas resistem e superam, se fortalecendo após os episódios doloridos vivenciados.

Ora, o conflito entre a capacidade de resistir, presente nas protagonistas da obra analisada, e as forças de dominação-exploração do patriarcado-racismo-capitalismo, a meu ver, encena um dos aspectos do que Raymond Williams (2002) chama de experiência trágica na contemporaneidade, uma vez que expõe a realidade de um sistema opressor, produtor de sofrimentos, o qual precisa ser combatido e o é, segundo minha hipótese, com se verá.

Sendo assim, realizar estudo de *Insubmissas lágrimas de mulheres*, de Conceição Evaristo, partindo da premissa de que a postura resiliente das protagonistas frente às adversidades oriundas de situações de violência de gênero funciona como forma de encenação, na narrativa, de um dos aspectos da experiência trágica na contemporaneidade (segundo a concepção de trágico de Raymond Williams) foi um dos objetivos desse trabalho. Os outros foram: ampliar as discussões sobre as representações da violência de gênero na literatura brasileira contemporânea e demonstrar que o caráter resiliente de suas protagonistas é um dos fios condutores que dá unidade ao livro, além de funcionar como estratégia

narrativa que aponta para um discurso desconstrutor do racismo e do patriarcado na sociedade brasileira.

Uma das principais razões que me levou a escolher esta obra de Conceição Evaristo como objeto de estudo diz respeito à existência de “vazios” e “omissões” em nossa historiografia literária em relação à literatura produzida por afrodescendentes, como bem observou Eduardo de Assis Duarte⁴, segundo o qual tais vazios e omissões apontam para a recusa de vozes esquecidas e marginalizadas e resultam na ausência de uma história ou *corpus* para a literatura afro-brasileira. Para o pesquisador, isso se deve ao fato de haver um número insuficiente de estudos a respeito do tema (DUARTE, 2012).

No conjunto da obra de Conceição Evaristo ecoam muitas dessas vozes sufocadas, vilipendiadas. Neste sentido, acredito que esta pesquisa poderá contribuir para amenizar um pouco a insuficiência apontada por Duarte.

Além do que foi exposto é importante lembrar que a literatura de Conceição Evaristo está atualmente em evidência, não apenas em nosso país, mas também em âmbito internacional. Exemplos disso são as antologias estrangeiras⁵ em que textos de sua autoria foram incluídos, entre os anos de 1993 e 2011. No Brasil, seus escritos têm chamado cada vez mais a atenção da crítica, sobretudo após a indicação de seu primeiro romance para leitura do vestibular da UFMG, em 2007 e, por consequência, de vários outros vestibulares.

De fato, é crescente o número de trabalhos acadêmicos comentando tanto sua prosa quanto sua poesia. Parte desses trabalhos (ensaios, resenhas artigos, comentários e dissertações de mestrado) discutem questões relativas ao romance de estreia de Evaristo; a questão da memória no romance *Becos da memória*; e, por fim, sua poesia, principalmente quando se volta para a rememoração do passado ancestral de escravidão.

Ponciá Vicêncio é, até o momento, o trabalho mais celebrado pela crítica. Aline Alves Arruda, por exemplo, na dissertação intitulada *Ponciá Vicêncio, de*

⁴ DUARTE. Literatura e Afrodescendência. Disponível em: www.lettras.ufmg.br/literafro/data1/artigos/eduardoafrodescendencias.pdf. Acesso em 15 de ago.2012.

⁵ *Schwarze prosa*, Alemanha (1993); *Moving beyond boundaries: international dimension of black women's writing* (1995); *Women righting- AfroBrazilian Women's Short fiction*, Inglaterra (2005); *Finally Us: contemporary black brazilian women writers* (1995); Callaloo, vols. 18 e 30 (1995,2008); *Fourteen female voices from Brazil* (2002), Estados Unidos; *Chimurenga People* (2007), África do Sul; *Brasil-África: Como se o mar fosse mentira*, Brasil/Angola (2006); *Literatura e Afrodescendência* (2011).

*Conceição Evaristo: um bildunsroman feminino e negro*⁶ (ARRUDA, 2007), ao comparar o romance de Evaristo ao modelo tradicional de *bildunsroman* (romance de formação), discute o caráter parodístico e desconstrutor do primeiro em relação ao último. De acordo com ela, enquanto o *bildunsroman* é a narrativa sobre um percurso do herói, homem, branco e burguês, que o leva ao amadurecimento, *Ponciá Vicêncio*, ao contrário, narra o percurso de aprendizagens de uma protagonista mulher, negra e pobre. Sua errância conduz a um amadurecimento diferente daquele experimentado pelos tradicionais heróis do romance de formação, por se tratar da triste constatação sobre a trágica condição de ser mulher e negra em uma sociedade patriarcal e racista.

Seguindo uma direção semelhante, porém utilizando outras estratégias argumentativas, Flávia Santos Araújo, também em dissertação⁷ (ARAÚJO, 2007), discute sobre a construção da figura feminina negra no romance de estreia de Conceição Evaristo, a partir da relação dialógica entre o texto evaristiano e os de outras escritoras negras da Literatura Brasileira. Além da temática da identidade feminina e negra, o romance *Ponciá Vicêncio* tem provocado discussões sobre a memória. É o caso do artigo de Dejair Dionísio⁸ e de Sérgio Paulo Adolfo, bem como o de Aline Alves Arruda⁹, segundo os quais o aspecto memorialístico é marca fundamental no romance, uma vez que se apresenta como resgate da ancestralidade e é uma das peças - chave que move o lirismo da narrativa.

A memória é também tema central do segundo romance de Evaristo, como já indica o título, *Becos da memória*. Partindo deste pressuposto e do conceito de “Escrevivências”, elaborado pela própria autora, Luiz Henrique Silva Oliveira, em artigo¹⁰, argumenta que, no livro citado, vozes biográficas de Conceição Evaristo se

⁶ *Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: um bildunsroman feminino e negro*. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/ECAP-76RF2H/1/aline_alves_arruda_texto.pdf. Acesso em: 15 de ago 2012.

⁷ ARAÚJO, 2012. *Uma escrita em dupla face: a mulher negra em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo*. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/posletras/images/teses2007/Flavia.pdf>. Acesso em: 15 de ago. 2012.

⁸ ADOLFO e DIONÍSIO, 2012. O arauto e o destino em *Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo*. Disponível em: http://www.uel.br/pos/letras/terraroja/g_pdf/vol17B/TRvol17Bg.pdf. Acesso em: 15 de ago. 2012.

⁹ ARRUDA, 2012. *Ponciá Vicêncio e Becos da memória: memória e olhar coletivo na prosa afro-brasileira*. Disponível em: http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/078/ALINE_ARRUDA.pdf. Acesso em: 15 de ago. 2012.

¹⁰ OLIVEIRA, 2012. *Escrevivências: rastros biográficos em Becos da memória, de Conceição Evaristo*. Disponível em: http://www.uel.br/pos/letras/terraroja/g_pdf/vol17B/TRvol17Bi.pdf. Acesso em: 15 de ago. 2012.

fazem ouvir, trazendo à tona um discurso memorialístico sobre a infância vivida na pobreza e os primeiros contatos com a palavra escrita e com a literatura.

Já em sua poesia, é muito discutido o entrelaçamento entre memória e História. Exemplos disso são os artigos de Marcos Fabrício Lopes da Silva¹¹ e de Patrícia Ribeiro¹². No primeiro, o autor analisa os poemas “Vozes-Mulheres” e “Da mulher, o tempo”, procurando demonstrar a presença de uma “poética da ancestralidade”, ou seja, uma movimentação escrita poética que aponta para o passado de escravidão e o reconta, numa contranarrativa frente aos silêncios impostos pelo discurso oficial da história literária, no que diz respeito às mulheres negras.

No segundo artigo, a autora faz uma leitura de *Poemas da recordação e outros movimentos*, interpretando-o como arquivo da escravidão (partindo das concepções de arquivo de Michel Foucault e Derrida), uma vez que, para ela, há uma reelaboração da História a partir da ótica afrodescendente.

Estudos comparativos entre a obra de Conceição Evaristo e de outras escritoras negras também têm surgido como uma forma de discutir sobre literatura e afrodescendência em geral. É o caso de Cláudia Maria Fernandes Corrêa¹³, que compara os textos da escritora brasileira com os de Vera Duarte e de Marlene Noubese Philip, aproximando Brasil, Cabo Verde, Trinidad e Tobago. Na mesma direção segue Stefane Soares Pereira¹⁴, ao comparar a escrita de Evaristo à da estadunidense Toni Morrison. Os contos de Conceição Evaristo publicados em *Cadernos Negros* também foram objeto de pesquisa acadêmica na dissertação A

¹¹ SILVA, 2012. A poética da ancestralidade em poemas de Conceição Evaristo. Disponível em: http://www.brasa.org/_sitemason/files/dmkx68/Marcos%20Fabrício%20Lopes%20da%20Silva.pdf. Acesso em: 15 de ago. 2012.

¹² RIBEIRO, 2012. A poética de Conceição Evaristo como uma incursão pelos caminhos da história. Disponível em: <http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/12/A-po%C3%A9tica-de-Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-como-uma-incurs%C3%A3o-pelos-caminhos-da-hist%C3%B3ria.pdf>. Acesso em: 15 de ago. 2012.

¹³ CORRÊA, 2012. Vozes atlânticas femininas em diálogo: Conceição Evaristo, Vera Duarte e Marlene Noubese Philip. Disponível em: http://www.telunb.com.br/mulhereliteratura/anais/wp-content/uploads/2012/01/claudia_maria_fernades.pdf. Acesso em: 15 de ago. 2012.

¹⁴ PEREIRA, 2012. Reflexões da travessia nas narrativas de Conceição Evaristo e Toni Morrison. Disponível em: <http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/12/Reflex%C3%B5es-da-travessia-nas-narrativas-de-Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-e-Toni-Morrison-Stefane-Soares-Pereira.pdf>. Acesso em: 15 de ago. 2012.

mulher negra nos Cadernos Negros: autoria e representações,¹⁵ de Fernanda Rodrigues de Figueiredo (FIGUEIREDO, 2009).

Para finalizar esta breve apresentação de parte da fortuna crítica da escritora, cito também o artigo “Feminismo e Desconstrução em *Ponciá Vicêncio*”¹⁶, de Sandra Maria Pereira e Luciano Santos Neiva. Tal artigo, dentre os anteriormente citados, é o que apresenta ideias que mais se assemelham às que procurei desenvolver neste trabalho. Sem deixar de lado as questões étnicas que perpassam a obra de Conceição Evaristo, os autores enfatizam as questões de gênero, ao refletirem sobre a literatura de autoria feminina contemporânea como uma escritura que desconstrói, no sentido derridiano, os valores do *fonofalocentrismo*¹⁷ ocidental. No entanto, essa reflexão se realiza a partir de análise da obra *Ponciá Vicêncio*. Em suma: tanto sua produção poética quanto seus romances têm sido contemplados pela crítica, mas até o momento não foi realizado trabalho sobre seu primeiro livro de contos.

A perspectiva de abordagem desta dissertação se fundamenta em referencial teórico interdisciplinar. Será realizada análise crítica e interpretativa dos seis contos de *Insubmissas lágrimas de mulheres* mencionados, a partir dos conceitos listados abaixo:

O Trágico e a ordem-desordem: a concepção de trágico que norteia este trabalho é a que Raymond Williams propõe em sua obra *Tragédia moderna* (2002), segundo a qual a dimensão trágica da vida contemporânea se funda em uma ordem de opressão, a qual, por meio de instituições e convenções, produz a dominação econômica, patriarcal, étnica e epistemológica.

Para Williams, um dos mais renomados críticos de teatro da atualidade, trágico é todo sistema produtor de sofrimentos e que, por isso, precisa ser combatido. Com essa formulação, o crítico se afasta do senso comum que, aprisionado a uma concepção imutável e tradicional de tragédia a associa à

¹⁵ FIGUEIREDO, 2009. *A mulher negra nos cadernos negros: autoria e representações*. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP7TTGA8/disserta_ao_mestrado_backup_revisado_2.pdf?sequence=1. Acesso em 15 de ago. 2012.

¹⁶ Feminismo e Desconstrução em *Ponciá Vicêncio*. Disponível em: <http://www.editoraufjf.com.br/revista/index.php/ipotesi/article/viewFile/619/553>. Acesso em: 15 de ago. 2012.

¹⁷ Pensamento que, segundo Derrida, orienta ideologicamente as práticas sociais e culturais do ocidente. **Fono**: a pretensão de o signo ser a própria coisa evocada e não sua representação; **falo**: domínio do homem branco, europeu, sobre a mulher, sobre outras minorias, sobre outras etnias e sobre outras nações; e **logo**, cuja lógica excludente e dominante nega a contingência, o instante, em nome do repouso, em síntese, da tradição.

resignação, à impossibilidade de o ser humano interferir em seu destino, modificando sua vida. Se na tragédia grega se encenava o conflito entre o ser humano e a fatalidade imposta pelos deuses, o que se encena, segundo ele, na experiência trágica de pessoas comuns na contemporaneidade, é o conflito entre a liberdade humana e as instituições e convenções que a limita, as quais têm o papel de zelar pela manutenção das desigualdades e da opressão. A ação trágica em nossa época, para Williams, não é derrotista, pelo contrário, ela exige a luta pela mudança do *status quo*.

Uma das ideias mais interessantes, desenvolvida em seu trabalho, diz respeito à relativização dos termos “ordem” e “desordem”. Para ele, o mundo contemporâneo está fundado em uma ordem que, na verdade, é ordem apenas para alguns. Para os vitimados pelo sistema, o mundo contemporâneo se funda numa desordem, cuja tragicidade precisa ser combatida. Para Williams, todas as sociedades revolucionárias dos séculos posteriores à consolidação do capitalismo têm sido sociedades trágicas.

Nessa dissertação não é relevante discutir os sentidos da palavra “revolução”. O próprio Williams em seu texto não faz tal discussão, apenas defende que uma revolução pacífica é necessária em toda sociedade onde há o sofrimento provocado por ações humanas, mas não deixa claro e nem sugere quais poderiam ser os caminhos para efetivá-la. No entanto, pensando a condição feminina e negra marcada pela opressão e pela violência de gênero e lendo-a como um dos aspectos do trágico na contemporaneidade, creio não ser incoerente relacionar, guardadas as devidas proporções, a ideia de revolução a um esforço de mudança, mesmo que em um âmbito menor, esforço que se materializa no teor combativo contra o machismo e contra o racismo que têm apresentado muitos dos textos de autoria feminina e negra na contemporaneidade, como os de Conceição Evaristo.

Habitus: penso que a experiência trágica vivenciada pelas protagonistas do livro de Evaristo se relaciona ao conceito de *habitus*, desenvolvido por Pierre Bourdieu (2003). O *habitus*, segundo ele, é um sistema consagrado no passado, mas que orienta ações no presente. Ou seja, para o sociólogo, há nas sociedades que foram primordialmente patriarcais, uma eternização das estruturas da divisão sexual e dos princípios que legitimam tal divisão. Essa eternização é trabalhada ideologicamente por agentes e instituições como a Escola, a Família, a Igreja e o

Estado, cujos discursos sexistas agem na vida das mulheres em forma de violência simbólica.

Nessa perspectiva, a violência física é resultado da simbólica, pois é reflexo de uma ideologia que delega ao homem, detentor de maior força física, o poder sobre a mulher, o que acaba legitimando atos desse tipo. Creio que o *habitus* androcêntrico seja crucial para a situação trágica vivenciada por mulheres na vida real, situação que é encenada no livro de Evaristo, cujas protagonistas, ameaçadas por um sistema opressor, dominado pelo masculino, mesmo sem alternativas resistem ao sofrimento e se fortalecem com ele. Logo o *habitus* está intimamente ligado a uma ordem-desordem que precisa ser suprimida a fim de que haja igualdade plena entre mulheres e homens.

Diante do exposto, penso que *Insubmissas lágrimas de mulheres* é fruto de uma tomada de consciência. E como tal, se junta ao arsenal composto pelos textos de autoras negras contemporâneas, como arma de combate, pois para Bourdieu: “a destruição do poder simbólico é a tomada de consciência do arbitrário” (Bourdieu, 2002, p.15).

Resiliência: o conceito de resiliência que orienta este trabalho é o que tem sido utilizado desde o final da década de 1970, pela Psicologia, pela Psiquiatria e pelas Ciências Sociais. Tal conceito, nos últimos anos, vem evoluindo e se tornando mais complexo, no entanto, sua definição básica é ponto de acordo entre os pesquisadores que têm se debruçado sobre o tema: resiliência é a capacidade de recuperação após um dano. A meu ver, as protagonistas de *Insubmissas lágrimas de mulheres* são todas resilientes, fato que se relaciona com a postura combativa que encontramos, em geral, no texto de Conceição Evaristo.

Violência de gênero: o conceito de gênero, como se sabe, por ser objeto de disputas políticas, teóricas e ideológicas, não cabe em uma definição apenas. No entanto, orientam este trabalho as ideias que Heleieth Saffioti (2007) desenvolveu sobre o assunto. Embora a socióloga brasileira não tenha criado uma teoria sobre o gênero, como a antropóloga Gayle Rubin (1975), a historiadora Joan Scott (1986) e a filósofa Judith Butler, seu pensamento é o que está mais afinado com a temática desta pesquisa. Rubin, na década de 1970, sistematizou as ideias sobre gênero, conceituando-o como construção sócio-histórica. Butler, por sua vez, já na década

de 1990, de forma semelhante à de Scott, se preocupou com o desmonte desse primeiro sistema, incluindo o sexo (que na teoria de Rubin tinha ficado no limbo da natureza imutável) no escopo das mudanças históricas, construídas social e ideologicamente. Saffioti, nesse contexto, em *Gênero, patriarcado e violência* (2007) chama a atenção para a centralidade do conceito de gênero, fazendo uma leitura negativa dessa centralidade. Segundo ela, a importância que é dada ao conceito acaba escamoteando o que, há milênios, tem moldado o gênero feminino tornando-o subserviente: o patriarcado. Dessa forma, a violência de gênero, termo utilizado com mais frequência para se referir à violência praticada pelo homem contra a mulher, é indissociável do patriarcado.

No primeiro capítulo apresento a evolução histórica do conceito de trágico, partindo dos estudos realizados por Aristóteles na Antiguidade Clássica. Em seguida, disserto sobre a filosofia do trágico, sobre suas diferenças em relação aos estudos aristotélicos e apresento o conceito de trágico desenvolvido por Raymond Williams (2002), o qual norteia meu trabalho. Por fim, apresento o livro *Insubmissas lágrimas de mulheres*, relacionando-o ao conteúdo teórico deste capítulo.

No segundo capítulo inicio a análise dos textos literários. Parto da reflexão sobre os limites entre realidade e ficção, ao discutir o termo “escrevivência”, criado por Evaristo, relacionado ao conceito de “atos de fingir”, de Wolfgang Iser. Em seguida analiso os contos “Aramides Florença”, “Shirley Paixão” e “Lia Gabriel”, nos quais as protagonistas narram suas experiências trágicas enquanto vítimas de violência física.

No terceiro capítulo analiso os contos “Natalina Soledad”, “Mary Benedita” e “Isaltina Campo Belo” em que as protagonistas narram suas experiências trágicas enquanto vítimas de violência simbólica, segundo a concepção de Pierre Bourdieu.

Capítulo 1

Revisitando conceitos

Tragédia passa a ser então não um tipo de acontecimento único e permanente, mas uma série de experiências, convenções e instituições. Não se trata de interpretá-las com referência a uma natureza humana permanente e imutável. Pelo contrário, as variações da experiência trágica é que devem ser interpretadas na sua relação com as convenções e as instituições em processo de transformação.

(Raymond Williams)

Para Williams, Brecht chegou bem cedo à conclusão de que a causa principal do sofrimento é um sistema que precisa ser combatido.

(Iná Camargo Costa)

1.1 Ponto de partida: haveria uma Literatura Brasileira trágica?

Para começar, nada melhor do que uma provocação: haveria uma literatura brasileira trágica? Para o crítico literário português, Eduardo Lourenço (2001), a resposta é negativa. Em seu ensaio “Da literatura brasileira como rasura do trágico”, ao analisar nossa literatura, de Machado de Assis a Clarice Lispector, o ensaísta defende o caráter anti-trágico da mesma. Para ele há na literatura brasileira uma “espécie de estratégia (sem dúvida inconsciente) destinada a contornar os aspectos mais trágicos da condição humana” (LOURENÇO, 2001, p. 197).

Embora reconheça que Machado de Assis, em sua obra, manifestasse certa sensibilidade em relação ao sentimento trágico da vida, o crítico afirma que o autor de *Dom Casmurro* oscila entre a rasura do trágico (seu contorno) e a “justa compreensão do trágico enquanto acompanhamento necessário e permanente da mesma vida”. (LOURENÇO, 2001, p. 201). O fator decisivo que produziria este movimento de oscilação seria a ironia machadiana, que tudo relativiza. A este respeito, Lourenço joga com duas possibilidades: na primeira, Machado teria compreendido todo o aspecto trágico da vida, no entanto, o teria recusado, lançando sobre ele sua mordaz ironia. Na segunda, a ironia não seria a marca da recusa e sim um posicionamento frente ao trágico, uma maneira de transcendê-lo. O crítico exemplifica comentando o episódio em que Bentinho conversa com Manduca, um jovem pobre e leproso:

O mistério do mal relevaria de uma espécie de harmonia divina da natureza, o mal seria como o escreve numa passagem famosa de Dom Casmurro, uma nota necessária na ópera de Deus. Encerrando o episódio de Manduca, num capítulo intitulado um pouco obviamente “O diabo não é tão feio quanto pintam”, Machado de Assis- Dom Casmurro tenta encontrar um sentido, salvar da tragédia pura o destino do jovem enfermo a quem a discussão com Bentinho acerca da longínqua guerra da Criméia iluminava a vida:” Quero dizer que meu vizinho de Matacavalos, temperando o mal com a opinião anti-russa, dava à podridão de suas carnes um reflexo espiritual que as consolava... O meu jardineiro afirma que as violetas para terem um cheiro superior, hão mister de estrume de porco. Não examinei, mas deve ser verdade (LOURENÇO, 2001, p. 201).

Essa postura irônica frente à presença do mal no mundo, representada pela doença de Manduca no episódio comentado, seria um reconhecimento do trágico e sua posterior recusa, ou seria outra forma de lidar com ele, transcendendo-o e o

reelaborando com o recurso da ironia? O crítico não resolve o impasse. Prefere isolar Machado de Assis no limbo das exceções.

A verdadeira rasura do trágico, para Lourenço, se instaura em nossa literatura, efetivamente, após Machado de Assis, a partir do modernismo. Segundo ele, isso ocorre devido à “obsessão da brasilidade” (LOURENÇO, 2001, p. 201), marca registrada do período e que repercutirá nas produções literárias subsequentes. De acordo com o crítico, no modernismo o Brasil nasce de novo, estigmatizado por uma cultura da euforia, que envolve “na sua pulsão positiva e otimista as visões cruas ou dolorosas da vida nacional nos seus aspectos históricos ou individuais” (LOURENÇO, 2001, p. 201).

Nessa visão “crua” ou “dolorosa” que a “pulsão otimista e positiva” que o eufórico Brasil modernista de 1922 envolvia estão incluídas algumas das piores mazelas de nosso país, como a miséria e a seca, temas tão caros aos romancistas das duas décadas seguintes. Para Lourenço, *Vidas secas* (1938), por exemplo, não é um romance trágico, embora ilustre o que ele chama de “tragédia objetiva”. Isso porque faltaria a Fabiano e aos demais personagens a consciência de sua própria impotência. Falta-lhes ação.

Ainda comentando a obra de Graciliano Ramos, Lourenço afirma que em *Angústia* (1936) e *São Bernardo* (1934): “nós encontramos uma das raras visões realmente trágicas do romance brasileiro moderno” (LOURENÇO, 2001, p. 202). No entanto, na opinião dele, esse fato não significa uma ruptura na tradição da rasura do trágico na Literatura Brasileira, pois, argumenta: “acontece, todavia, que *Angústia* - e creio mesmo que *São Bernardo* - não foi um romance de êxito no Brasil. O trágico autêntico é rejeitado, por instinto, pela opinião ledora do país” (LOURENÇO, 2001, p. 202).

A meu ver, tal argumento carece de forças. Se nos romances de Graciliano Ramos citados podemos encontrar a visão trágica de que fala o crítico, por que motivo os dados sobre a recepção destes textos invalidariam tal caráter? Lourenço não aprofunda o debate.

E são os dados sobre a recepção crítica de textos literários brasileiros das décadas de 1930 e 1940 os responsáveis, ainda conforme a análise de Lourenço, pelas transformações na literatura de Jorge Amado, cuja “tonalidade dramática”, ou

“vagamente trágica” (LOURENÇO, 2001, p. 203), alcançada em textos como *Mar Morto* e *Terras do sem fim*, teria descambado na euforia otimista do Novo Brasil, em *Gabriela Cravo e Canela*, reafirmando a “imagem mestiça, sensual, triunfalista, inocentemente amoral e perfeita e unicamente humana (LOURENÇO, 2001, p. 203)”.

Os comentários prosseguem. A obra de Guimarães Rosa, para Lourenço, reforça a tradição anti-trágica em nossa literatura. Motivo: para o crítico, o potencial trágico de um texto como *Grande Sertão: Veredas* é pulverizado pelo cenário em que a ação se desenvolve, segundo ele, cenário mágico, fora da existência ordinária.

Com base nesses exemplos e argumentos pode-se esboçar um desenho daquilo que Lourenço chama de “trágico”. Para ele o conceito pressupõe: (a) certo pessimismo (schopenhauriano); b) a consciência da vida como ilusão; c) ausência de sentido para a existência e ausência de redenção para os seres humanos. A toda ação trágica seria imprescindível: a) a consciência de que se sofre; b) resistência ao sofrimento e c) um cenário ordinário, onde a ação pudesse se desenvolver. E outro, bastante incomum e que em nada se relaciona a qualquer reflexão feita até hoje sobre o conceito: a recepção crítica.

Somando estes “ingredientes” (com exceção da recepção crítica, é claro) obtém-se a “receita de bolo” de uma concepção clássica de trágico, acrescida da colaboração teórica de Schopenhauer, o qual foi apenas um dos filósofos do trágico a tratar do assunto.

Lourenço arremata seu artigo sobre o trágico rasurado em nossa literatura ao considerar o misticismo presente em *A paixão segundo G.H* (1964) a principal marca de seu caráter não trágico. O abandono e a ascese que conduzem a protagonista ao silêncio implicam, para o crítico, numa ausência de confronto: “assim, nenhuma tragédia é possível neste deserto-oásis, onde ‘eu’ e ‘vida’ não podem sequer confrontar-se porque ele é o lugar onde um e outra se *falam* e se *calam*” (LOURENÇO, 2001, p. 206).

Ora, se o que rasura o trágico neste texto específico de Clarice Lispector, conforme argumenta Lourenço, é a sobreposição do silêncio absoluto após o ritual de ascese de G.H, onde estaria esta rasura em textos da mesma autora, como *A*

hora da estrela (1977), o qual, embora aponte para o almejado silêncio, trata justamente do conflito (trágico, por que não?) entre o real e a linguagem? Tal conflito, como se sabe, é encenado por um personagem escritor (Rodrigo S.M) em processo de criação e em crise na sua relação com a linguagem enquanto forma de representação do mundo. Sabe-se também que Rodrigo não é um personagem “agido”. Pelo contrário, é sua ação de escrever, mesmo com a consciência de que a linguagem falha, que nos leva a conhecer a história de Macabéa, esta sim, agida, cuja existência passiva no mundo conduz os leitores a uma reflexão contundente sobre a solidão humana e funciona como denúncia das contradições de uma sociedade excludente e alienante.

Como vimos, muitos dos argumentos de Lourenço são passíveis de refutação. Um trabalho que se dedicasse a contra argumentar suas colocações teria ainda muito a dizer. No entanto, não é esta minha intenção. Apresentei a linha argumentativa do artigo de Lourenço apenas devido ao seu caráter provocador: haveria mesmo na literatura brasileira esta rasura ou contorno do trágico de que ele fala? O que o crítico considera como trágico?

De fato, em seu ensaio, Lourenço não menciona as transformações do conceito, desde a *Poética* aristotélica até a contemporaneidade. Parece estar implícito, em seu texto, que sua concepção é rígida, orientada por uma inspiração schopenhauriana, segundo a qual nossos desejos sempre frustrados e nossa consciência do sofrimento tornam este o pior dos mundos possíveis. Segundo ele: “um destino realmente trágico supõe e implica um máximo de consciência (ou consciencialização) dos obstáculos e das forças que reduzem o indivíduo ou a coletividade ao impasse fatal” (LOURENÇO, 2001, p. 201). É essa maneira unívoca de pensar o conceito que o leva a considerar a literatura brasileira, de forma geral, como anti-trágica.

No entanto, não podemos nos esquecer de que até mesmo a concepção de Schopenhauer se situa numa tradição de rupturas desde os estudos aristotélicos sobre o tema. A respeito disso, assim escreveu Peter Szondi:

Desde Aristóteles há uma poética da tragédia, apenas desde Schelling, uma filosofia do trágico. Sendo um ensinamento acerca da criação poética, o escrito de Aristóteles pretende determinar os elementos da arte trágica; seu objeto é a tragédia, e não a ideia de tragédia (SZONDI, 2004, p. 23).

Em outras palavras: em Aristóteles, na *Poética*, há duas preocupações fundamentais: a definição de tragédia enquanto um gênero da arte dramática e a enumeração de seus elementos estruturais.

Szondi, ao afirmar que desde Schelling há uma filosofia do trágico, chama a atenção para o fato de que uma nova maneira de pensar a tragédia, não mais preocupada com definições de gênero e estruturas, é inaugurada com o referido filósofo. A respeito disso, assim reflete Roberto Machado, ao comentar o livro de Szondi:

[...] a análise poética da tragédia, com seu ponto de vista formal e classificatório, não vê a tragédia como expressão de um tipo de visão de mundo ou de sabedoria que a modernidade chamará de trágica. É exatamente por isso que, segundo Szondi, é apenas com Schelling que nasce a filosofia do trágico: uma reflexão sobre o fenômeno trágico, sobre a ideia de trágico, sobre as determinações do trágico, sobre o sentido do fenômeno trágico, sobre a tragicidade. Construção eminentemente moderna, a originalidade dessa reflexão filosófica, em relação ao que foi pensado até então se encontra justamente no fato de o trágico aparecer como uma categoria capaz de apresentar a situação do homem no mundo, a essência da condição humana, a dimensão fundamental da existência (MACHADO, 2006, p. 42-43).

Essa nova perspectiva levava ao importante questionamento: o que a tragédia tem a dizer sobre o ser? Orientados por esta indagação, a partir de Schelling, diversos pensadores discutiram o assunto. Szondi apresenta, em seu *Ensaio sobre o trágico* (2004), as principais reflexões desses pensadores. Schelling, Hölderin, Hegel, Solger, Goethe, Schopenhauer, Vicher, Kierkegaard, Hebbel, Nietzsche, Simmel e Scheler, cada qual analisa o fenômeno trágico por um viés diferente, o que reforça a ideia da não rigidez do conceito.

Percorri, de forma breve, este caminho, apenas para demonstrar que o conceito de trágico não é rígido, nem único e, portanto, falar de uma rasura do trágico, como quer Eduardo Lourenço, implica em estabelecer qual é a concepção considerada (o que ele não faz, pelo menos de forma clara).

Logo, este estudo de *Insubmissas lágrimas de mulheres*, de Conceição Evaristo, uma vez que pressupõe as transformações históricas do conceito, não poderá considerar que o trágico é rasurado em nossa literatura.

1.2 Revisitando a Filosofia do trágico

A Filosofia do trágico ou a ideia de tragédia iniciada, segundo Szondi, por Schelling no século XVIII tem seu antecedente no Classicismo alemão, o qual contou com o pensamento do historiador da arte Johann Joachim Winckelmann, como diretriz. Este pensador apresentou uma moderna história da arte, a qual sugeria uma nova atitude diante do fenômeno artístico: o pensamento voltado para os gregos, que propunha um também novo ideal estético baseado no conceito clássico de beleza.

Esse modo diferente de pensar inspirou, na Alemanha de então, uma reflexão sobre o desenvolvimento de uma política cultural, de um teatro nacional alemão e de um nacionalismo cultural espelhados nos ideais artísticos da Grécia Antiga.

Em suma, as reflexões de Winckelmann, sobre a Antiguidade Grega redirecionaram a arte alemã de seu tempo, a qual ele considerava em processo de decadência. “O bom gosto que mais se expande no mundo começou a se formar, em primeiro lugar, sob o céu grego” (WINCKELMANN, 1975, p.39).

Para este pensador da cultura, a beleza ideal dos gregos se relacionava a dois aspectos: a natureza e a arte. Segundo ele, os corpos dos jovens gregos eram mais belos que os dos alemães. Isso se devia à influência do clima grego e à prática de exercícios físicos por aqueles, que modelava o que era naturalmente belo. Para Winckelmann, as esculturas gregas retratavam essa beleza. Cria-se então um ciclo: os artistas gregos aprendiam a beleza, ora observando a arte, ora observando a natureza.

Em resumo: da Beleza Ideal, que para Winckelmann é a lei principal (e o aspecto mais importante da arte grega), pode-se elaborar duas formulações: a) os artistas gregos reproduziam a natureza da melhor forma possível e b) representavam as pessoas parecidas e, ao mesmo tempo, mais belas que na realidade.

A importância da análise de Winckelmann consiste na comparação entre a noção de beleza ideal, extraída da reflexão sobre a arte grega da antiguidade e a decadente arte da modernidade alemã. Daí a exigência do retorno aos gregos, imitando-os (sem, contudo, copiá-los), se inspirando em seus procedimentos, seus olhares, seu processo de criação, visando a originalidade.

Estava inaugurada uma nova relação da Alemanha com a Grécia Antiga, provocando em artistas e em intelectuais diversos uma espécie de nostalgia deste passado clássico. Esses atores sociais professavam sua fé na importância dos gregos antigos para a base e o futuro da cultura alemã.

Um deles foi o poeta Goethe, responsável pela ampliação do pensamento de Winckelmann para além da pintura e escultura, aplicando-o também à poesia e à arte dramática. Dessa forma o tema “Grécia antiga” deixa de ser exclusividade das artes plásticas, alcançando as letras e, conseqüentemente, a filosofia. A filosofia do trágico nasce nesse contexto, ao retomar a teoria desenvolvida na *Poética* de Aristóteles (um dos grandes símbolos culturais da antiguidade clássica), rompendo com ela.

A ruptura se dá, pois, como se sabe o texto aristotélico é um ensinamento sobre a criação poética, sobre os elementos estruturais da tragédia. Seu objeto são as peças teatrais. Suas reflexões permanecem no campo da poesia, ou seja, no âmbito do empírico. São teorias que discorrem sobre a catarse, sobre a imitação e sobre os efeitos da tragédia. Os filósofos do trágico, a partir de Shelling, por outro lado, buscaram teorizar sobre a ideia de tragédia, ou seja, sobre o que o fenômeno trágico tinha a dizer sobre a situação do homem no mundo. Esses pensadores, ao conceberem a tragédia a partir dessa nova perspectiva, deixam de lado as análises estruturais feitas por Aristóteles.

Não é relevante para este trabalho aprofundar o que cada um dos filósofos do trágico pensou sobre o tema. No entanto, é importante sublinhar que tal filosofia atravessou os períodos idealista e pós-idealista, sempre assumindo uma conceituação nova. Essa volatilidade do conceito de trágico levou Peter Szondi (2004) a afirmar que o próprio conceito está sempre repleto de tragicidade, pois quando se aproxima de uma definição, esta escapa e desaba, sem forças.

Tal oscilação conceitual é fundamental para a existência de outras leituras do trágico, como o viés político proposto por Raymond Williams que, por sua vez, é um dos fios condutores deste estudo sobre *Insubmissas lágrimas de mulheres*, de Conceição Evaristo.

1.3 Ponto de chegada: a Tragédia moderna, de Raymond Williams

Para Terry Eagleton (2003), o trágico possui uma teoria em ruínas. Tal constatação é assunto do primeiro capítulo de seu livro *Doce violência: a ideia do trágico*. Segundo o crítico, o conceito resulta em disputas políticas: de acordo com sua análise há um segmento conservador relacionado aos estudos do tema, que considera a impossibilidade da existência da tragédia na atualidade e outro, de orientação radical, para o qual ela não é mais bem-vinda, não mais desejável.

Fazem parte do primeiro grupo, estudiosos como George Steiner, o qual, em seu trabalho *A morte da tragédia* (1961), argumenta (não sem se lamentar) sobre o declínio do que ele considera uma das mais gloriosas formas de manifestação artística conhecidas pela humanidade. Ao segundo grupo, por sua vez, pertencem muitos esquerdistas que compreendem a tragédia como arte elitista e antiquada e, por isso, se regozijam pelo seu fim. São palavras do autor: “Alguns críticos conservadores decidiram então, que a tragédia não é mais possível, ao passo que alguns radicais chegaram à conclusão de que ela não é mais desejável” (EAGLETON, 2013, p. 50).

Eagleton, no livro mencionado, desmonta toda a teoria do trágico, apontando suas contradições e seus absurdos, procurando encontrar um meio termo político para a utilização do conceito que possa ser relevante para provocar reflexões a respeito do tempo em que vivemos.

De outra forma, esquerda e direita partilham o mesmo entendimento de tragédia; a questão é que a esquerda a rejeita, enquanto a direita a endossa. Porém esse não precisa ser o único significado de tragédia e a esquerda não precisa descartar de forma tão despreocupada a noção como sendo antiquada e elitista, pois há outras percepções a respeito dela, principalmente no que se refere a aspectos da tragédia que parecem mais estranhos e obsoletos, os quais, como veremos, estão surpreendentemente próximos das preocupações contemporâneas radicais. (EAGLETON, 2013, p. 50).

Uma dessas novas percepções é a de Raymond Williams, como veremos. Mas antes ainda é necessário fazer algumas considerações sobre o fenômeno trágico. Gerd Bornheim (2007), embora afirme que usar as palavras “trágico” ou “tragédia” para nomear eventos como, por exemplo, a queda de uma ponte, é

banalizá-las (Williams discorda dessa afirmação), apresenta algumas considerações interessantes sobre o sentido e a evolução do trágico.

O crítico, ao refletir sobre o que é a tragédia, corrobora as ideias de Szondi (2004), quando pontua que Aristóteles, ao qual sempre se voltam aqueles que desejam encontrar uma resposta para esta pergunta, silencia. Em sua *Poética*, Aristóteles não nos diz o que é a tragédia, “delimita sim o seu objeto, e nos diz, sobretudo como a tragédia se estrutura, quais são suas partes constituintes e quais são os lugares dessas partes” (BORNHEIM, 2007, p.70).

Corroborando ainda o pensamento de Szondi, Bornheim afirma que as tentativas de respostas para a pergunta “o que é tragédia?” podem ser encontradas nas teorias dos filósofos. No entanto, estas fazem parte de uma bibliografia vasta e, como Eagleton, ele acredita que:

É mesmo tão vasta quanto confusa; sua leitura entrega o estudioso ao marasmo das interpretações mais diversas, para não falarmos das páginas por vezes obscuras ou conduzidas por uma erudição que resulta pouco satisfatória (BORNHEIM, 2007, p. 70).

Para Bornheim, essa multiplicidade de interpretações do fenômeno trágico se deve ao fato de ele ser inapreensível, indefinível, pois toda tragédia trata de uma “situação humana limite”. Sendo assim “as interpretações permanecem aquém do trágico e lutam com uma realidade que não pode ser reduzida a conceitos” (BORNHEIM, 2007, p.70).

Após discordar de algumas ideias presentes na teoria tradicional do trágico (a de que o trágico só existiria na esfera da obra de arte e de que toda tragédia seria a história da ruína de um herói e que, portanto, finais infelizes são obrigatórios), o ensaísta expõe dois pressupostos básicos do trágico: o primeiro seria a existência do humano (herói trágico) e o segundo uma ordem ou sentido que formaria o horizonte existencial desse herói (o cosmo, ou os deuses, ou a justiça; ou as instituições; ou as ideologias etc.). Temos então uma equação: “estar em situação trágica remete àqueles dois pressupostos, e a partir da bipolaridade da situação faz-se possível o conflito” (BORNHEIM, 2007, p.74).

É neste ponto que, a meu ver, a reflexão de Bornheim, o conceito de trágico segundo Williams e os textos de *Insubmissas lágrimas de mulheres* confluem. Para

Williams a tragédia deixou de ser protagonizada por nobres a partir do advento da modernidade. Segundo ele, as revoluções que colocaram uma pedra sobre o Antigo Regime inauguraram um novo tipo de experiência trágica: aquela encenada pelo homem comum, a princípio o burguês que, insatisfeito com a ordem das coisas (que para ele era desordem, visto que era um sistema produtor de desigualdades e conseqüentemente de sofrimentos) a subverte a custa de sangue e destruição.

Para Williams, a partir das revoluções modernas, o trágico é disseminado em nossa sociedade em outras situações, nas quais se verifica o conflito presente na equação de Bornheim: indivíduo X ordem → conflito = ação trágica.

Williams, ironicamente, critica o discurso daqueles teóricos que não consideram trágicas as relações de conflito e opressão entre indivíduos e a ordem econômica, política e social da contemporaneidade:

Guerra, revolução, miséria, fome, homens reduzidos a objetos mortos a partir de listas; perseguição e tortura; os diversos tipos de martírio contemporâneo; por mais próximos e insistentes que sejam os fatos, não devemos nos sentir tocados em um contexto de tragédia. Tragédia, sabemos, é acerca de algo mais (WILLIAMS, 2002, p. 90).

A meu ver, a violência de gênero retratada em *Insubmissas lágrimas de mulheres* é um desses diversos martírios contemporâneos mencionados por Williams e se insere em um contexto de conflito entre a mulher, indivíduo do sexo feminino, e uma ordem (desordem) patriarcal, desigual e opressora, por isso trágica.

1.4 *Insubmissas lágrimas de mulheres* e a condição trágica feminina e negra na contemporaneidade

O título que nomeia as narrativas objeto de análise deste estudo já diz muito. Composto por um adjetivo, um substantivo e uma locução adverbial, ele remete o leitor, a princípio, a algumas reflexões sobre: 1- um contexto (as lágrimas são insubmissas. Essa insubmissão é a quem ou a quê?); 2- a ideia de sofrimento (lágrimas) e 3- uma identidade (feminina, explícita na locução “de mulheres”).

Ora, um contexto de insubmissão pressupõe a existência de forças antagônicas que subjagam ou tentam subjugar. Logo, a leitura desse texto de Evaristo só pode ser feita considerando que a voz que dele emerge é um grito contra o patriarcado, cujas ideologias vêm, há tempos, oprimindo as mulheres.

Para Simone de Beauvoir, a dominação masculina é tão antiga quanto o ser humano. Em *O segundo sexo* (1961) a filósofa apresenta uma evolução deste processo de dominação, o qual, segundo ela, tem início quando o homem percebe a mulher como o Outro. Essa “outridade” seria, para ela, a justificativa de toda a violência praticada contra a mulher a partir de então: “isso porque a violência cometida contra outrem é a afirmação mais evidente da alteridade desse outrem” (BEAUVOIR, 1961, p. 94).

Para Beauvoir a evolução do patriarcado passa por alguns momentos fulcrais: em primeiro lugar houve uma percepção do homem em relação à alteridade feminina. Esse teria sido o período em que as diferenças biológicas entre machos e fêmeas determinaram a soberania dos primeiros: o homem era dotado de maior força física, o que lhe garantia uma relação mais ativa com o mundo selvagem que o circundava. Músculos robustos faziam dele um caçador, um desbravador daquele mundo desconhecido. Além disso, o homem estava livre do limitador fardo da maternidade, o que também o colocava em posição vantajosa perante a mulher.

Em segundo lugar, os machos teriam, posteriormente “alienado sua existência na Natureza e na Mulher, mas reconquistaram-na a seguir” (BEAUVOIR, 1961, p.97). Beauvoir se refere ao período em que foi atribuído à figura feminina o papel simbólico de divindade, associado à fertilidade da terra. O homem, entretanto, mesmo fazendo tal concessão, nunca teria abdicado de seu poder:

Condenada a desempenhar o papel de Outro, a mulher estava também condenada a possuir uma força precária: escrava ou ídolo, nunca é ela que escolhe o seu destino. ‘Os homens fazem os deuses; as mulheres adoram-nos [...]. São eles que decidem se as divindades supremas devem ser femininas ou masculinas (BEAUVOIR, 1961, p. 97).

Em terceiro lugar estaria a passagem da Idade da Pedra à Idade do Bronze, quando o homem destrona definitivamente as deusas-mães, uma vez que o domínio das ferramentas dera-lhe o poder de moldar o mundo. A devoção às deusas-mães

era, como se sabe, ligada à agricultura, ao mistério da fertilidade, à espera, à contingência. A ferramenta confere ao homem o poder de interferir na qualidade do solo, enriquecendo-o, estudando-o, para enfim dominá-lo através da ação e com o uso da razão. Dessa forma, as bênçãos das divindades femininas tornaram-se desnecessárias.

Em quarto lugar Beauvoir relaciona a dominação masculina à propriedade privada. Conforme seus argumentos, a opressão atual da mulher se funda no desejo do macho de perpetuar a família e manter intacto o patrimônio. Resumidamente a filósofa propõe: “a sociedade sempre foi masculina; o poder político sempre esteve nas mãos dos homens” (BEAUVOIR, 1961, p. 91).

Já para Gerda Lerner (1990), parte dessa narrativa sobre a trajetória feminina apresentada aos leitores de *O segundo sexo* não está fundamentada em evidências históricas. A historiadora afirma que acreditar que a primeira divisão sexual do trabalho foi a primeira forma de subordinação feminina e que uma suposta desvantagem biológica das mulheres em relação aos homens teria sido sua causa principal é naturalizar a dominação e legitimar sua existência na contemporaneidade.

Ela informa ainda que os homens não dominaram sempre, tampouco houve sociedades de orientação matriarcal. O que havia antes do patriarcado, conforme seus argumentos, eram sociedades igualitárias. Se as mulheres não se aventuraram tanto quanto os homens no trabalho da caça, por exemplo, não foi por uma questão de menor força física e nem por uma incapacidade provocada pela gravidez ou pelos ciclos menstruais e sim por um detalhe funcional: como as mulheres precisavam amamentar, necessitavam também sair, para o trabalho, acompanhadas por filhos recém-nascidos. Logo, o choro dessas crianças poderia espantar as presas, o que prejudicaria a alimentação de todo o grupo. Daí uma divisão sexual do trabalho em que as mulheres se dedicavam à coleta de frutos e raízes e os homens praticavam a caça.

Lerner propõe: “el patriarcado es una creación histórica elaborada por hombres e mujeres en un proceso que tardó casi 2.500 años en completarse”. (LERNER, 1990, p. 310).¹⁸ Segundo esta proposta, a dominação masculina teve

¹⁸ “O patriarcado é uma criação histórica elaborada por homens e mulheres em um processo que levou quase 2500 anos” (Tradução minha).

início quando as atividades de caça e coleta deram lugar à agricultura, que exigia reforço na unidade doméstica, por causa da maior necessidade de mão de obra.

Desde o período da caça e da coleta, quando a capacidade reprodutora da mulher foi reconhecida, roubos de mulheres eram praticados, devido ao alto índice de mortalidade feminina durante os partos. Essa prática ocasionava recorrentes guerras entre tribos e conseqüentemente colaborou para o desenvolvimento de uma cultura guerreira e de uma crescente coisificação das mulheres.

No período da agricultura, quando o aumento da disponibilidade de mão de obra tornou-se fundamental, desenvolveu-se e foi legitimado, através do tabu do incesto e da endogamia, o intercâmbio de mulheres, cujo objetivo era a negociação de sua capacidade reprodutiva:

La sexualidad de las mujeres, es decir, sus capacidades y servicios sexuales y reproductivos, se convirtió en una mercancía antes incluso de la creación de la civilización occidental. El desarrollo de la agricultura durante el período neolítico impulsó el 'intercambio de mujeres' entre tribus, no sólo como una manera de evitar las guerras incesantes mediante la consolidación de alianzas matrimoniales, sino también porque las sociedades con más mujeres podían producir más niños. A diferencia de las necesidades económicas en las sociedades cazadoras y recolectoras, los agricultores podían emplear mano de obra infantil para incrementar la producción y acumular excedentes (LERNER, 1990, p. 310).¹⁹

Tanto Lerner quanto Beauvoir apresentam o contexto do qual não podemos dissociar *Insubmissas lágrimas de mulheres*. No entanto, a reflexão de Lerner amplia a discussão. Sua contribuição consiste em pensar historicamente a condição da mulher, ou seja, demonstrar que o patriarcado é uma criação humana datada e não uma questão de determinismo biológico.

Além disso, sua reflexão é importante, pois aprofunda as investigações sobre o real motivo da subordinação feminina: o sistema simbólico ocidental, o qual excluiu as mulheres de qualquer protagonismo histórico, o que sugere que elas realmente nunca transcenderam como propôs Simone de Beauvoir (1961).

¹⁹ “A sexualidade das mulheres, ou seja, sua capacidade e serviços sexuais e reprodutivos se converteram em um comércio antes, inclusive, da criação da civilização. O desenvolvimento da agricultura durante o período neolítico impulsionou o intercâmbio de mulheres entre tribos, não só como uma maneira de evitar guerras incessantes, mediante a consolidação de alianças matrimoniais, como também porque as sociedades com mais mulheres poderiam produzir mais crianças. Diferentemente das sociedades caçadoras e coletoras, os agricultores poderiam empregar mão de obra infantil para incrementar a produção e acumular excedentes” (Tradução minha).

Tal sistema consolidou sua base metafórica recorrendo ao texto bíblico e à filosofia grega antiga, que contêm diversas passagens e ensinamentos que interpretam a condição feminina partindo de uma ótica androcêntrica.

Abandonar a visão determinista biológica que tem sido a via de interpretação da subordinação feminina nos últimos três milênios, recusar as ideologias que insistem em categorizar as mulheres como “sexo frágil”, romper com o pensamento que inferioriza sua sexualidade e trata como negativos alguns de seus aspectos, como a maternidade, é um movimento de insubmissão.

Junto a ele está a conscientização de que os papéis sociais são também construídos historicamente e que são continuados através de mecanismos de controle ideológico, cujas narrativas disseminadas por meio de aparatos institucionais se esforçam no sentido de naturalizar as relações de poder entre homens e mulheres.

A essa movimentação ideológica de continuidade de uma ordem estabelecida no passado e que persiste através dos tempos, Pierre Bourdieu (2014) chama *habitus*. Segundo ele:

As injunções continuadas silenciosas e invisíveis que o mundo sexualmente hierarquizado no qual elas são lançadas lhes dirige, preparam as mulheres, ao menos tanto quanto aos explícitos apelos à ordem, a aceitar como evidentes, naturais e inquestionáveis prescrições e proscricções arbitrárias que, inscritas na ordem das coisas, imprime-se insensivelmente na ordem dos corpos. (BOURDIEU, 2014, p. 84).

Como Lerner, Bourdieu acredita que a dominação masculina é simbólica. Para ele, no decorrer dos últimos séculos, desde a instauração e consolidação do patriarcado, os discursos que legitimam os *status quo* vigente têm sido construídos historicamente e veiculados por instituições responsáveis pela formação cultural dos indivíduos, tais como a Família, a Igreja, a Escola e o Estado.

Os mecanismos de eternização das estruturas de poder masculinas só podem existir imprimindo sua marca de sofrimento. Retomo aqui a concepção de trágico de Williams, segundo a qual a experiência trágica, desde o advento da modernidade até os dias atuais, diz respeito a todo sistema produtor de sofrimentos; toda desordem (que, com o auxílio das ideologias, se passa por ordem) e que precisa ser combatida. As “lágrimas” do título do livro de Conceição Evaristo se referem a este

sofrimento, encenado pelas protagonistas, mas que é coletivo e, por isso, representa o sofrimento de todas as mulheres, as quais, em dado momento da história, foram silenciadas, coisificadas e violentadas.

As personagens de *Insubmissas lágrimas de mulheres* são trágicas neste sentido, pois, conscientes de sua condição em um mundo androcêntrico, elas resistem. Nos contos presentes no livro há os requisitos para que se configurem situações trágicas (no sentido político proposto por Williams, amparado pelas considerações de Bornheim apresentadas anteriormente; pelas concepções sociológicas de Bourdieu e pela perspectiva histórica feminista de Lerner: são histórias de conflito entre ser mulher e uma ordem estabelecida).

Ordem/desordem opressora, sistema que produz sofrimentos e injustiças, que é continuado pelo *habitus* e que precisa ser combatido. A luta das protagonistas não é apenas contra seu agressor, no ambiente doméstico, é a luta contra todo um sistema de símbolos e instituições.

A violência simbólica, que atravessa os discursos dominantes, legitima e acompanha a violência corporal. Essas duas formas de agressão ao feminino são abordadas nos contos de *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Em alguns, ênfase maior é dada à violência praticada contra o corpo da mulher, como é o caso de “Aramides Florença”. Em outros, como “Natalina Soledad” a ênfase recai sobre a opressão simbólica. Há textos também que mesclam as duas formas de violência como o conto “Isaltina Campo Belo”.

Creio ser relevante destacar o que pensa a historiadora feminista Gerda Lerner a respeito do que significa a literatura produzida por mulheres, como arma simbólica, em um contexto de dominação e silenciamento, que vem sendo continuado há mais de 2500 anos:

Las mujeres creativas, las escritoras y las artistas han luchado asimismo contra una realidad distorsionada. Un canon literario que se defina a partir de la Biblia, los clásicos griegos y Milton, ocultará necesariamente la importancia y el significado de los trabajos literarios femeninos; del mismo modo que los historiadores hicieron desaparecer las actividades de las mujeres, el esfuerzo por resucitar este significado y revalorar la obra literaria y la poesía feministas nos ha adentrado em la lectura de una literatura femenina que muestra una visión del mundo oculta, deliberadamente tendenciosa y sin embargo intensa[...] Las voces literarias femeninas que el

sistema masculino dominante marginó y trivializó con éxito sobrevivieron a pesar de todo (LERNER, 1990, p. 325).²⁰

No capítulo seguinte, o conflito trágico encenado no livro de Conceição Evaristo, resultante da resistência feminina à violência de gênero legitimada pelo discurso patriarcal, será analisado de forma mais minuciosa.

²⁰ “As mulheres criativas, as escritoras e as artistas têm lutado assim mesmo contra uma realidade distorcida. Um cânone literário que se defina a partir da Bíblia, dos clássicos gregos e Milton ocultará necessariamente a importância de trabalhos literários femininos; da mesma forma que os historiadores fizeram desaparecer as atividades das mulheres, o esforço para ressuscitar o significado e valorizar a obra literária e a poesia feministas tem nos dado a conhecer a leitura de uma literatura feminina que mostra uma visão de mundo oculta, deliberadamente tendenciosa e, não obstante, intensa. As vozes literárias femininas, que o sistema masculino dominante marginalizou e trivializou com êxito sobreviveram apesar de tudo”. (Tradução minha).

Capítulo 2

Violência física

Foi daí, talvez, que descobri a função, a urgência, a dor, a necessidade e a esperança da escrita. É preciso comprometer a vida com a escrita ou é o inverso? Comprometer a escrita com a vida?

(Conceição Evaristo)

Las mujeres eran intercambiadas o compradas em matrimonio em provecho de su familia; mas tarde se las conquistaría o compraría como esclavas, con lo que las prestaciones sexuales entrarían a formar parte de su trabajo y sus hijos serían propiedad de sus amos. En cualquier sociedad conocida, los primeros esclavos fueran las mujeres de grupos conquistados, mientras los varones se les mataban.

(Gerda Lerner)

2.1 Violência de gênero: Limites entre realidade e ficção

Como assinaei, *Insubmissas lágrimas de mulheres* reúne treze contos, cujas protagonistas relatam experiências marcadas pela dor, violência e humilhação. No contexto da enunciação, as feridas abertas no enfrentamento do machismo já estão cicatrizadas, ou em processo de cicatrização. Já foi mencionado também o fato de que o livro não é o primeiro trabalho de Conceição Evaristo com este gênero literário, pois a autora havia publicado diversos contos no periódico *Cadernos Negros*. O que diferencia a publicação aqui estudada das narrativas anteriores é sua unidade, tanto temática quanto estrutural.

Unidade temática, uma vez que em quase todos os textos aparecem: situações de violência de gênero seja ela simbólica ou corpórea, experiências de maternidade, a ideia do feminino como força resiliente e, em alguns deles, a ausência/expulsão (festejada) do pai que, no caso, é metonímia do poder androcêntrico.

Unidade estrutural porque, além do diálogo temático entre os contos, há a presença de uma personagem narradora que reúne essas histórias. É ela quem, em visita às protagonistas, ouve o que elas têm a contar, para depois compartilhar tais narrativas com o leitor.

Assim se apresenta essa voz que, propositalmente, se confunde com a voz da autora empírica:

Gosto de ouvir, mas não sei se sou hábil conselheira. Ouço muito. Da voz da outra faço a minha, as histórias também. E, no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta. E, quando de mim uma lágrima se faz mais rápida do que o gesto de minha mão a correr sobre meu próprio rosto, deixo o choro viver (EVARISTO, 2011, p. 9).

Na apresentação a narradora ouvinte reflete sobre os limites entre realidade e ficção. As histórias reunidas por ela seriam apenas relatos documentais sobre as vidas das protagonistas? Seriam estes relatos retratos fieis de uma realidade de sofrimento e opressão vivenciados por mulheres, especialmente as negras, em nosso país? Ou haveria neles algo de ficção, invenção, lirismo? São palavras da narradora:

Portanto estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que às vezes se (con) fundem com as minhas. Invento? Sim, invento sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde, e por isso se acrescenta. (EVARISTO, 2011, p. 9).

A fusão se dá entre o real vivido pelas protagonistas que contam e o real vivido e rememorado pela narradora. Dá-se também entre esse real partilhado e a invenção ficcional. Nas lacunas da experiência entra o trabalho de representação da literatura: vida e escrita se (con)fundem. A esse entrelaçamento de memória e invenção, Conceição Evaristo, em texto anterior, ao falar da origem de sua escrita, chamou de “escrevivência”. “Foi daí, talvez, que eu descobri a urgência, a dor, a necessidade e a esperança da escrita. É preciso comprometer a vida com a escrita ou é o inverso? Comprometer a escrita com a vida?” (EVARISTO, 2007, P. 16-21).

A narradora de *Insubmissas lágrimas de mulheres* assume, ainda na apresentação do livro, uma literatura de escrevivências, a qual ela afirma continuar no “premeditado ato de traçar” (EVARISTO, 2011, p. 9). O ato é de continuação, uma vez que em todos os textos anteriores de Evaristo, tal traço está presente: em *Ponciá Vicêncio* (2003), seu primeiro romance publicado, em que a realidade dura vivenciada pelos negros no período posterior à lei áurea se funde com a memória ancestral da autora; em *Becos da Memória* (2006), em que sua infância é também recriada e ressignificada pela literatura; nos contos de *Cadernos Negros*, a maioria de forte apelo social e, finalmente, em sua poesia, na qual o real vivido, a experiência feminina e negra, a dor do racismo sempre são pontos de partida para os versos.

A escrevivência de Conceição Evaristo se aproxima do que Wolfgang Iser (1983) chama de “atos de fingir”. Para o teórico, realidade e ficção não estão em campos opostos, dispostos binariamente, mas são formadas do mesmo material do imaginário e não se apreende a realidade, mas ela é construída sempre, dinâmica e incansavelmente com o imaginário: A ficção provém do ato de ultrapasse das fronteiras existentes entre o imaginário e o real, mas mantém uma diferença constante quanto a eles [...] adquire predicados da realidade e guarda predicados do imaginário (ISER, 1983, p. 379).

O ato de fingir seria então a organização dos materiais fornecidos tanto pelo (ou recolhidos do) mundo real (extratextual) quanto pelo imaginário. O ato de fingir é uma estratégia de construção do universo ficcional (mundo do texto). Essa estratégia, segundo Iser, permite uma perspectivação do mundo, ou seja, permite que o leitor, no contato com o texto literário, crie contrastes, seja provocado a descortinar suas percepções e seja induzido à comparação, ao “como se”.

Em outras palavras: o texto literário abre as percepções do leitor para um mundo que é como se fosse, que poderia ou deveria ser e, muitas vezes, como nunca deveria ter sido. A escrevivência conduz o leitor pelo mesmo caminho, pois repete a realidade transformando-a em signo de outra coisa. Como no ato de fingir, permite a reformulação do mundo e o despertar de uma nova consciência sobre a realidade. No ato fingir (e, a meu ver, na escrevivência):

A formulação do não formulado abarca a possibilidade de nós formularmos e descobrirmos o que até esse momento parecia subtrair-se a nossa consciência. Neste sentido a literatura oferece a oportunidade de formularmo-nos a nós mesmos, formulando o não dito [...] de constituirmos a nós mesmos constituindo uma realidade que nos era estranha (ISER, 1990, p. 82-83).

No caso específico de *Insubmissas lágrimas de mulheres* a formulação do não dito e do que parecia subtrair-se à nossa consciência se relaciona à percepção do poder simbólico androcêntrico, ao *habitus*, gerador tanto de violência simbólica, quanto de violência corpórea contra as mulheres, há milênios, como exposto por Lerner e Bourdieu.

Insubmissas lágrimas de mulheres expõe a realidade, tratada de forma ficcional, numa escrevivência que revela situações diversas de violência de gênero. Nos contos nos é apresentado um mundo de relações entre homens e mulheres que nunca deveria ter sido. No entanto, de forma otimista, nos são apresentados desfechos que “deveriam ser” ou “poderiam ser”. A maneira como as histórias são concluídas demonstra a força resiliente feminina frente aos sofrimentos impostos por uma sociedade perversamente machista e violenta e aponta para um desejo de profunda mudança cultural, econômica e social, revelando o teor trágico dessas narrativas.

As protagonistas são brasileiras e negras. Logo, antes de analisar “Aramides Florença”, “Shirley Paixão” e “Lia Gabriel”, textos que fazem parte do estudo deste capítulo e que abordam principalmente o tema da violência corpórea, creio ser pertinente apresentar alguns dados sobre a violência contra a mulher brasileira, em pesquisa realizada pelo Data Senado²¹

Em 2013, 7 anos de Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006), 99% das mulheres de todos os extratos sociais, idades e níveis de escolaridade, crença ou raça, já tinham ouvido falar dela. Desde sua sanção, 13 milhões e 500 mil mulheres já sofreram algum tipo de agressão (o que equivale a 19% da população feminina com mais de 16 anos). Destas, 31% ainda convivem com o agressor. 14% ainda sofrem algum tipo de violência. Ou seja, 700 mil mulheres continuam sendo alvo de agressores.

Num *ranking* de 84 países o Brasil é o 7º, em termos de feminicídio, pior que os países da América Latina (exceto Colômbia); europeus (exceto Rússia) e pior do que todos os países africanos e árabes. 66% das mulheres se sentem protegidas pela Lei. O otimismo maior é entre mulheres jovens (71%), as que têm formação superior (71%) e as de renda alta (75%). Na região sul do país, a eficácia da lei é reconhecida por quase 80% das mulheres. Já o sentimento de desproteção **atinge mais as mulheres negras** (41%), comparativamente com os índices de outros grupos: 28% das brancas e 31% das pardas.

Há vítimas em todos os segmentos sociais. 1 em cada 5 brasileiras reconhece ter sido vítima de violência doméstica ou familiar provocada por um homem. Os percentuais mais elevados estão entre as mulheres que têm menor nível de escolaridade, as que recebem até 2 salários mínimos e as que têm idade de 40 a 49 anos.

A violência física é o tipo mais frequente, segundo relato de 62% das entrevistadas (desde 2009, em todas as rodadas de pesquisa, tem sido esse o tipo de violência mais citado). A violência moral aparece em 2º lugar (39%), acompanhada pela violência psicológica (38%). Na maioria dos casos, o agressor é o próprio parceiro (65%- marido, companheiro ou namorado). Os outros casos de

²¹ SENADO FEDERAL. Secretaria de transparência. Violência doméstica e familiar contra a mulher. Data Senado, 2013. Disponível em : http://www.senado.gov.br/senado/datasenado/pdf/datasenado/DataSenado-Pesquisa-Violencia_Domestica_contra_a_Mulher_2013.pdf. Acesso: 25/03/2014.

dividem em: Ex-maridos, ex-companheiros e ex-namorados- 13%. E parentes consangüíneos e cunhados- 11%

Segundo a pesquisa, há uma tendência das mulheres agredidas de não procurarem a polícia. Os motivos da não denúncia são: 1) Medo do agressor- (74% das entrevistadas), 2) Dependência financeira e preocupação com a criação dos filhos- (34% das entrevistadas) e 3) Vergonha- (19% das entrevistadas. A vergonha é maior entre as mulheres mais escolarizadas e com maior renda).

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA - também realizou pesquisa²² sobre o feminicídio no Brasil (os períodos abrangem os 5 anos anteriores à sanção da Lei Maria da Penha e os 5 anos posteriores. A pesquisa revela que, entre 2001 e 2009, 50 mil mulheres foram assassinadas por homens, o que equivale a, aproximadamente, 5.000 mortes por ano. Em relação à sanção da lei Maria da Penha, constatou-se que ela não provocou impacto, pois não houve redução das taxas de mortalidade, comparando-se os períodos anteriores e posteriores à lei. Houve um pequeno decréscimo no ano de 2007, um ano após o ano de início de sua vigência. Logo depois, os números retornaram aos patamares registrados anteriormente.

Os principais resultados do período entre 2009 e 2011 foram: houve uma média de 5664 mortes de mulheres por causas violentas a cada ano, 472 por mês, 15,52 por dia e 1 a cada hora e meia. 61% dos óbitos foram de mulheres negras. Elas foram as principais vítimas em todas as regiões do país, exceto no sul. Destaque para as regiões nordeste, onde 87% das mulheres assassinadas eram negras; norte e centro-oeste, cujos números são, respectivamente, 83% e 68%.

É com essa realidade revelada pelas pesquisas citadas que os textos de *Insubmissas lágrimas de mulheres* dialogam. Todos os resultados são importantes para que a sociedade se conscientize e exija das autoridades o desenvolvimento de ações de combate à violência de gênero. No entanto, alguns dos números obtidos junto às entrevistadas têm maior relevância para este estudo do que outros.

Os resultados referentes à violência contra as mulheres negras, por exemplo. No caso dos feminicídios, o fato de 61% dos óbitos serem de mulheres negras é

²² IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2013. Violência contra a mulher: feminicídio no Brasil. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/130925_sum_estudo_femicidio_leilagarcia.pdf. Acesso em: ago. 2014.

assustador. Diante disso, não é surpreendente que o sentimento de desamparo seja maior entre elas, como revelou a pesquisa Data Senado, aqui citada. Isso só prova o que já afirmou a socióloga Heleieth Saffioti (1987):

Ainda que a supremacia dos ricos e brancos torne mais complexa a percepção da dominação das mulheres pelos homens, não se pode negar que a última colocada na 'ordem das bicadas' é uma mulher. Na sociedade brasileira, esta última posição é ocupada por mulheres negras e pobres (SAFFIOTI, 1987, p. 16).

Outro resultado bastante relevante para este estudo é o que demonstra que o principal agressor é o parceiro íntimo. Na maior parte dos contos de *Insubmissas lágrimas de mulheres* é isso que acontece: as mulheres são agredidas pelo marido, namorado ou companheiro, o que resulta, geralmente, em perda da confiança neles e conseqüente separação do casal.

É preciso lembrar que a violência corpórea, quando praticada na relação entre gêneros, não pode ser dissociada de um contexto mais amplo de violência simbólica. A violência simbólica, para Bourdieu (2013) é entendida como:

Violência suave, insensível, invisível as suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento (BOURDIEU, 2013,p. 7-8).

Nas sociedades patriarcais, como visto em Lerner (1990), as mulheres sofrem esse tipo de violência desde que os homens se apropriaram do poder simbólico, impondo seus pontos de vista e vontades a elas, além de terem registrado apenas o protagonismo masculino nas páginas da História, numa relação de dominação que vem se perpetuando pelo *habitus* androcêntrico.

Dessa forma, a violência corpórea é consequência de uma maneira de pensar, enraizada culturalmente, que delega aos homens direitos sobre os corpos femininos, desde a instituição do tabu do incesto e do intercâmbio de mulheres, primeira prática mercantil, no período de formação do Estado arcaico.

Para Gomes (2008), o modelo de dominação masculina que tem sido mantido desde a instauração do patriarcado valoriza algumas características que se relacionam com a violência corpórea:

No modelo de dominação masculina são valorizadas características como força, o poder sobre os mais fracos (seja sobre mulheres ou sobre outros homens), a coragem, a atividade (aqui entendida como o contrário da passividade, inclusive sexual), a potência, a resistência, a invulnerabilidade, entre outras, consideradas positivas (GOMES, 2008, p. 77).

Logo, quando as personagens de *Insubmissas lágrimas de mulheres* se erguem contra a força e o poder de seus algozes, no universo privado da vida doméstica estão, ao mesmo tempo, levantando-se contra a dominação masculina e reagindo à imposição do poder simbólico e *ao habitus* andocêntrico, tão caros ao patriarcado.

Os três contos analisados neste capítulo (“Aramides Florença”, “Shirley Paixão” e “Lia Gabriel”) possuem temáticas semelhantes: a maternidade vivenciada em ambiente hostil, a violência corpórea (incluindo a sexual), a presença violenta do pai, seguida por sua ausência festejada, esta motivada por expulsão, abandono ou fuga.

Serão apresentados, em primeiro lugar, os enredos destes contos. Em seguida, as relações entre eles e a ideia do sofrimento do corpo, entendido como sofrimento trágico, uma vez que é provocado por relações hierárquicas de poder entre gêneros.

2.2 Aramides Florença

A narrativa tem início com a chegada da narradora - personagem à casa da protagonista. É dela a voz em grande parte do texto, narrado, até a cena do estupro, em terceira pessoa. Aramides só assume a fala a partir desse momento.

O enredo pode ser dividido em quatro partes. Na primeira acontece o encontro entre a narradora - personagem e a protagonista, acompanhada de seu filho de pouco mais de um ano de idade. É quando a narradora tem a impressão de que o bebê se rejubila com a ausência do pai: “teria a criança tão novinha – pensei mais tarde, quando ouvi a história de Aramides Florença – rejubilado também com a partida do pai? Só a mãe, a mulher sozinha, lhe bastava?” (EVARISTO, 2011, p. 12).

A narradora, neste primeiro contato, também observa o quão é intensa a relação entre a mãe e sua criança, relação esta estreitada pelo aleitamento materno:

“Aramides Florença buscava ser o alimento do filho. E, literalmente, era. O menino só se nutria do leite materno” (EVARISTO, 2011, p. 12). Segundo a narradora, a relação entre mãe e filho nem sempre fora assim, pois “havia a figura do pai por perto” (EVARISTO, 2011, p. 12). Com essas palavras tem início a segunda parte do conto, quando os episódios ocorridos no período pré-natal são narrados.

Antes da união, o casal tivera um namoro feliz. Com a situação financeira satisfatória e sob controle, Aramides e o companheiro decidem montar um apartamento, onde morariam juntos. “Ela, chefe de departamento de pessoal de uma promissora empresa, ele, funcionário de um grande banco” (EVARISTO, 2011, p.13). Quando Aramides engravida (gravidez planejada, fruto de uma escolha), a reação do companheiro é positiva, de aparente felicidade incontida:

O pai, embevecido e encabulado com o milagre que ele também fazia acontecer, repartia os seus mil sorrisos ao lado da mãe. E mais se desmanchava em alegrias quando percebia com o toque da mãe ou com o encostar do corpo no ventre engrandecido da mulher, a vital movimentação da criança (EVARISTO, 2011, p.14).

A terceira parte do conto começa com o primeiro ato violento do companheiro de Aramides Florença, ato que “inaugurou uma perturbação entre os dois” (EVARISTO, 2011, p.14). A violência do marido buscou ferir o corpo grávido de Aramides, provocando dor. O instrumento utilizado para isso foi um aparelho de barbear, com uma lâmina acoplada, que o marido deixou propositalmente sobre a cama. “Com dificuldade para se erguer, gritou de dor. Um filete de sangue escorria de um dos lados de seu ventre. Aramides não conseguiu entender a presença daquele objeto estranho em cima da cama” (EVARISTO, 2011, p. 14-15). O homem, obviamente, inventou desculpas. Não soube explicar o que o objeto cortante fazia sobre a cama dos dois.

Semanas após, outro episódio semelhante faz com que Aramides comece a perder a confiança no companheiro. Dessa vez, em vez do corte, a queimadura:

Pelo espelho, viu seu homem se aproximar cautelosamente. Adivinhou o abraço que receberia por trás. Fechou os olhos e gozou antecipadamente o carinho das mãos do companheiro em sua barriga. Só que, nesse instante, gritou de dor. Ele, que pouco fumava, e principalmente se estivesse na

presença dela, acabara de abraçá-la com o cigarro aceso entre os dedos (EVARISTO, 2011, p. 15).

O abraço traiçoeiro é violento e doloroso: “foi um gesto tão rápido e tão violento que o cigarro foi macerado e apagado no ventre de Aramides. Um ligeiro odor de carne queimada invadiu o ar” (EVARISTO, 2011, p. 15).

Após o nascimento da criança, que recebe o nome de Emildes, a relação do casal parece encontrar novamente equilíbrio. O curto período de harmonia experimentado por Aramides foi suficiente para que ela quase alojasse a dor sentida outrora na “deslembração do esquecimento” (EVARISTO, 2011, p. 16).

No entanto, a paz durou pouco. O companheiro de Aramides, certa noite, reivindica a posse do corpo da mulher, perdida desde o início da gravidez:

Passadas as duas primeiras semanas, uma noite, já deitados, o homem olhando para o filho no berço, perguntou a Aramides quando ela novamente seria dele, só dele. A indagação lhe pareceu tão despropositada, que ela não conseguiu responder, embora tenha percebido o tom ciumento da pergunta. Um silêncio se instalou entre os dois. Aramides desejou que o bebê acordasse chorando, mas ele ressonava tranquilo. Buscando apaziguar a insegurança do homem, ela se aconchegou a ele, que levantou rispidamente. E foi tão violento o bater de porta quando ele abandonou o quarto, que o bebê, antes tão em paz, acordou chorando (EVARISTO, 2011, p. 17).

Com esse ato de truculência a paz comedida entre ambos se esfacela. O episódio se repete outras vezes e o medo toma conta do coração e do corpo de Aramides Florença. Além disso, o bebê compartilha do pavor, pois passa a agir com desespero e inquietude na presença do pai, irrompendo em lágrimas.

A quarta parte do conto é, sem dúvida, a mais árida. Aramides assume a fala e narra em primeira pessoa o episódio triste e doloroso da violação de seu corpo. O sofrimento corpóreo é enfatizado: “à mostra, o engano velado que se instalara entre os dois desde a gravidez e que ambos tentavam ignorar, ganhou corpo concreto. E foi por meio do corpo concreto dos dois que a eclosão se deu” (EVARISTO, 2011, p. 17).

Segue o depoimento de Aramides Florença, sobre como foi estuprada pelo próprio companheiro e também pai de seu filho recém-nascido:

Estava eu amamentando meu filho – me disse Aramides, enfatizando o sentido da frase, ao pronunciar pausadamente cada palavra – quando o pai de Emildes chegou. De chofre arrancou o menino dos meus braços, colocando-o no bercinho, sem nenhum cuidado. Só faltou arremessar a criança. Tive a impressão de que tinha sido esse o desejo dele. No mesmo instante, eu já estava de pé, agarrando-o pelas costas e gritando desamparadamente. Ninguém por perto para socorrer meu filho e a mim. Numa sucessão de gestos violentos, ele me jogou sobre nossa cama, rasgando minhas roupas e tocando um de meus seios que já estava descoberto, no ato da amamentação de meu filho. E, dessa forma, o pai de Emildes me violentou (EVARISTO, 2011, p. 17-18).

Aramides Florença fala ainda de sua perplexidade diante da absurdidade do acontecimento, fala da dor e do nojo sentidos e do sangue derramado no ato de violência contra seu corpo. A protagonista finaliza a narrativa contando que o homem, após tê-la estuprado, a deixou para nunca mais retornar.

2.3 Shirley Paixão

O conto “Shirley Paixão” é predominantemente narrado em primeira pessoa pela protagonista. Logo no início, Shirley revela à narradora personagem que havia desejado matar seu opressor. Em relação a esse sentimento, mesmo tanto tempo depois (contexto de enunciação se distancia há quase trinta anos do acontecimento narrado) não havia, da parte dela, arrependimento algum pelo crime cometido.

Assim como em “Aramides Florença” o agressor na história contada por Shirley era o próprio marido, com o qual ela viveu durante anos. Ele era pai de três meninas; Shirley era mãe de duas. Quando decidiram morar juntos, as duas famílias tornaram-se uma só. “As cinco meninas tinham idade entre cinco e nove anos. E, logo, logo selaram irmandade entre elas (...). As meninas, filhas dele se tornaram tão minhas quanto as minhas. Mãe me tornei de todas elas” (EVARISTO, 2011, p.25).

A irmandade feminina e a força que nascia com ela acabaram por incomodar o único homem da casa. É a partir desse estranhamento que surge o conflito: “às vezes, o homem da casa nos acusava, implicando com o nosso estar sempre junto. Nunca me importei com as investidas dele contra a aliança que nos fortalecia” (EVARISTO, 2011, p. 26). Tal conflito é nomeado por Shirley com palavras do campo semântico próprias dos eventos bélicos: “Uma batalha nos esperava e no centro do combate o inimigo seria ele” (EVARISTO, 2011, p. 26).

Shirley desloca, em determinado momento, a narrativa para a figura de Seni, a mais velha das filhas de seu companheiro. Fala, sobretudo, de seu jeito silencioso de viver, de sua timidez, de seu zelo com as irmãs mais novas. De seu zelo com a própria Shirley, sua mãe/madrasta.

Seni, a mais velha de minhas filhas, a menina que havia chegado à minha casa quando faltavam três meses para completar cinco anos, sempre foi a mais arredia. Não por gestos, mas por palavras. Era capaz de ficar longo tempo de mãos dadas com as irmãs, ou comigo, sem dizer nada, em profundo silêncio. Nos primeiros tempos de nosso convívio, era mais caladinha ainda. Respeitei sua pouca fala, imaginei saudades contidas e incompreensão diante da morte da mãe (EVARISTO, 2011, p. 26).

Shirley Paixão também chama a atenção para a relação entre Seni e o pai, que não era harmoniosa. Segundo ela, o pai era implicante e não tinha paciência com a filha. Ela não era sua preferida, ao contrário.

A menina, já com doze anos, tinha inteligência acima da média, mania de perfeição e se punia com autocensura. Seu comportamento diferente intrigava uma de suas professoras, a qual, em conversa com Shirley, indagou se em casa os pais eram muito severos com ela. Shirley explica que não; havia sim a implicância paterna, carregada de deboche, mas exigências e severidade não.

Ao comentar com o marido a conversa que tivera com a professora sobre suas preocupações com Seni, Shirley percebe que ele, estranhamente, irrita-se:

Quando comentei com o pai dela a conversa e os conselhos da professora, ele teve um acesso de raiva. Só faltou agredir fisicamente a menina e acho mesmo que não investi contra ela, porque eu estava por perto. Seni entrou em pânico. Chorava desesperadamente, me agarrava com tamanha força, como se quisesse enfiar o corpo dela dentro do meu. Como se pedisse abrigo no mais profundo de mim [...] Encarei o homem, que ainda era meu marido. Ele olhava estranhamente para a filha. (EVARISTO, 2011, p. 28).

Durante esse primeiro momento de tensão, Shirley grita com o homem, ordenando que saísse de perto das duas, e ele, a contragosto, obedece. No entanto, horas mais tarde, quando todas haviam se deitado, o marido de Shirley Paixão retorna a casa e segue para o quarto onde as meninas dormiam. Lá, ele tira Seni violentamente da cama e a desnuda, com a intenção de estuprá-la.

Na verdade, a menina já vinha sofrendo violência sexual, perpetrada pelo pai há anos, desde que a mãe biológica falecera. Nas outras vezes, o homem sempre

agira com cautela, levando-a para os fundos da casa. A menina, por sua vez, sofria os abusos em silêncio.

Dessa vez ela gritou, acordando as irmãs e Shirley. Todas pensaram, a princípio, que um estranho havia invadido a casa, até se darem conta de que se tratava do pai/padrasto/marido:

Foi quando assisti à cena mais dolorosa da minha vida. Um homem esbravejando, tentando agarrar, possuir, violentar o corpo nu de uma menina, enquanto outras vozes suplicantes, desesperadas, desamparadas chamavam por socorro. Pediam ajuda ao pai, sem perceberem que ele era o próprio algoz. (EVARISTO, 2011, p. 30)

Diante da cena de violência, Shirley, num impulso, reage:

Uma pequena barra de ferro, que funcionava como tranca para a janela, jazia em um dos cantos do quarto. Foi só levantar e abaixar a barra. Quando vi, o animal caiu estatelado no chão. Na metade do movimento alguém me segurou – Uma vizinha (EVARISTO, 2011, p. 30).

Nos momentos seguintes, outros vizinhos chegam. O homem permanece caído (apenas desmaiado), Seni, nua e envergonhada, as outras meninas choram e Shirley é atravessada por perplexidades e por um sentimento de absurdo semelhante ao experimentado por Aramides Florença, na ocasião em que foi estuprada pelo marido.

O algoz vai para a cadeia. Shirley também. Cumpre pena de três anos e só depois pode refazer a vida junto de suas filhas. Anos mais tarde, as meninas crescem e fazem também a família crescer. A geração de meninas que desponta é indício de uma força feminina em crescimento que não pode, jamais, ser suplantada: “A nossa irmandade, a confraria de mulheres, é agora fortalecida por uma geração de meninas netas que desponta” (EVARISTO, 2011, p. 31).

2.4 Lia Gabriel

Em “Lia Gabriel”, como nos dois contos apresentados anteriormente, a violência corpórea, a maternidade e ausência do pai são as temáticas principais.

Acrescenta-se, no entanto, outra vivência dolorosa: a experiência da doença mental de um dos filhos.

Como em “Shirley Paixão” a protagonista Lia Gabriel é quem fala durante grande parte do texto. À narradora personagem cabem alguns comentários introdutórios, que cumprem o papel de criar uma identidade, ou continuidade entre as narrativas do livro: “Enquanto Lia Gabriel me narrava a história dela, a lembrança de Aramides Florença se intrometeu entre nós duas” (EVARISTO, 2011, p. 81).

Para a narradora personagem, os principais elos que unem as protagonistas de *Insubmissas lágrimas de mulheres* são as dores sentidas e a força resiliente que possibilita a ressurreição, o reerguer-se:

Por breve instante me veio também a imagem da Mater Dolorosa e do filho de Deus pregado na cruz, ficções bíblicas, a significar a fé de muitos. Outras deusas, mulheres salvadoras, procurando se desvencilhar da cruz, avultaram em minha memória. Aramides Lia, Shirley, Isaltina, Daluz e mais outras que desfiavam as contas de um infinito rosário de dor. E depois, elas mesmas, a partir de seus corpos mulheres, concebem a própria ressurreição e persistem vivendo (EVARISTO, 2011, p. 81).

A protagonista Lia Gabriel começa o relato falando de sua solidão e da necessidade que tinha de contar, de narrar sua história para alguém. A presença da narradora personagem, disponível para a escuta é, portanto, fundamental.

Lia era mãe de três filhos. O mais novo deles, Máximo Gabriel, certa vez, foi diagnosticado como esquizofrênico.

E, embora eu tenha entendido o significado da palavra perguntei atordoada – Esquizofrênico? Como? Por quê? Dr. Fialho, talvez apostando na minha ignorância quanto ao significado do termo, me olhou, dizendo pausadamente: Mãe, seu filho parece sofrer de esquizofrenia, isto é, é louco, doido! (EVARISTO, 2011, p. 82).

Diante do diagnóstico, Lia se desespera. Relembra a história de Francisquinha, a louca da cidade de sua infância, do desamparo dela e do sofrimento. Teme o mesmo para o filho. Peregrina com o menino de hospital em hospital. Máximo Gabriel oscila entre a doçura e a agressividade, sempre contra ele mesmo.

Lia Gabriel conta que, na ocasião do triste diagnóstico médico, o pai das crianças já não vivia mais com ela, pois já havia saído de casa há quase dois anos, por causa de uma briga, a qual é detalhada ao final do conto, em que fica clara a relação entre a situação de violência vivida por Lia e pelos filhos e a doença de Máximo.

Do pai, com certeza você deve estar me perguntando sem perguntar. Nesse momento de nossa conversa Lia Gabriel se levantou e foi até a janela e lá ficou por uns instantes – Naquele tempo – continuou ela – o pai já tinha ido embora há quase dois anos. Saíra de casa após uma briga, em que, para me proteger peguei as crianças e fui para a casa de minha mãe cuidar de nossas feridas do corpo e da alma. Quando retornei com as crianças, todos os compartimentos estavam vazios. Nem a cama ele deixou. (EVARISTO, 2011, p. 83).

Lia prossegue contando como foi a vida sem a colaboração financeira do marido e com a doença de Máximo, que piorava à medida que o menino crescia. A protagonista era professora de matemática. Deixou a escola em que trabalhava para lecionar em casa. Além disso, passou a consertar aparelhos de uso doméstico e, aos poucos, montou uma oficina eletrônica. Para ela, consertar coisas metaforizava o ato de consertar a vida:

Desde menina, eu tinha certo pendor para a montagem de rádios, televisão, etc. Transformei essa habilidade em profissão. Durante muito tempo, enquanto as crianças eram pequenas, sobrevivemos das aulas que eu dava em casa e do dinheiro da loja 'Tudo tem conserto'. E tem. Consertei minha vida, cuja mola estava enferrujando (EVARISTO, 2011, p. 84).

O tempo passa. As crianças crescem. As crises de Máximo Gabriel se intensificam. Junto ao choro nervoso e autoflagelo, o adolescente, já com 15 anos, agride verbalmente a um inimigo invisível. No hospital, decidem interná-lo. Durante o tratamento, a psiquiatra descobre quem era o inimigo invisível com que brigava e o motivo de todas as suas crises: o pai, o monstro que desejava matar.

Tal descoberta faz com que Lia Gabriel se lembre da cena dolorosa de briga de treze anos atrás, quando foi espancada na frente dos filhos e abandonada, momento em que a imagem negativa do pai foi impressa na mente de Máximo, na época, com dois anos de idade. Segue a narração da cena. A citação é longa, mas necessária:

Era uma tarde de domingo, eu estava com as crianças assentadas no chão da sala, fazendo uns joguinhos de armar, quando ele entrou pisando grosso e perguntando pelo almoço. Assentada, eu continuei e respondi que o prato dele estava no micro-ondas, era só ele ligar. Passados uns instantes ele, o cão raivoso, retornou à sala, avançou sobre mim, arrastando-me para a área de trabalho. Lá, abriu a torneira do tanque e, tampando a minha boca, enfiou minha cabeça debaixo d'água, enquanto me dava fortes joelhadas por trás. Não era a primeira vez que ele me agredia. As crianças choravam aturdidas. Eu só escutava os gritos e imaginava o temor delas. Em seguida, ele me jogou no quartinho de empregada e, com o cinto na mão, ordenou que eu tirasse a roupa, me chicoteando várias vezes. (...). Depois, ele voltou à sala e trouxe o meu menino, já nu, arremessando a criança contra mim. Amparei meu filho em meus braços, que já sangravam. Começou, então, nova sessão de torturas. Ele me chicoteando e eu, com Gabriel no colo. E quando uma das chicotadas pegou o corpo do menino, eu só tive tempo de me envergar sobre meu filho e oferecer minhas costas e minhas nádegas nuas ao homem que me torturava (EVARISTO, 2011, p. 87).

No momento da enunciação, Lia Gabriel ainda tem esperanças de que o filho possa apagar a imagem do pai monstro, motivo de tormento desde a infância e desenhada na mente dele na situação de violência narrada.

2.5 O trágico e o sofrimento físico: as *longues durées* e o corpo feminino.

Antes de aprofundar as reflexões sobre o sofrimento físico nos contos apresentados, é interessante situá-lo historicamente. Para Terry Eagleton (2013), atreladas aos ritmos de transformação histórica estão as *longues durées*, que não permitem que a história seja reduzida a mudanças:

Entretanto, há também muita coisa nos registros da humanidade que não se altera, ou que se altera apenas muito gradativamente, o que é uma boa razão para que políticas radicais estejam em atividade. A maior parte de qualquer presente é feita de passado. A história como disse Mulhern, é em grande medida continuidade. Faz parte de seu complexo peso material não poder ser constantemente remodelada. E, mesmo quando conseguimos transformá-la de fato podemos perceber que seu peso como um pesadelo no cérebro dos vivos (EAGLETON, 2013, p. 15).

Uma dessas *longues durées*, segundo ele, é o sofrimento do corpo. É importante deixar claro que quando o ensaísta considera que o sofrimento físico atravessou eras e eras sem praticamente sofrer alterações, ele não pretende dissociá-lo de contextualização histórica. Conforme seu raciocínio, o sofrimento é *longue durée*, pois surge em vários contextos, desde que a humanidade apareceu

no planeta Terra e a dor, independente do sistema simbólico que busque interpretá-la, na carne é sentida da mesma maneira. A história humana inclui a história do corpo.

Para endossar sua tese, Eagleton recupera um argumento de Adorno, segundo o qual: “Não é que a tortura e a aflição sejam não contextuais, mas que elas surgem subitamente com uma regularidade alarmante em *tantos* contextos, do Neolítico à OTAN” (EAGLETON, 2013, p. 16).

O sofrimento físico entendido como *longue durée* está inserido, na visão de Eagleton, na categoria do que é inerente a nosso ser genérico, ou seja, o fato de todo ser humano possuir um corpo material, frágil e perecível é algo que se transformou pouco ao longo dos séculos. Contra as doenças e a dor foram inventados medicamentos, mas todos paliativos: o corpo ainda se degenera. O corpo ainda envelhece. O corpo ainda morre. O corpo não suporta grandes baques. O sofrimento físico é, portanto, trágico, se considerarmos o trágico como conflito que, no caso seria entre a vontade de persistir e as forças que nos levam a sucumbir diante da miséria e da fraqueza do corpo que define.

Mas é preciso atenção: pensar o sofrimento físico como *longue durée*, como elemento biologicamente inerente ao corpo humano não deve servir de justificativa para se naturalizar a violência, essa que é uma das principais produtoras de sofrimentos. Sabe-se que uma das diversas definições de violência diz respeito ao sofrimento físico (para Bourdieu, também simbólico) experimentado por alguém e provocado por outrem, sendo assim resultado da ação humana.

É preciso estabelecer diferenças, pois há quem defenda que atos violentos são próprios da natureza humana. Tal concepção de violência é muito perigosa, pois naturalizar atos do tipo poderia levar à relativização das responsabilidades de quem os pratica. Para Minayo e Souza:

De um lado, estão aqueles que sustentam que a violência resulta de necessidades biológicas, psicológicas ou sociais, fundamentando-se na sociobiologia ou na etologia. De outro, estão aqueles que a explicam como fenômeno de causalidade apenas social, provocada quer pela dissolução da ordem, quer pela vingança dos oprimidos, quer pela fraqueza do Estado (MINAYO & SOUZA, 1998, p. 1).

A questão é complexa em demasia e não será discutida aqui. Para todos os efeitos, a violência abordada neste estudo não é entendida como natural ao ser humano e sim como construção histórica e social, engendrada sempre nas entrelinhas das disputas por poder. E, a meu ver, ela só é instrumento de dominação eficaz, porque o corpo é naturalmente frágil e, à sua ameaça, se rende facilmente temendo o sofrimento.

Para a historiadora Gerda Lerner, a história do patriarcado e da opressão às mulheres tem início justamente com o corpo feminino violentado, no contexto do intercâmbio de mulheres, nos primórdios dos estados arcaicos, que coisificou a sexualidade feminina, negociada como mercadoria, tese defendida por Lévi-Strauss e Meillassoux.

Lerner concorda com esses antropólogos quando afirmam que a mulher e sua capacidade reprodutora, coisificadas, foram o primeiro caso de propriedade privada e que, além disso, sua subordinação ao patriarca resultou nas primeiras experiências de escravidão da humanidade. Segundo Lerner, parece haver um consenso entre os especialistas no assunto de que os primeiros escravos de que se tem notícia foram mulheres (LERNER, 1990).

O processo histórico que se desenvolveu até a consolidação da subordinação feminina teria iniciado na transição entre as sociedades de caça e coleta e começo da agricultura, ou seja, no estado intermediário, caracterizado pela prática da horticultura.

Nas sociedades de caça e coleta:

Hombres, mujeres y niños de uno y otro sexo participan en la producción y en el consumo de lo que producen. Las relaciones sociales entre ellos tienen un carácter inestable, son desestructuradas e involuntarias. No hay necesidad alguna de estructuras de parentesco o de intercambios estructurados entre tribus (LERNER, 1990, p. 84).²³

No período de transição, ou seja, quando se desenvolve a agricultura, o cenário sofre uma importante transformação. A instabilidade das colheitas, sujeitas

²³ “Homens, mulheres e crianças de um ou de outro sexo participavam na produção e no consumo do que produzem. As relações sociais entre eles têm caráter instável, são desestructuradas e involuntárias. Não há necessidade alguma de estruturas de parentesco ou de trocas estruturadas entre tribos”. (Tradução minha)

às variações climáticas, exige que as tribos busquem outras formas de subsistência, tais como a pesca, a caça e a coleta de alimentos. A mudança do cenário produtivo repercute na organização familiar. Um equilíbrio demográfico entre homens e mulheres se faz necessário, de modo que a mão de obra não escasseie.

Como a mortalidade feminina era alta durante os partos, a escassez de mulheres e a ameaça que isso representava para o equilíbrio demográfico produziu uma situação de furtos de mulheres o que, obviamente, foi motivo de guerra entre as tribos.

Otra consecuencia de esto robo de mujeres es que las cautivas eran protegidas por los hombres que las habían conquistado o por toda la tribu vencedora. Durante el proceso se trataba a las mujeres como posesiones, cosas- se las cosificaba- mientras que los hombres se convertían en los que cosificaban pues ellos conquistaban e protegían. Por primera vez se reconoce la capacidad reproductora de las mujeres como un recurso dela tribu (LERNER, 1990, p. 84).²⁴

No período da agricultura, ainda mais complexo e estruturado economicamente, a coisificação das mulheres se institucionaliza com o tabu do incesto: a prática da exogamia é incentivada e inicia-se então o intercâmbio de mulheres, cujo objetivo principal era econômico: “En una sociedad completamente formada e basada en la agricultura arada, las mujeres y los niños son indispensables en el proceso de producción, que es cíclico y intensivo. Los niños son ahora una baza económica”. (LERNER, 1990, p. 85)²⁵

Logo: controlan el intercambio de mujeres, restringen su conducta sexual y adquieren la propiedad privada de ellas” (LERNER, 1990, p. 85).²⁶

Os três contos de *Insubmissas lágrimas de mulheres* apresentados evidenciam a *longue durée* trágica do sofrimento físico sobre o qual Eagleton escreve: o corpo feminino foi violentado por homens desde os primórdios da civilização. Violência que, como Gerda Lerner continua demonstrando em seu

²⁴ “Outra consequência desse roubo de mulheres é que as cativas eram protegidas pelos homens que as havia conquistado ou por toda a tribo vencedora. Durante o processo se tratava as mulheres como posses, coisas- elas eram coisificadas - enquanto os homens eram os que as coisificavam, pois eles conquistavam e protegiam. Pela primeira vez se reconhece a capacidade reprodutora das mulheres como um recurso para a tribo” (Tradução minha).

²⁵ “Em uma sociedade completamente fundamentada e formada na agricultura, as mulheres e as crianças são indispensáveis no processo de produção, que é cíclico e intensivo. As crianças são agora uma base econômica”. (Tradução minha)

²⁶ “Controlam o intercâmbio de mulheres, restringem sua conduta sexual e as adquirem como propriedade privada” (Tradução minha).

estudo, não se resume ao controle da sexualidade, mas que após a institucionalização do tabu do incesto resultou em escravidão e violência sexual.

Segundo ela, a escravidão é a primeira forma de institucionalização do domínio hierárquico da história humana e deriva das guerras e conquistas. A escravidão está relacionada à criação de uma economia de mercado, das hierarquias e do estado. Lerner cita algumas pré-condições que possibilitaram esse tipo de prática: excedente alimentício, meios para subjugar e a distinção (visual ou conceitual) entre escravizados e escravizadores. Sobre a diferença (ou alteridade), assinalada como última condição, vejamos o que escreve a historiadora:

Naturalmente esta diferencia es más obvia cuando quienes se esclaviza son miembros de una tribu extranjera, literalmente 'los otros'. Sin embargo, para extender el concepto y convertir a los esclavizados en esclavos, otra cosa aparte de humanos, los hombres tenían que saber que esta designación funcionaría. Sabemos que las construcciones mentales generalmente provienen de algún modelo de la realidad y que son una ordenación nueva de las experiencias pasadas. Esta experiencia al alcance de los hombres antes de la invención de la esclavitud era la subordinación de las mujeres de su propio grupo. La opresión de las mujeres antecede a la esclavitud y la hace posible (LERNER, 1990, p. 124).²⁷

Conforme Lerner, no início da formação dos estados, das hierarquias e das classes, a observação masculina detectou uma maior vulnerabilidade feminina, já percebida em sua “aceitação” das situações experimentadas no intercâmbio de mulheres e consequente coisificação. Tal observação proporcionou um aprendizado sobre a possibilidade de utilizar as diferenças para separar um grupo de outro, visando o poder e o controle.

E, antes de escravizar outros homens, conta-nos a historiadora, os homens escravizaram mulheres. Pelo menos é o que indicam os documentos analisados por ela, que relatam o que ocorria quando guerreiros de uma tribo venciam: assassinavam os derrotados, violentavam sexualmente as mulheres e as levavam cativas e os seus filhos como escravos.

²⁷ “Naturalmente essa diferença é mais óbvia quando quem se escraviza são os membros de uma tribo estrangeira, literalmente ‘os outros’. Não obstante, para ampliar o conceito e converter os escravizados em escravos, outra coisa diferente de humanos, os homens tinham que saber que essa designação funcionaria. Sabemos que as construções mentais geralmente provêm de algum modelo de realidade e que são uma ordenação nova de experiências passadas. Esta experiência, ao alcance dos homens antes da invenção da escravidão, era a subordinção das mulheres de seu próprio grupo.” (Tradução minha).

Al subordinar a las mujeres de su propio grupo y más tarde a las cautivas, los hombres aprendieron el poder simbólico del control sexual sobre los otros hombres y elaboraron el lenguaje simbólico con el expresar dominio y crear una clase de personas psicológicamente esclavizadas. Al experimentar con la esclavitud de mujeres y los niños, los hombres aprendieron que todos los seres humanos poseen capacidad de tolerarla, y desarrollaron las técnicas y formas de esclavización que les permitirán transformar su absoluta dominación en una institución social (LERNER, 1990, p. 128)²⁸

A escravidão feminina na formação dos estados arcaicos antecedeu a escravidão institucionalizada, mas manteve em relação à última, desde sua invenção, uma nítida diferença: a escravidão feminina, desde os primórdios até suas ocorrências mais recentes (Américas e Brasil do século XIX, por exemplo) sempre foi marcada pela violência sexual.

E, no exemplo recente citado (países colonizados por europeus e que exploraram mão de obra escrava oriunda de países africanos), a diferença entre amo e escrava é redobrada: além de ser o outro por questões de gênero, a mulher negra o é também por questões de etnia.

Embora as narrativas de *Insubmissas lágrimas de mulheres* façam parte de um contexto que não é mais o do intercâmbio de mulheres, tampouco o da escravidão antiga e da moderna, as protagonistas continuam a ser tratadas como coisas, como servas e continuam a sofrer violência.

Nos contos apresentados, como vimos, o corpo feminino é o alvo da violência masculina: Aramides Florença, Seni (filha de Shirley Paixão) e Lia Gabriel são violentadas e humilhadas no espaço privado da casa, mas tal situação é sintoma da dominação masculina que persiste na atualidade em todas as sociedades de orientação patriarcal. O poder do macho subsiste apesar de todas as mudanças sociais, sobretudo aquelas conquistadas a partir da década de 1970 com o feminismo. Quando um homem espanca uma mulher o faz por se sentir dono dela e esse sentimento de posse é alimentado pelo sistema simbólico descrito por Bourdieu que, desde os primórdios da civilização, tem justificado o domínio masculino sobre as mulheres.

²⁸ “Ao subordinar as mulheres de seu próprio grupo e mais tarde as cativas, os homens aprenderam o poder simbólico do controle sexual sobre os outros homens e elaboraram a linguagem simbólica para expressar domínio e criar uma classe de pessoas psicologicamente escravizadas. Ao experimentar, com a escravidão de mulheres e crianças, os homens aprenderam que todos os seres humanos são capazes de tolerá-la, e desenvolveram as técnicas e formas de escravização que lhes permitiram transformar sua absoluta dominação em uma instituição social” (Tradução minha).

Observemos que nos contos a visão do homem sobre sua companheira é de serva, objeto, o que ilustra bem a ideia de *longue durèe* que venho defendendo ao longo deste estudo: as três narrativas são tecidas com sutilezas simbólicas, que trazem à tona, no discurso, a memória da servidão e da escravidão, mais especificamente da escravidão moderna, que ocorreu no Brasil no período colonial, e cujas dores ainda são sentidas profundamente por todos os afrodescendentes, mas principalmente pelas mulheres.

Em “Aramides Florença”, por exemplo, os ciúmes sentidos pelo agressor se originam na rivalidade entre ele e o filho ainda não nascido. O marido sentia que perdia a posse da mulher: “passadas as duas primeiras semanas, uma noite, já deitados, o homem olhando para o filho no berço perguntou a Aramides quando ela novamente seria dele, só dele” (EVARISTO, 2011, p.16).

Ora, a palavra “posse” não está no texto gratuitamente. Evoca, metonimicamente, o tratamento de objeto dado a todos os escravizados e escravizadas do período escravagista brasileiro. Evoca ainda, num nível mais profundo, a dupla posse sofrida pelas mulheres negras: a de sua vida, de forma geral, e de sua sexualidade.

No conto “Shirley Paixão”, o corpo usado como objeto de prazer é o da menina Seni, filha do agressor: “então puxou violentamente Seni da cama, modificando, naquela noite, a maneira silenciosa como ele retirava a filha do quarto e levava aos fundos da casa para machucá-la, como vinha acontecendo há meses” (EVARISTO, 2011, p.29). É interessante observar que a resistência ao opressor só é possível, no conto, graças à união da “confraria de mulheres”, formada pela mãe e pelas filhas, nítida referência ao que foi, nos tempos de escravidão, uma instituição de extrema importância para a sobrevivência da cultura e identidade afro-brasileiras: as confrarias religiosas de africanos e afrodescendentes.

Tais associações tiveram seu auge no período colonial e funcionavam como sociedades de ajuda mútua, cujos devotos tinham em comum um santo padroeiro. Sabe-se do caráter ambíguo das confrarias: como propiciavam aos negros uma participação parcial na vida social, eram elementos apaziguadores de revoltas. Não obstante, sabe-se também que os negros não se limitaram a reproduzir os rituais europeus em suas celebrações, como faziam os membros das confrarias dos

brancos. Ao venerar os santos católicos, o faziam com os tambores africanos, com melodias e vestimentas próprias de sua cultura, o que não deixava de ser uma forma de resistência.

Em “Shirley Paixão”, a confraria é feminina e, à maneira das entidades religiosas citadas, consegue manter-se e crescer graças à ajuda mútua, resultado da aliança entre as oprimidas. E, como as irmandades, resiste. O opressor, no caso, não é o senhor de engenho, mas é também violento: o marido estuprador, que não via com bons olhos a união entre as mulheres de sua casa.

Em “Lia Gabriel”, a narrativa que, como as demais, denuncia o olhar masculino que coisifica a mulher, dá continuidade à evocação da memória da escravidão. Para isso, Evaristo trabalha, metonimicamente, o espaço da violência e, metaforicamente, seu instrumento.

O marido, ao chegar a casa, trata Lia Gabriel como se fosse uma serva, ao exigir comida quente: “era uma tarde de domingo, eu estava com as crianças assentadas no chão da sala, fazendo uns joguinhos de armar, quando ele entrou pisando grosso e perguntando pelo almoço” (EVARISTO, 2011, p. 86). Lia não atende ao pedido do homem, e diz que “o prato estava no micro-ondas, era só ligar” (EVARISTO, 2011, p. 86). A tensão está criada. O marido vai até a cozinha (provavelmente almoça) e retorna para espancar a mulher.

O cenário onde ocorre o espancamento é extremamente sugestivo, corroborando a visão do macho a respeito da mulher, visão que atribui a ela a função de serva, escravizada ou empregada. É para a área de serviço que o marido a arrasta, para depois machucá-la com joelhadas:

Passados uns instantes, ele, o cão raivoso, retornou à sala, avançou sobre mim, arrastando-me para a área de trabalho. Lá abriu o tanque e, tampando a minha boca, enfiou minha cabeça debaixo d’água enquanto me dava fortes joelhadas por trás. Não era a primeira vez que ele me agredia. (EVARISTO, 2011, p. 86)

No trecho a seguir, o cenário se fecha ainda mais e o sentido se alarga: o segundo momento do espancamento acontece dentro do quartinho da empregada, onde o homem bate em Lia Gabriel com um cinto que, nas palavras dela, é chicote, nítido signo da violência contra os escravizados:

Em seguida, ele me jogou no quartinho de empregada e, com cinto na mão, ordenou que eu tirasse a roupa, me *chicoteando* várias vezes [...] Começou então nova sessão de torturas. Ele me *chicoteando* e eu com Gabriel no colo. E quando uma das *chicotadas* pegou o corpo do menino, eu só tive tempo de me envergar sobre meu filho e oferecer minhas costas e minhas nádegas ao homem que me torturava (EVARISTO, 2011, p. 87, grifos meus).

Tanto a área de serviço, quanto o quarto da empregada onde Lia apanha, não seriam evidentes imagens da continuidade histórica de que venho falando? O lugar onde o trabalho forçado é realizado é o mesmo onde a punição pela desobediência é aplicada. Além disso, podemos observar que em um único parágrafo surgem três palavras derivadas de “chicote”, indicando os golpes desferidos com o cinto contra o corpo da mulher. Por que tanta insistência?

Sabe-se que os negros em situação de escravidão, no Brasil Colonial, eram torturados com chicotes que costumavam deixar seus corpos em carne viva. Por que uma cena de tortura dentro de um quarto de empregada?

Sabe-se também que, após a abolição, homens, mulheres, crianças e idosos negros foram abandonados à própria sorte, sem nenhum tipo de assistência da moribunda monarquia, tampouco do Governo Republicano, instaurado no Brasil no ano seguinte. Sabe-se que os que foram anteriormente escravizados passaram a viver em condições de extrema pobreza em favelas, o que obrigou às mulheres a continuarem a servir às “sinhas”, desempenhando o papel de empregadas domésticas.

Os cenários e o instrumento de tortura descritos no conto “Aramides Florença” não são esses gratuitamente. Conceição Evaristo, ao utilizar esses recursos, está denunciando uma *longue durée* que é resultado da soma entre a fragilidade do corpo humano, da vulnerabilidade da mulher negra na sociedade brasileira e da autoridade outorgada ao homem para dominar e ferir. Autoridade esta que, devido à ideologia eternizada pelo *habitus*, sobreviveu ao Brasil Colonial e ainda hoje repercute nas estatísticas sobre violência de gênero, como as que foram apresentadas neste estudo.

Segundo Fernand Braudel:

A longa duração (*longue durée*) é a história interminável das estruturas e grupos de estruturas. [...] Essa grande personagem atravessa imensos

espaços de tempo sem se alterar; se deteriora nessa longa viagem, recompõe-se durante o caminho, reestabelece sua saúde e, por fim, seus traços se alteram lentamente... (BRAUDEL, 2005, p. 106).

O que se encena em *Insubmissas lágrimas de mulheres* é essa ordem trágica e duradoura de que fala Braudel. A violência contra as mulheres, nesse sentido, é a repetição das estruturas do patriarcado, com leves e lentas alterações.

Retornando à memória da escravidão (também como aspecto da *longue durée*): não é a primeira vez que o tema aparece na obra de Conceição Evaristo. Seu romance de estreia, *Ponciá Vicêncio*, aprofunda esse sofrido relembrar, principalmente através da personagem Vô Vicêncio e seu braço cotó, mutilação causada pela dor insuportável da condição escrava e que, de maneira conotativa, sugere outras perdas, tais como as identitárias e culturais:

Vô Vicêncio tinha nascido um homem perfeito, com pernas e braços completos. O braço cotó ele se deu depois, em um momento de revolta, na procura da morte. No tempo do acontecido, como sempre, os homens e muitas mulheres trabalhavam na terra. O canavial crescia dando prosperidade ao dono. Os engenhos de açúcar enriqueciam e fortaleciam o senhor. Sangue e garapa poderiam ser um líquido só. Vô Vicêncio com a mulher e os filhos viviam anos e anos nessa lida. Três ou quatro dos seus nascidos do 'Ventre-livre', entretanto, como muitos outros, tinham sido vendidos. Numa noite, o desespero venceu. Vô Vicêncio matou a mulher e tentou acabar com a própria vida. Armado com a mesma foice que lançara contra a mulher, começou a se autoflagelar, decependo a mão. Acudido é impedido de continuar o intento. Estava louco, chorando e rindo. Não morreu o Vô Vicêncio, a vida continuou para ele, independente do seu querer (EVARISTO, 2003. p. 51).

Os movimentos migratórios de personagens de *Ponciá Vicêncio*, que transitam entre o rural e o urbano, e a saída forçada do lar, vivenciada por personagens de *Becos da memória* (seu segundo romance publicado), devido a um processo de desfavelamento, a meu ver, também marcam uma *longue durée*, que continua, no período pós-abolição e na atualidade, a diáspora africana, iniciada com a Travessia Atlântica dos séculos do Brasil Colonial.

Além dos textos em prosa, há também os poéticos, fortemente marcados pela memória ancestral. De todos os poemas de Conceição Evaristo, talvez o que mais chame a atenção para a ancestralidade e para as diásporas femininas e negras, como *longues durées*, seja "Vozes- Mulheres", abaixo transcrito:

Vozes-Mulheres

A voz de minha bisavó
Ecoou criança
Nos porões do navio.
Ecoou lamentos
De uma infância perdida.
A voz de minha avó
Ecoou obediência
Aos brancos donos de tudo.

A voz de minha mãe
Ecoou baixinho revolta
No fundo das cozinhas alheias
Debaixo das trouxas
Roupagens sujas dos brancos
Pelo caminho empoeirado
Rumo à favela

A minha voz ainda
Ecoa versos perplexos
Com rimas de sangue
E
Fome

A voz de minha filha
Recolhe as nossas vozes
Recolhe em si
A fala e o ato.
O ontem- o hoje- o agora.
Na voz de minha filha
Se fará ouvir a ressonância
O eco da vida liberdade (Evaristo, 2008, p. 50).

“Vozes-mulheres” é, sem dúvida, um dos textos mais importantes de Conceição Evaristo. O poema reúne, em apenas quatro estrofes, as ideias que venho desenvolvendo neste estudo: o sofrimento provocado pelo opressor, como forma de controle. Mais especificamente, o sofrimento de mulheres, que vem se prolongando ao longo do patriarcado.

Em “Vozes-mulheres” a memória não alcança os primórdios da civilização, período em que, como vimos, a dominação masculina teve início. O texto faz um recorte histórico mais estreito e marca a inauguração de outro aspecto da dominação: o tráfico negreiro e a consequente escravização dos africanos, quando o corpo feminino e negro é, como nas formas arcaicas de escravidão, violentado.

É interessante observar, nos versos, os movimentos da memória que, além de lançarem luzes sobre o protagonismo da mulher negra, pontuam o sofrimento e a opressão como *longue durée*, com mudanças, mas lentas. A voz da bisavó, em plena travessia atlântica, só pode ecoar lamentos; a voz da avó escravizada ecoa também, mas sob o signo da obediência aos senhores.

A revolta aparece, pela primeira vez, na voz da mãe, após a libertação, mas em volume baixo. O lugar ocupado por ela ainda é o dos subalternos, ou seja, os fundos das cozinhas alheias, onde não é mais escrava, mas continua a servir aos brancos. O espaço de moradia é o da favela, nova versão da senzala. A voz do eu-lírico, cuja enunciação se dá no presente, carrega ainda perplexidade e a memória do sofrimento do corpo: sangue e fome. Para o futuro, espera-se a conquista plena da liberdade. Para isso, o eu-lírico canta, é necessário que sua filha reúna todas as vozes de dor do passado, e que elas sejam linguagem e ação.

Nessa perspectiva, lembrar a dor sentida é fundamental. E esse exercício da memória também está presente em *Insubmissas lágrimas de mulheres*. As dores, nos contos, são, em relação ao momento de enunciação, mais recentes; não recuperam explicitamente, como em “Vozes-mulheres”, séculos de violência. No entanto, não deixam de apontar para esse passado distante de forma implícita e metafórica, denunciando as imposições do *habitus* androcêntrico.

Em *Insubmissas lágrimas de mulheres* o corpo que sofre tragicamente é o corpo que lembra. E, ao lembrar, o corpo feminino e negro não deseja conquistar o impossível, que seria a anulação da dor humana, mas sim interromper a continuidade histórica da *longue durée*, do sofrimento provocado pelos homens, como uma de suas manifestações de poder sobre as mulheres.

Os textos de Conceição Evaristo são atravessados pela memória dos excluídos da História: os negros, os pobres, as mulheres. Em *Insubmissas lágrimas de mulheres* são negras as mulheres que lembram e narram suas próprias trajetórias. Tal protagonismo é imprescindível, já que nos discursos oficiais (literários, históricos, antropológicos, científicos etc.) a voz e os pontos de vista costumam ser dos homens.

A memória, para Margarida de Souza Neves, é “artesanato”, em que: “a verdade é uma construção sempre provisória e cambiante”. (NEVES, 2009, p. 22). A essa ideia de que os arquivos de lembrança podem ser moldados de acordo com

interesse políticos e jogos de poder se associa o que Paul Ricoeur chama de “ideologização da memória” e também o que Michel Pollak chama de “enquadramento de memória (POLLAK, 1998)”. São palavras de Ricoeur:

A ideologização da memória é possibilitada pelos recursos de variação que o trabalho de configuração narrativa oferece. As estratégias de esquecimento enxertam-se diretamente nesse trabalho de configuração: pode-se narrar de outro modo, suprimindo, deslocando as ênfases, reconfigurando diferentemente os protagonistas da ação, assim como os contornos dela. [...]. O perigo maior, no fim do percurso, está no manejo da História autorizada, imposta, celebrada, comemorada – da História oficial. [...]. Está em ação aqui uma forma ardilosa de esquecimento, resultante do desapossamento dos atores sociais de seu poder originário de narrarem a si mesmos (RICOEUR, 2007, p. 455).

Em *Insubmissas lágrimas de mulheres* há uma dinâmica narrativa que recusa os discursos oficiais sobre a mulher, os quais vêm manejando a História quando fazem o trabalho de supressão, de deslocamento de ênfases e de reconfiguração dos protagonismos, conforme afirmou Ricoeur. Se a História foi escrita por homens e se sempre prevaleceu nela o protagonismo masculino, como escreveu Lerner, o texto de Evaristo, via literatura, narra a contrapelo, garantindo a posse das personagens de seu poder de narrarem a si mesmas. “Ousa narrar a ti mesmo”, escreve Ricoeur (2007, p. 456), e é o que as protagonistas de *Insubmissas lágrimas de mulheres* fazem.

Michele Perrot (2005) defende que a mulher ao longo da História foi emparedada e, com ela, seus espaços de memória. Segundo a historiadora, o registro histórico sempre privilegiou os acontecimentos da esfera do público, da qual os homens têm sido os principais atores. Às mulheres, impedidas de ter acesso a essa esfera, restou a possibilidade do registro da memória do privado, contida em cartas, diários fotografias e nas narrativas orais.

Insubmissas lágrimas de mulheres, embora seja uma coletânea de histórias em suporte impresso, é um livro sobre a oralidade, sobre contar histórias. E mesmo que tais enredos tratem de situações vividas no privado, no ambiente doméstico, não se limitam a ele, pois são exemplos de vias alternativas pra se registrar a história da violência de gênero, prática já antiga, mas que prevalece na atualidade.

Ricoeur afirma que a memória é a luta contra o esquecimento (RICOEUR, 2007). Não é por acaso que a oralidade presente nas narrativas aqui estudadas se assemelhe à dos *griots*. Conceição Evaristo, em dissertação de mestrado, escreveu

sobre tais contadores de histórias: “Guardiões da memória, que de aldeia em aldeia cantavam e contavam a história, a luta, os heróis, a resistência negra contra o colonizador” (EVARISTO, 1996, p. 52).

Ora, o que fazem as narradoras de *Insubmissas lágrimas de mulheres*? Guardam a memória da dor, da luta e da resistência contra seus opressores. Guardam para que não se esqueça da violência sofrida. Guardam, lembram e narram, para que a brutalidade seja erradicada.

Narrar a dor, lutar contra o esquecimento, faz parte da luta trágica que, em busca da libertação, necessita expor a situação indesejável. Como comenta Eagleton: “então não é bem verdade, como afirma Karl Jaspers, que ao enfrentar o trágico o homem liberta-se dele. Pelo contrário, é a libertação que faz parte da tragédia; mas seria melhor se toda a ação não fosse, antes de tudo, necessária” (EAGLETON, 2013, p. 100). A violência corpórea perpetrada pelo homem contra a mulher só é possível em um contexto de violência simbólica em que, amparado pelas ideologias dominantes que são perpetuadas, o homem acredita ter direitos sobre a mulher, a qual, muitas vezes, é tratada como coisa.

Embora este estudo trate dos dois tipos de violência em capítulos diferentes, é preciso deixar claro que um tipo está atrelado ao outro, ou seja, apesar de este segundo capítulo enfatizar a violência física, cabe ressaltar que esta é sempre justificada pela violência simbólica. Da mesma forma, no capítulo seguinte, em que pese a ênfase dada a ocorrência da violência simbólica nos contos que serão analisados, isso não significa que a violência física esteja ausente em seus enredos.

Por isso, para finalizar as considerações deste capítulo, resta ainda fazer algumas colocações complementares sobre os aspectos simbólicos da violência nos textos até aqui estudados. Tais aspectos podem ser melhor analisados a partir dos contra - discursos que se opõem às narrativas da dominação masculina, construídas ao longo de toda a história do patriarcado.

Mas antes de analisá-los creio ser fundamental voltar à questão do trágico como encenação do sofrimento e como arma de combate à opressão. Os contra-discursos presentes nos contos “Aramides Florença”, “Shirley Paixão” e, principalmente, em “Lia Gabriel”, são parte da dinâmica dessa encenação trágica.

Segundo Eagleton (2013), há um valor para o sofrimento. Essa valoração depende da interpretação que é dada ao trágico: para os teóricos do trágico tradicional o sofrimento tem valor de catarse; já para teóricos do trágico moderno, como Williams, o sofrimento tem valor de revolução.

Vejamos como Eagleton lê as reflexões de um dos mais notáveis filósofos do trágico tradicional, Nietzsche, sobre o valor da agonia:

Sentimos um misto de prazer e dor, medo e compaixão, êxtase e repulsa, que, para Nietzsche, são as fontes do prazer trágico. Estremecemos diante dos tormentos do protagonista e, mesmo assim, deliciamo-nos em vê-lo destruídos, regozijamo-nos com a pura aparência e também com a negação dele. Por que, indaga Nietzsche, seria o sofrimento representado com tanta frequência, de tantas formas diferentes, se ele não fosse uma fonte intensa de realização? (EAGLETON, 2013, p. 92).

Sentir intensa realização diante do sofrimento do protagonista, eis o valor da agonia na visão tradicional do trágico. Para Nietzsche, conforme a leitura de Eagleton, o sofrimento representado na ficção apazigua nosso horror diante do poder destrutivo da morte:

No exato instante em que o Real do dionisiaco ameaça nos traumatizar, tornando-nos inaptos para a ação, o apolíneo ou a ordem simbólica lança seu véu encantado da ilusão sobre esse abismo terrível remodelando seu horror indescritível na forma do sublime estético (EAGLETON, 2013, p. 93).

Por enxergar a vida como uma arena de dor atroz, Nietzsche acredita que a única forma de felicidade é a metamorfose trágica, a qual consiste na aceitação radical do sofrimento, bem como no deleite de sua afirmação. Ou seja, quanto mais sofrimento, melhor. Tal crença é também compartilhada com o poeta Rilke.

Diante de tal posicionamento, Eagleton é ferino: “nenhum escritor faz uma pausa para notar que muitas pessoas não têm necessidade de multiplicar seus tormentos, já que elas podem, com segurança, depender de outros para fazê-lo” (EAGLETON, 2013, p. 95). Com essas palavras, o ensaísta introduz a ideia de tragédia como revolução, ao considerar seu sentido político, corroborando a teoria de Raymond Williams, segundo a qual tragédia é todo sistema que precisa ser combatido.

Afirmar isso é não perder de vista que um sistema que precisa ser combatido é alicerçado em opressão e é o meio onde os tormentos de muitos são multiplicados por outros. Nessa perspectiva, quando relações de opressão são representadas em textos literários (sejam eles teatrais ou não) ²⁹, tal encenação não tem função de nos apaziguar diante dos horrores do mundo, diante de sua violência e sim de nos convocar para uma atitude de reação ética frente à opressão.

Eagleton afirma que:

A tragédia não é apenas quando as coisas terminam mal (...), tragédia significa que precisamos ser arrastados ao inferno para ter qualquer chance de liberdade ou realização. A tragédia pode ser um índice do preço ultrajante que devemos pagar por elas (liberdade e justiça) e não de sua irrealidade. Argumentar que isso é trágico é insistir que seria muito melhor se assim não fosse (EAGLETON, 2013, p. 95).

Afirmar, portanto, que os contos de *Insubmissas lágrimas de mulheres* são trágicos é entender que situações como as que neles são narradas, em mundo mais perfeito, nunca aconteceriam. Mas como elas, infelizmente, acontecem e aí estão se perpetuando em um mundo ainda longe da perfeição, os textos são um convite para um posicionamento ético e político diante delas. Tal posicionamento se evidencia em variados aspectos do livro, entre os quais estão os contra - discursos, que afrontam narrativas do universo simbólico patriarcal.

2.6 Contradiscursos

A temática da maternidade positiva e da ausência festejada do pai são exemplos de contra narrativas presentes em *Insubmissas lágrimas de mulheres* e são pontos de contato entre os contos “Aramides Florença”, “Shirley Paixão” e “Lia Gabriel”. Nesses textos, as protagonistas vivenciam a maternidade de forma conturbada, mas nem por isso sucumbem. Ao contrário, a experiência de ser mãe as

²⁹ Raymond Williams considera trágicos não apenas textos dramáticos, mas também alguns romances. São exemplos *Ana Karenina*, de Tolstói e *Mulheres apaixonadas*, de D.H Lawrence. Terry Eagleton pensa de forma semelhante, ao considerar, por exemplo, *Germinal*, de Zola, um romance trágico: “uma das melhores tragédias sobre a vida da classe operária é *Germinal*, de Zola, que mostra um sofrimento e uma exploração que não são absolutamente universais, pertencem a uma condição histórica altamente específica, uma luta ferozmente particularizada entre o trabalho e o capital, e são ainda mais poderosos por causa disso” (EAGLETON, 2013, p. 146).

fortalece e é fator decisivo para que resistam, apesar de todas as dores infligidas por seus opressores.

O aspecto positivo de tal experiência está relacionado ao tema da ausência festejada do pai: as protagonistas alcançam a plenitude da maternidade após a partida do companheiro. Nesse sentido, o homem violento é dispensável para a sobrevivência da família. Não apenas dispensável, mas também antagonista, pois chega a ser um entrave, a ponto de ser desejável sua partida.

A narradora, ao chegar à casa de Aramides Florença, logo percebe que o menino Elmides sorria e balbuciava uma melodia. E revela ao leitor:

Aramides me olhou, dizendo feliz que seu filho pronunciava sempre os mesmos sons, desde que o pai dele havia partido, há quase um ano, quando o bebê tinha somente alguns dias de vida. Eu percebi, intrigada, que tanto pelos sons, como pela expressão de rosto e movimentação do corpo do menininho, o melodioso balbucio infantil se assemelhava a uma alegre canção. Teria a criança, tão novinha - pensei mais tarde, quando ouvi a história de Aramides Florença - rejubilado também com a ausência do pai? Só a mãe, mulher sozinha, lhe bastaria? (EVARISTO, 2011, p. 12).

Em “Shirley Paixão” há ocorrência semelhante. O homem é o inimigo, o que investe contra a aliança feminina que unia mãe e filhas. Logo, a infelicidade impera nos anos em que ele esteve presente e apenas após sua partida a vida da “confraria de mulheres” pôde ser reconstruída e continuar: “Hoje, quase trintas anos depois desses dolorosos fatos acontecidos, continuamos a vida. Das meninas, três já me deram netos, estão todos felizes” (EVARISTO, 2011, p. 31).

Já em “Lia Gabriel”, as duas temáticas são ainda mais aprofundadas, devido à característica mais plurissignificativa do conto. Logo no início a imagem masculina de Deus é invertida: ao falar da experiência feminina do sofrimento, a narradora evoca Maria, a mãe de Jesus, a Mater Dolorosa e transforma em Deusas, pelo discurso, todas as protagonistas de *Insubmissas lágrimas de mulheres*, as quais, segundo ela, são “mulheres salvadoras, procurando se desvencilhar da cruz”; que “desfiavam as contas de um infinito rosário de dor” e que, à maneira de Cristo, não sucumbem, pois: “elas mesmas, a partir de seus corpos mulheres, concebem a sua própria ressurreição e persistem vivendo” (EVARISTO, 2011, p. 81).

Em seguida, Lia conta como foi sua vida depois do abandono do marido. Mãe de três crianças pequenas precisou deixar a escola onde lecionava para atender alunos particulares em casa. Além disso, montou uma oficina eletrônica, aproveitando a habilidade que tinha para consertar aparelhos domésticos.

Aqui se verifica outra inversão: além de prescindir da figura masculina para o sustento de si e dos filhos, Lia exerce uma profissão que é tipicamente masculina, ao se tornar “a única mulher que tem uma oficina eletrônica na cidade” (p.84), conforme relata. Consertar coisas, em sua história, alcança sentidos metafóricos: “durante muito tempo, enquanto as crianças ainda eram pequenas, sobrevivemos das aulas que eu dava e do dinheiro da loja ‘Tudo tem conserto’. E tem. Consertei minha vida, cuja mola estava enferrujando” (EVARISTO, 2011, p. 84).

Esses temas, em *Insubmissas lágrimas de mulheres*, se opõem a um dos mais reproduzidos discursos das sociedades androcêtricas o qual atribui à natureza as razões da subordinação feminina. Tal oposição é uma das ações positivas contra um sistema que vem eternizando a experiência trágica feminina e que, por meio de narrativas, ora respaldadas pela religião, ora legitimadas pela ciência, ao longo dos séculos, procuram inferiorizar a mulher, usando como ponto de partida a ideia da maternidade como destino e função social e como fator que impossibilitaria seu desenvolvimento intelectual ou a impediria de desempenhar papéis comumente desempenhados por homens na sociedade.

Gerda Lerner aprofunda esse assunto e faz uma revisão das principais posturas no debate em torno de três perguntas, as quais ela considera fundamentais para um entendimento a respeito dos jogos de poder envolvidos nas questões de gênero: como, quando e por que teve início a subordinação das mulheres?

Para a historiadora, a resposta tradicional a primeira pergunta é:

La dominación masculina es un fenómeno universal y natural. Se podría presentar la argumentación en términos religiosos: la mujer está subordinada al hombre porque así la creó Dios. Los tradicionalistas aceptan el fenómeno de la asimetría sexual, la atribución de tareas y papeles diferentes a hombres y mujeres, observada en cualquier sociedad humana conocida como prueba que su postura y señal de que es natural. Puesto que a la mujer se le asignó por designio divino una función biológica diferente a la del hombre, dicen, también se le deben adjudicar cometidos sociales distintos. Si Dios o la naturaleza crearan las diferencias de sexo, que a su vez determinarían la división sexual del trabajo, no hay que culpar a

nadie por la desigualdad sexual y el dominio masculino (LERNER, 1990, p. 34-35).³⁰

Note-se que de acordo com a postura tradicional apresentada, a subordinação feminina, entendida como universal e natural, está intimamente ligada à divisão sexual do trabalho.

Lerner continua sua revisão afirmando que a maternidade, segundo a explicação tradicional da desigualdade entre homens e mulheres, é o centro dessa argumentação. Já nos primórdios da humanidade o principal objetivo da vida de uma mulher seria a experiência da maternidade, o que a tornava inapta para as atividades desenvolvidas por homens, dotados de maior força física e, além disso, livres do fardo da criação da prole. As mulheres precisavam se dedicar exclusivamente aos filhos, por uma necessidade biológica de preservação da espécie. Aos homens cabia, naturalmente, a tarefa de caçar, garantindo, à sua maneira, a sobrevivência da tribo.

Las habilidades derivadas de las actividades cinegéticas les dotan a su vez para ser guerreros. El hombre cazador, superior en fuerza, con aptitudes junto con la experiencia nacida del uso de útiles y armas, protege y defiende 'naturalmente' a la mujer, más vulnerable y cuya dotación biológica la destina a la maternidad y a la crianza de los hijos. Por último esta interpretación determinista biológica se aplica desde la Edad de Piedra hasta el presente gracias a la aseveración de que la división sexual del trabajo basada en la superioridad, natural del hombre es un hecho, y por consiguiente, tan válida con la fuerza en los primitivos comienzos de la sociedad humana (LERNER, 1990, p. 35-36).³¹

³⁰ “A dominação masculina é um fenômeno universal e natural. A argumentação poderia ser apresentada em termos religiosos: a mulher está subordinada ao homem porque Deus assim a criou. Os tradicionalistas aceitam o fenômeno da assimetria sexual, a atribuição de tarefas e papéis diferentes a homens e mulheres, observados em qualquer sociedade humana conhecida como prova de que sua postura é sinal de que é natural. Posto que à mulher foi atribuída por desígnio divino uma função biológica diferente da do homem, dizem também que ela deve ter funções sociais distintas. Se Deus ou a natureza criaram as diferenças de sexo que, por sua vez determinaram a divisão sexual do trabalho, não se deve culpar ninguém pela desigualdade sexual e pelo domínio masculino.”

(Tradução minha).

³¹ “As habilidades derivadas das atividades de caça os tornam aptos para serem guerreiros. O homem caçador, superior em força, com habilidades e com a experiência nascida do uso de ferramentas e armas, protege e defende ‘naturalmente’ a mulher, mais vulnerável e cuja determinação biológica a destina à maternidade e à criação dos filhos. Por último, esta interpretação determinista biológica se aplica desde a Idade da Pedra até o presente, graças à afirmação de que a divisão sexual do trabalho baseada na ‘superioridade’ natural do homem é um fato e, por conseguinte, válido hoje como foi nos primitivos começos da sociedade humana” (Tradução minha).

Logicamente, o mito do homem caçador e da divisão sexual do trabalho baseada na inferioridade da mulher determinada pela sua função de mãe já foi refutado por estudos antropológicos que, segundo Lerner, evidenciaram que a caça de animais grandes era uma atividade auxiliar. As principais atividades de subsistência eram as de coleta e caça menor, as quais contavam com o trabalho de mulheres e crianças. Logo, conclui a historiadora, tal narrativa é uma criação sociocultural e sua perpetuação está a serviço da manutenção da supremacia e hegemonia masculinas (LERNER, 1990, p. 36).

Apesar disso, o mito ganhou novas roupagens com o passar dos séculos. Dessa forma, tanto a ciência do século XIX, quanto a psicologia moderna tiveram suas teorias utilizadas para a defesa da ideia da inferioridade feminina. A primeira, a partir de interpretações do pensamento de Darwin, segundo o qual a sobrevivência da espécie é mais importante do que a pessoal. Sendo assim, defensores científicos do patriarcado:

Justificaban que se definiera a las mujeres por su rol maternal y que se las excluyera de las oportunidades económicas y educativas porque estaban al servicio de la causa más noble de la supervivencia de la especie. A causa de su constitución biológica y su función maternal se pensaba que las mujeres no eran aptas para una educación superior y otras actividades profesionales. Se consideraba la menstruación y la menopausia, incluso el embarazo, estado que debilitaban, enfermaban o eran anormales, que imposibilitaban a las mujeres y las hacían verdaderamente inferiores (LERNER, 1990, p. 38).³²

A segunda, a partir das ideias de Freud que reforçaram, segundo Lerner, a explicação tradicional da subordinação feminina, pois, para o inventor da psicanálise, o humano normal é o homem. A mulher, ao contrário, é “anormal”, a que não tem pênis e cuja estrutura psicológica supostamente se centrava na luta para compensar essa “deficiência”. Para Lerner, foi a opinião de Freud de que para a mulher ‘anatomia é o destino’ que deu novo vigor ao argumento da supremacia masculina. Assim, de acordo com o discurso tradicional, que vem se perpetuando desde os tempos antigos, a mulher, pelo fato de ser destinada à maternidade

³² “Justificavam que as mulheres eram definidas por seu papel de mãe e que elas foram excluídas das oportunidades econômicas e educativas porque estavam a serviço da causa mais nobre da sobrevivência da espécie. Devido a sua contribuição biológica e sua função maternal se pensava que as mulheres não eram aptas para uma educação superior e outras atividades profissionais. Se considerava a menstruação e a menopausa, incluindo a gravidez, estados que debilitavam, enfermavam e eram anormais, que impossibilitavam às mulheres e as tornavam verdadeiramente inferiores”. (Tradução minha).

debilitante, não pode prescindir do homem, o qual, por sua vez, deve garantir o sustento de toda a família.

Ora, os contos de *Insubmissas lágrimas de mulheres*, analisados até o momento, mostram exatamente o contrário: para suas protagonistas a maternidade é positiva, pois as fortalece; as mulheres podem conduzir suas próprias vidas, podem ser bem-sucedidas profissionalmente e financeiramente, prescindindo da figura masculina para o sustento do lar.

Em suma, os textos de Evaristo contestam o principal discurso do *habitus* da subordinação feminina, segundo o qual as origens da opressão contra as mulheres estariam na primitiva divisão sexual do trabalho, cuja instituição não se dissocia da função social de ser mãe, destinada às mulheres.

Capítulo 3

Violência simbólica

*A intensidade com que se é esmagado não importa
De fato o que importa é a intensidade que nos resta
Depois de sermos esmagados
(Gonçalo Tavares)*

*Reconheço minha condição terrestre
Mas em vez de chorar e sofrer
Vivo a vida em redemoinhos de teima.
(Jaime Labastida)*

3.1 Mitos fundadores da submissão feminina

Pierre Bourdieu, ao abordar o tema da violência simbólica na dominação masculina, em consonância com a historiadora Gerda Lerner, acredita que tal dominação se dá e se perpetua através de símbolos. No entanto, Bourdieu é mais explícito ao afirmar que existem agentes sociais responsáveis pela perpetuação dessas ideologias, cujos efeitos duradouros têm significado, ao longo dos últimos milênios, a exclusão das mulheres da vivência plena de seus direitos como ser humano. Esses agentes são instituições como a Família, a Igreja, a Escola e o Estado.

Ora, longe de afirmar que as estruturas de dominação são a-históricas, eu tentarei, pelo contrário, comprovar que elas são produto de um trabalho incessante (e, como tal, histórico) de reprodução, para o qual contribuem agentes específicos (entre os quais os homens com suas armas como a violência física e a simbólica) e instituições, famílias, Igreja, Escola, Estado (BOURDIEU, 2014, P. 56).

Nos contos “Natalina Soledad”, “Mary Benedita” e “Isaltina Campo Belo”, nos quais predomina a violência simbólica a atuação desses agentes é fundamental e é causa de sofrimento constante das protagonistas, como veremos. A historiadora Gerda Lerner recupera alguns dos mitos fundadores repercutidos e perenizados por essas instituições, em forma *de habitus*.

Segundo ela, a partir do momento em que as elites dirigentes, no surgimento do estado arcaico, estabeleceram a sociedade de classes, se apropriaram do controle do sistema de símbolos. Lerner acredita que a sociedade de classes surgiu da dominação das mulheres pelos homens e, em seguida, se ampliou para a dominação de homens por outros homens. Dessa forma, era do interesse dos opressores a exclusão dos oprimidos na participação e formação do sistema simbólico.

Para Lerner, tal marginalização “quedó plenamente institucionalizada sólo con el desarrollo del monoteísmo” (LERNER, 1990, p. 244).³³ Para sustentar essa afirmação, argumenta que a força divina, nesse sistema religioso, é unicamente masculina e que nega, de uma vez por todas, a devoção a outros deuses e deusas.

³³ “Foi plenamente institucionalizada apenas com o desenvolvimento do monoteísmo.” (Tradução minha).

O princípio feminino, como elemento de fertilidade, adorado por muitos no período anterior ao domínio das ferramentas, é definitivamente destronado.

Além disso, é clara a marginalização da mulher, tanto na narrativa bíblica, que respalda sua desvalorização, como nas práticas litúrgicas do templo: no caso da Bíblia há a criação do homem precedendo a da mulher e a criação da mulher como parte do homem; há a narrativa da queda que, a partir da figura de Eva, condena a mulher e sua sexualidade a ser tornarem símbolos da debilidade humana e da origem do mal. E há ainda a Aliança, pacto divino feito apenas com homens e que estabelece que a mediação entre Deus e humanidade poderia ser realizada somente por varões.

No caso das práticas litúrgicas, é notável o fato de que era negado às mulheres o acesso igualitário à educação religiosa e sacerdócio, o que significava, obviamente, a negação da capacidade de interpretar e modificar o sistema de crenças religioso. No monoteísmo, criação e procriação se separam: o sêmen é abençoado por Deus e o útero é entendido apenas como receptáculo passivo. O varão, portanto, é elevado à categoria de cúmplice de Deus no ato da criação, cabendo à mulher o inferior papel de instrumento material procriador.

Lerner percebe a Bíblia como a primeira filosofia da história, devido à sua proposta existencial para a humanidade: houve a criação de tudo por Deus, mas o mal entrou no mundo por intermédio da mulher. Para resolver esse problema, há um plano de redenção, cuja movimentação histórica depende da ação de homens escolhidos por Deus, seja para conduzir seu povo à terra prometida, seja para morrer numa cruz, seja para viver e interpretar sua palavra.

A Bíblia seria, portanto, o primeiro pilar que orientaria (e orienta) o sistema ideológico ocidental, na visão de Gerda Lerner. E o mito de Eva, mulher que teria trazido o mal ao mundo, tem repercutido desde então, na maioria dos discursos misóginos sobre a mulher, até os dias de hoje.

O segundo pilar ideológico ocidental, para Lerner é a filosofia grega antiga e o terceiro a ciência clássica dos gregos, ambas fundamentadas, principalmente, a partir do pensamento aristotélico. Sabe-se que a Grécia, no tempo dos primeiros filósofos, era patriarcal e escravagista e que a função social das mulheres se limitava à procriação: “La función principal de las mujeres era producir herderos varones y

supervisar a casa del marido. Muchas niñas eran abandonadas cuando nascían y se las dejaban morir; el padre era siempre quien tomaba la decisión de cuál iba a ser su destino”(LERNER, 1990, p. 296).³⁴

A historiadora destaca, ainda dentro do contexto grego antigo, mitos fundadores da dominação masculina que refletiam a ideologia das classes dominantes e que contribuíram simbolicamente para a perpetuação do patriarcado no ocidente. A misoginia de Hesíodo, por exemplo, é lembrada tanto pela sua versão do mito de Pandora, quanto por sua teogonia, uma das mais conhecidas da mitologia grega.

En la oposición que establece entre la buena esposa, que es casta, trabajadora, ahorrativa y alegre, y la mala esposa, fija los estándares de lo que va a ser la definición de género entre los hombres de su misma clase, y encuentra a la víctima propiciadora para los males de la sociedad de su tiempo. Cuando refunde el mito de Pandora consigue lo que la mitología hebrea había logrado en el relato de la caída: echar la culpa a las mujeres y a su naturaleza sexual de traer el mal al mundo (LERNER, 1990, p. 299).³⁵

A teogonia, de forma semelhante ao mito hebreu da criação, embora politeísta, narra a ascensão de um deus masculino supremo, que derrota o poder do caos, associado às deusas da fertilidade. O que se percebe na narrativa é um conflito entre masculino e feminino e de tensão geracional: Urano é destronado pelo filho Cronos que, por sua vez, é destronado por seu filho Zeus. Para evitar ser destronado pela prole que há de vir, Zeus devora sua esposa. Esse último ato, além de simbolizar a derrota do princípio feminino, ainda alegoriza o poder masculino da procriação, pois Zeus, prescindindo da esposa devorada, gera, em sua cabeça, a deusa Atena.

A teogonia de Hesíodo repercutirá na peça teatral *Orestíada*, de Ésquilo que, de acordo com Lerner, é um dos últimos textos em que o conflito de gêneros (no

³⁴ “A função principal das mulheres era produzir herdeiros varões e supervisionar a casa do marido. Muitas meninas eram abandonadas quando nasciam e deixadas para morrer; o pai era quem sempre decidia sobre qual destino elas teriam” (Tradução minha).

³⁵ “Na oposição que estabelece entre a boa esposa, que é casta, trabalhadora, parcimoniosa e alegre, e a ‘má esposa’, fixa normas do que iria ser a definição de gênero entre os homens de sua classe, e encontra a responsável pelos males da sociedade de seu tempo. Quando recria o mito de Pandora, consegue o que a mitologia hebraica havia conseguido com o relato da queda: culpar as mulheres e a sua natureza sexual por trazer o mal ao mundo” (Tradução minha).

caso entre direito paterno e direito materno) aparecerá em textos gregos antigos, consolidando ideologicamente o poder do macho.

Orestíada narra uma trama de vinganças: Agamenon, que havia anteriormente sacrificado sua filha Ifigênia para que os deuses fossem benevolentes com ele, retorna da guerra e encontra a esposa Clímenestra disposta a vingar a morte da filha. Ela o faz. Orestes, também filho do casal, vinga a morte do pai, matando sua mãe, Clímenestra. Por esse motivo é perseguido pelas Fúrias, entidades responsáveis por punir crimes de sangue.

Diante do argumento de Orestes de que não havia cometido crime de sangue por ter assassinado a mãe, as fúrias respondem: “ser infame, ella te alimentó en su propio ventre. Reniegas de la sangre de tu madre? (ÉSQUILO, *apud* LERNER, 1990).³⁶

Acompanhemos o desfecho desse diálogo:

El dramaturgo deja que Apolo decida el argumento y vindique el derecho patriarcal: *‘La madre no es el progenitor del niño al que llama suyo. Ella es la nodriza que vigila el crecimiento de la joven semiente plantada por su verdadero progenitor, el varón...’* Apolo apela a la diosa Atenea para que le secunde. Ella accede: *‘No me parió una madre. Por tanto el derecho paterno y la supremacia masculina sobre todas las cosas...reciben lealtad de todo mi corazón’*. Es el voto decisorio de Atenea lo que libera a Orestes y hace que las Furias se esfumen y con ellas los derechos de la diosa madre (ÉSQUILO, *apud* LERNER, 1990, p. 300-301).³⁷

É interessante notar que o direito paterno é também um dos elementos do monoteísmo hebreu, como já foi visto. Na Grécia clássica, continua Lerner, a teoria do poder de procriação masculino aparece em sua expressão mais elaborada na filosofia aristotélica. Esta, como se sabe, exerceu influência determinante sobre a filosofia e ciência ocidentais ao longo dos séculos que nos separam da antiguidade clássica.

³⁶ “Ser infame, ela te alimentou em seu próprio ventre. Renegas o sangue de sua “mãe”? (Tradução minha).

³⁷ “O dramaturgo deixa que Apolo decida o argumento e reivindique o direito patriarcal: ‘A mãe não é o progenitor do filho que chama de seu. Ela é a ama de leite que monitora o crescimento da jovem semente plantada por seu verdadeiro progenitor, o homem...’ Apolo apela à deusa Atena pra que lhe ajude. Ela consente: ‘Não me pariu uma mãe. Portanto o direito paterno e a supremacia masculina sobre todas as coisas... Recebem a lealdade de todo o meu coração’. É o voto de Atena que libera Orestes e faz com que as Fúrias se esfumem e com elas os direitos da deusa mãe”. - (Tradução minha).

Isso se deve à originalidade e sofisticação, para a época, do sistema explicativo desenvolvido por Aristóteles. Tal sistema filosófico procurou classificar e explicar tudo o que existe a partir de teorias bem elaboradas, entre as quais a da causalidade, que justifica a origem das coisas e dos seres.

Nesse sentido, homem e mulher também se enquadram nesse processo, sendo a mulher o elemento material, passivo e menos importante na procriação e o homem o elemento eficiente, ativo, logo o mais importante. São palavras do filósofo, citado por Lerner: “Si entonces el hombre representa lo efectivo y lo activo y la mujer, vista como tal, lo pasivo, se sigue que en lo que la mujer contribuiría al semen del hombre no sería semen, sino materia para que el semen se excitase” (ARISTÓTELES *apud* LERNER, 1990, p. 302).³⁸

Daí vem a ideia de que a mulher é um homem incompleto, ou, mais especificamente, um homem mutilado, defeituoso, uma espécie de monstro. O nascimento de meninos fisicamente deficientes e de meninas sem deficiência alguma era visto com desprezo semelhante e a mãe era responsabilizada pelo equívoco da natureza, pois Aristóteles defendia que erros do tipo aconteciam em função de um excesso de princípio feminino no momento da fecundação.

Igual que los hijos de padres mutilados nacen unas veces mutilados y otras no, también los hijos nacidos de mujer son a veces mujeres y otras, en cambio, varones. La mujer es y siempre ha sido un varón mutilado, y la catamenia es semen solo que no en estado puro. Hay una sola cosa que no se puede encontrar en ellas: el principio del ánima (ARISTÓTELES, *apud* LERNER, 1990 p. 303).³⁹

Tais símbolos, instituídos com a consolidação do patriarcado, seguem com seu efeito desvalorizador da mulher até a atualidade. Instituídos como verdades inquestionáveis, sustentam o *status quo* de uma ordem estabelecida que vem produzindo sofrimentos sem fim para as mulheres, portanto ordem trágica, ou desordem, se vista pela perspectiva das oprimidas.

³⁸ “Se então o homem representa o efetivo e o ativo e a mulher, vista como tal, o passivo, se segue que no que a mulher contribuiria com o sêmen do homem não seria sêmen, mas matéria para que o sêmen se excitasse – (Tradução minha).

³⁹ “Como os filhos de pais mutilados nascem muitas vezes mutilados e outras não, também os filhos nascidos de mulher são às vezes mulheres e outras, ao contrário, homens. A mulher é e sempre foi um homem mutilado e a catamênia é só sêmen, só que não em estado puro, há só uma coisa que não se pode encontrar nela: o princípio da alma “- (Tradução minha).

A tragicidade, quando eternizada por via simbólica, é ainda mais devastadora, pois “verdades” criadas historicamente e repetidas pelo *habitus* são incorporadas aos valores sociais e muitas vezes são tidas como naturais, o que contribui para que a tomada de consciência do poder simbólico pelas mulheres seja solapada.

Nos contos que serão comentados a seguir, veremos como esses símbolos estão presentes na vida das protagonistas, todas mulheres contemporâneas. E veremos também como as instituições Escola, Família e Igreja, veladamente, repercutem a opressão à mulher.

3.2 Natalina Soledad

O conto “Natalina Soledad” é narrado em terceira pessoa pela “colhedora de histórias”. O enredo fala de uma mulher que, já adulta, se autoneomeia. Nele, nascer mulher equivale a uma sentença de morte simbólica, pois o pai, que só havia tido filhos homens até então, despreza a filha, cujo nascimento fazia com que ele se sentisse menos homem: “Natalina Soledad, tendo nascido mulher, a sétima, depois dos seis homens, não foi bem recebida pelo pai e não encontrou acolhida no colo da mãe” (EVARISTO, 2011, p. 19).

A protagonista nem sempre tivera esse nome. O pai, decepcionado com seu nascimento, resolvera chamá-la de Troçoléia Malvina Silveira, além de deserdá-la. Tal nome foi motivo de sofrimento para a menina durante toda infância e adolescência e parte da vida adulta. Ela apenas recebera o sobrenome do pai, para que ninguém pensasse se tratar de fruto de adultério. Era conhecida por todos como Silveirinha.

Silverinha tampouco teve apoio da mãe, pois esta, sentindo o afastamento e desprezo do marido após o parto, deixou a filha em total estado de abandono.

A menina crescia a contragosto dos pais. Solitária, aprendera quase tudo por si mesma, desde pentear os cabelos, até os mais difíceis exercícios de matemática, assim como se cuidar no período dos íntimos sangramentos. Dos cadernos e dos livros velhos desprezados pela prole masculina, que começava os estudos, ainda quando cada um precisava de auxílio para suspender a cueca, sozinha ela recolhia suas lições. Silveirinha, como era chamada por alguns, de maneira autodidata, ia construindo seu

aprendizado e ganhando uma sapiência incomum para sua idade. Só mais tarde, depois de ter como cúmplice a voz de um de seus irmãos, obteve concordância do pai e, conseqüentemente da mãe, para frequentar a escola (EVARISTO, 2011, p. 21).

Apesar de todo o desprezo experimentado na infância, Silverinha só se dá conta de sua desvantagem quando passa a frequentar a escola. Lá a zombaria dos colegas por causa de seu nome fez com que a revolta crescesse dentro dela. Aos 12 anos, passa a ignorar os seus, intensificando cada vez mais o clima de hostilidade: “Não suportava vê-los, Recusava sentar-se à mesa, alimentava-se no quarto ou na cozinha; como sombra quase invisível transitava em silêncio de seu quarto ao banheiro e à cozinha, mesmo entre seus irmãos” (EVARISTO, 2011, p. 22).

Seu único afeto era a empregada da casa, que se compadecia de sua situação. Silveirinha cresce assim, furtiva e hostil e com apenas um propósito, inventar outro nome para si. Se afastou de tudo e de todos, desistiu do amor romântico, viveu uma vida de frustrações. Apenas aos trinta anos tomou a decisão de ir ao cartório mudar de nome. Poderia tê-lo feito desde os dezoito.

Nem ela sabia explicar porque aguardou tanto tempo. Talvez, penso eu, apesar de tudo, por um inexplicável respeito aos pais. Sim, pois só depois que os dois, vítimas de um acidente de carro, morreram, foi que Silveirinha tomou a decisão. Rumou ao cartório para se despir do nome e da condição antiga. E sonoramente, quando o escrivão lhe perguntou qual nome adotaria, se seria mesmo aquele escrito na petição de troca, ela respondeu feliz e com veemência na voz e no gesto: Natalina Soledad (EVARISTO, 2011, p. 24).

Note-se que o ato de se autonegar não significa a finalização de uma dor sentida desde o nascimento. A solidão experimentada durante toda vida, fruto da violência de gênero praticada pelos familiares, sobretudo pelo pai e pela mãe permanece enraizada no coração da protagonista: Natalina Soledad é aquela que nasceu só.

De fato, a solidão inaugura sua existência. É marca fundamental de sua identidade. De “Troçoléia”, a menina tratada como coisa, troço, objeto desprovido de identidade, a “Soledad”, nome de um sentimento, a marca de uma subjetividade. Nessa perspectiva, mesmo que “Natalina Soledad” esteja carregado de lembranças tristes, é nome que simboliza a atitude de rejeição à coisificação imposta pelo nome de batismo.

A família de Soledad representa a manutenção, na atualidade, do modelo familiar patriarcal comum na época do Brasil colonial. Sérgio Buarque de Holanda, ao dissertar sobre o desenvolvimento dos meios urbanos e declínio da velha lavoura no século XIX, faz a seguinte reflexão sobre a mentalidade patriarcal como herança rural:

Outras ocupações reclamam agora igual eminência, ocupações nitidamente citadinas, como a atividade política, a burocracia, as profissões liberais. É bem compreensível que semelhantes ocupações venham a caber, em primeiro lugar, à gente principal do país, toda ela constituída de lavradores e donos de engenhos. E que, transportada de súbito para as cidades, essa gente carregue consigo a mentalidade, os preconceitos e, tanto quanto possível, o teor de vida que tinham sido atributos específicos de sua primitiva condição (HOLANDA, 1995, p. 82).

A herança rural, repassada através dos séculos, chega à família contemporânea e é evocada, no conto, pela empregada da casa, em cuja memória arde o açoite: “Era impossível continuar trabalhando em uma casa, onde o dono, a dona e seus filhos, aos berros, como se surda fosse, ditava todas as ordens, com gestos de quem brame o chicote no ar” (EVARISTO, 2011, p. 23).

Note-se a relação de subordinação entre a mãe e o pai de Natalina: a escolha do nome ultrajante, Troçoléia, foi do homem, com aceitação passiva da mulher. Além disso, na ocasião em que um dos irmãos insiste para que a menina, mesmo que tardiamente, seja matriculada em uma escola, a mãe só concorda após a decisão do marido. Logo, o que se percebe é que, no conto, a família é a principal responsável pela manutenção do *habitus* androcêntrico.

É importante observar também que a violência simbólica sofrida por Natalina Soledad, além de herdada do Brasil escravagista, tem suas origens nos mitos fundadores da dominação masculina, presentes no sistema simbólico ocidental. O nome de batismo de Natalina é um exemplo claro disso. Ele faz, de maneira óbvia, referência à palavra “troço”, “coisa”. Ora, neste estudo, já percorremos exaustivamente as ideias de Levi- Straus sobre a prática arcaica de intercâmbio de mulheres, que inaugura sua coisificação e de sua sexualidade. Natalina é desvalorizada pelos pais, simplesmente por ter nascido menina, inferiorizada em relação aos seis irmãos mais velhos, todos meninos.

Outro exemplo é a reação do pai quando a filha nasce: “Como pode ser? - Pensava ele - De sua vara só saía varão” (EVARISTO, 2011, p. 20). A revolta se

amplia quando o homem se lembra de que seu avô havia tido apenas filhos machos, 13, ao todo. E de que seu pai havia tido apenas um filho, ele, pois morreria jovem. Mas havia a certeza de que se tivesse vivido muito, repetiria a “façanha” do velho”.

Tais pensamentos refletem as ideias aristotélicas apresentadas no início deste capítulo segundo as quais toda mulher é um homem mutilado e, por isso, menor, insignificante. O pensamento de Aristóteles, que atribui a causa do nascimento de meninas a um excesso de princípio feminino, ou seja, do princípio, segundo ele, negativo, está explícito na fala do pai, no trecho que segue:

E ele, o neto mais velho, que tanto queria retomar a façanha do avô, vê agora um troço menina, que vinha ser sua filha. Traição de seu corpo? Ou quem sabe do corpo de sua mulher? Traição de primeira! De seu corpo não poderia ser, de sua rija semente jamais brotaria uma coisa menina (EVARISTO, 2011, p. 20).

A “culpa” é, segundo o pai, portanto, da mulher, de uma “falha” oriunda do corpo dela. Embora não possamos, obviamente concordar com Aristóteles quando se refere à mulher como ser mutilado, não se pode negar que a condição existencial a que foi submetida a protagonista significou, para ela, uma mutilação de ordem simbólica e emocional. Assim como simbólica também é sua atitude de abdicar, tanto do velho nome humilhante, quanto do sobrenome do pai.

3.3 Mary Benedita

A narrativa do conto “Mary Benedita” acontece na ocasião em que a narradora principal está hospedada na cidade fictícia Manhãs Azuis, quando a protagonista que dá nome ao conto a procura para contar sua história. Mary é uma pintora poliglota que, logo após tal encontro, assume a narração, contando como foi sua trajetória até ali. Ela tem urgência de relatar: “My sister, quem tem os olhos fundos começa a chorar cedo e madruga antes do sol para secar sozinha as lágrimas. Por isso minha urgência em deixar o meu relato” (EVARISTO, 2011, p. 60).

Mary começa falando de como vivia correndo quando criança: corria indo para a escola, para a igreja, pelo chão do sítio onde vivia. A única coisa que a freava era a contemplação do *mapa mundi*. Ela tivera uma infância humilde, porém nutria

sonhos de viajar, conhecer o mundo. Além disso, gostaria de aprender artes, como a pintura e a música e aprender outras línguas.

Tais desejos fazem com que ela crie uma estratégia de fuga de sua cidadezinha, pois sabia que ali ficaria parada no tempo. Finge então uma doença, cujos sintomas eram a imobilidade e o cansaço, tão opostos a sua vida comum de menina que sempre tinha pressa. Mary tinha uma tia solteira e independente que morava na capital. Os pais, preocupados com sua doença, decidem mandar Mary para junto dela, devido às facilidades de uma metrópole, mais especificamente facilidades relacionadas a tratamentos médicos, disponibilidade de hospitais e acesso a medicamentos.

Feita a viagem, Mary é desmascarada e conta para sua tia Aurora o real motivo de sua presença: queria ter acesso aos estudos; queria, depois disso, conhecer o mundo. Após a discordância da família, que não via com bons olhos o fato de a filha morar com uma tia solteira, Mary finalmente consegue o que desejava: seus pais consentem, a contragosto, e ela vai morar com a tia. A protagonista aprende música e pintura, torna-se uma artista de fama internacional e concretiza seu sonho de viajar pelo mundo e aprender novos idiomas.

A violência simbólica nesse conto é extremamente sutil. Ela aparece nas vezes em que a família da Mary, na melhor das intenções, tenta impedi-la de realizar seu sonho, por questões relacionadas a costumes patriarcais disseminados pela moral religiosa. Note-se que a religiosidade está entranhada na vida familiar: “correndo, entrava esbaforida pela igreja adentro, assustando o padre e envergonhando a família” (EVARISTO, 2011, p. 61); “não foi preciso outras encenações nem choro, logo surgiram velas. Rezas de minha mãe e de minha madrinha, junto ao altar de Senhora das Graças, para que a força dos movimentos se apossasse novamente de mim” (p.61); “minha família entendeu que eu estava doente. Nada que pudesse ser curado com chazinhos, benzeções, rezas e promessas” (EVARISTO, 2011, p. 62); “vovó Andiá rezava alto o terço, duas vezes por dia, em minha intenção” (EVARISTO, 2011, p. 62).

Tal religiosidade repercute na educação feminina. Como se sabe, as mulheres, segundo a educação católica, devem se espelhar na figura da Virgem Maria, que vivenciou os papéis femininos aceitos pelos homens: o de esposa e mãe

ou o de virgem em busca da santidade. Dentro dessa perspectiva, são apenas dois os possíveis destinos reservados às mulheres: o casamento, visando a constituição da família, cuidado com o marido e a criação dos filhos ou a consagração à vida religiosa no interior dos conventos.

Por isso, quando a menina Mary Benedita revela suas reais intenções, tia Aurora já imagina qual será a reação do irmão e da cunhada, sobre a possibilidade da partida definitiva da menina para a capital.

E foi com essa aflição instalada no peito que pedi à minha tia Aurora que contasse toda a verdade e que também suplicasse aos meus pais que me deixassem morar com ela. A resposta foi que, talvez, os meus pais pensassem que ela seria a pessoa menos indicada para cuidar de uma mocinha. Não entendi. Na minha inocência, eu nem imaginava qual conceito a família tinha dessa minha tia, uma mulher solteira, estudada, que morava sozinha na capital (EVARISTO, 2011, p. 63).

Tia Aurora é, portanto, a rasura do molde patriarcal, que o discurso da Igreja reforça e louva. Por isso o receio da família de Mary. Por isso as diversas tentativas do pai e da mãe de buscá-la de volta. Mas o percurso traçado pela menina imita o caminho da tia e ela não sucumbe à imposição do destino.

A presença do *mapa mundi* na narrativa metaforiza a possibilidade de inventar rotas alternativas, escapar de um destino imposto, no caso, a uma humilde menina do interior. Sobre mapas como metáforas, assim escrevem Gilles Deleuze e Félix Guattari:

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, constituí-lo como uma ação política ou como uma meditação (DELEUZE e GUATTARI, 2002, p. 42).

O que faz Mary Benedita, senão rasgar um mapa antigo que o patriarcado havia desenhado para ela? Mary fez o trabalho da reversão, do desmonte, da modificação. Para explorar o mapa do mundo e atravessar as fronteiras de sua condição precisava desenhar seu próprio mapa, inventar atalhos. “E me quedava, durante horas inteiras, com atlas nas mãos, imaginando percursos sobre infinitos caminhos” (EVARISTO, 2011, p. 61.) Logo, diante de uma “ordem” de existência

imposta e que é vista pela oprimida como desordem, se estabelece o conflito trágico, com desfecho positivo.

Outros temas são também abordados no conto, como o drama da representação e a retomada do contra discurso da menstruação positivada. O drama da representação surge na narrativa em uma cena em que Mary vê a tia chorar ao tocar violino. Ela revela, não sem angústia: “um dia, hei de retomar essa imagem em uma pintura... mas, como pintar a concretude da solidão de uma mulher?” (EVARISTO, 2011, p. 66).

O tema aparece no inquietante clímax, quando a protagonista conta à “colhedora de histórias” que seu sangue é também matéria prima de suas obras de pintura:

Crio as minhas próprias tintas de maneira bem artesanal. Aprendi com as mulheres de minha família a extrair o sumo das plantas; cresci vendo minha mãe macerar folhas para tingir nossas roupas. [...] Entretanto há uma pintura que nasce de mim inteira, a tintura também. Pinto e tinjo com meu próprio corpo. Um prazer táctil imenso. Uso os dedos e o corpo; abduco do pincel. Tinjo em sangue. Navalho-me. Valho-me como matéria-prima. Tinta do meu rosto, das minhas mãos e do meu íntimo sangue. Do mais íntimo sangue, o menstrual. Colho de mim. Bordo com meu sangue-útero a tela (EVARISTO, 2011, p. 68).

Pintar com o corpo, com o próprio sangue. Navalhar-se. Tentativas dramáticas extremas de imprimir a concretude da própria solidão na tela, de representá-la em linguagem.

O tema da positivação da menstruação como contradiscurso (frente ao discurso dominante sobre a menstruação como ocorrência debilitante e, por isso, negativa) está presente na história de Mary Benedita. Quando a menina vai morar com a tia, esta lhe explica tudo sobre o sangue menstrual, que ela passa a aguardar com alegria.

Quando sangra pela primeira vez, as consequências são todas positivas, Mary sente prazer de ser mulher e isso provoca nela a vontade de pintar: “quando meu sangue jorrou de mim, fui tomada pelo prazer intenso de ser mulher e queria fazer algo que traduzisse aquele momento. Resolvi pintar, fazer algo” (EVARISTO, 2011, p. 67). Logo, a menstruação, ao contrário de ser debilitante como quer o discurso misógino do patriarcado é, para Mary Benedita, motivo de celebração e ação.

Em suma: em “Mary Benedita”, a violência simbólica se manifesta sutilmente, a partir do discurso moral religioso refletido na educação familiar, baseada, muitas vezes, em preconceitos em relação a determinados tipos de comportamento feminino, como o de tia Aurora, mulher solteira, independente, intelectualizada e urbana. O texto também nos leva a refletir sobre a necessidade de rasgar, desmontar e inverter mapas, para que as mulheres possam seguir seus próprios roteiros e não se submeter à cartografia trágica do patriarcado.

3.4 Isaltina Campo Belo

“Isaltina Campo Belo” é um dos contos de *Insubmissas lágrimas de mulheres* onde violência física e violência simbólica coexistem, sendo uma consequência da outra. A narrativa tem início com a chegada da “colhedora de histórias” à casa de Campo Belo: “e quando os nossos sorrisos serenaram, ela me agradeceu pelo fato de eu ter passado pela casa dela, para colher a sua história” (EVARISTO, 2011, p. 48-49).

Como em grande parte dos contos do livro, a narradora principal (colhedora de histórias) introduz o relato para depois passar a palavra à protagonista. Campo Belo narra com a fotografia da filha de 35 anos nas mãos. Recupera então parte da memória ancestral para justificar uma infância financeiramente feliz, diferente da de muitos afrodescendentes como ela.

Nossa família, desde os avós maternos de minha mãe, se encontrava estabelecida na cidade. Eles tinham chegado ali como negros livres, nos meados do século XIX, com uma parca economia. Minha mãe, orgulhosamente nos contava a luta de seus antecedentes pela compra da carta de alforria (EVARISTO, 2011, p. 50).

O pai de Isaltina também teve acesso aos estudos, pois os pais dele, depois de muito trabalharem para fazendeiros, puderam economizar e iniciar o próprio negócio. Não obstante a ausência de dificuldades financeiras na infância, Campo Belo se sentia incomodada, pois tinha a impressão de ser um menino e não uma menina. Pensava que os adultos não haviam percebido isso, que estavam errados.

Na verdade, Campo Belo não era um menino em um “corpo errado”, como são os transexuais e as transexuais. Era uma menina homossexual, cuja identidade de gênero permaneceu confusa por muito tempo, devido à violência simbólica imposta pela heteronormatividade, um dos braços do patriarcado. Por isso, como se sentia errada no mundo, deslocada, acabou por “amarrar” seu desejo, contendo-o e fugindo dos pretensos namorados, recusando-os.

O sentimento de deslocamento de Campo Belo começa na infância, quando a mãe reproduzia as lições sobre o comportamento adequado a meninos e meninas, oriundas do patriarcado. “Mamãe veio ralhando comigo contra meu escândalo e ordenando que descêssemos da árvore (aliás, ela não gostava que subíssemos em árvores, só o meu irmão podia).” (EVARISTO, 2011, p. 53).

Na adolescência, tal sentimento é intensificado a partir da ampliação do repertório de conhecimento sobre a sexualidade humana, adquirido tanto em livros, quanto nas ruas, que, em ambos os casos, se tratava de uma visão heteronormativa. Provavelmente, em tais manuais, a palavra “lésbica” era proibida. Daí a confusão da protagonista ao se identificar como um menino, pois não conhecia o nome verdadeiro que a nomearia.

Em pouco tempo, sem que a mamãe-enfermeira soubesse, descobrimos, na rua e nos livros, tudo sobre o corpo da mulher e do homem. Sobre beijos e afagos dos homens para com as mulheres. Lembro-me que fui invadida por certo sentimento, que não sei explicar até hoje, uma sensação de estar fora de lugar. Eu via e sentia meu corpo parecer com o de minha irmã e se diferenciar do porte de meu irmão (EVARISTO, 2011, p. 53).

Logo, os responsáveis pela reprodução do *habitus* androcêntrico e de seu matiz heteronormativo são a família (mais uma vez), representada pela figura da mãe, o discurso do senso comum, oriundo das ruas e o discurso científico contido nos livros sobre sexualidade lidos por Campo Belo na adolescência.

A violência física acontece como consequência da simbólica, que fazia com que a protagonista se sentisse cada vez mais “estranha no ninho em que os pares são formados por um homem e uma mulher” (EVARISTO, 2011, p. 54). Após muita pressão familiar e tergiversações sobre sua vida amorosa, a jovem Campo Belo decide sair de casa, mudar de cidade, em busca de “um mundo que a coubesse” (EVARISTO, 2011, p. 54).

Na faculdade conhece um rapaz que conquista sua confiança e com quem inicia um “namoro sem jeito”. A relação, obviamente, não logra êxito e Campo Belo revela ao amigo seus verdadeiros desejos. A reação do rapaz evidencia a prepotência do macho em relação ao desejo feminino:

Ele, sorrindo, dizia não acreditar e apostava que a razão de tudo deveria ser algum medo que eu trazia escondido no inconsciente. Afirmava que eu deveria gostar muito e muito de homem, apenas não sabia. Se eu ficasse com ele, qualquer dúvida que eu pudesse ter sobre sexo entre um homem e uma mulher acabaria. Ele iria me ensinar, me despertar, me fazer mulher (EVARISTO, 2011, p. 55).

Tal prepotência impede o entendimento da sexualidade feminina independente do homem e prescindindo dele. Para o pensamento heteronormativo, o prazer feminino vem em segundo plano e é inadmissível se for experimentado sem que o homem esteja presente como agente ativo. Nessa perspectiva, o macho é o tutor sexual, o que faz o desejo despertar, o que faz uma mulher ser uma mulher, como está claro no discurso do rapaz.

Apesar da recusa de Campo Belo, ela e o rapaz continuam amigos. Até o momento em que é convidada para a festa de aniversário dele e é estuprada por ele e por mais cinco homens desconhecidos.

Nunca podia imaginar o que me esperava. Ele e mais cinco homens, todos desconhecidos. Não bebo. Um guaraná me foi oferecido. Aceitei. Bastou. Cinco homens deflorando a inexperiência e a solidão de meu corpo. Diziam, entre eles, que estavam me ensinado a ser mulher (EVARISTO, 2011, p. 56).

Diante da recusa de Isaltina Campo Belo de se enquadrar no modelo heteronormativo dominante, o homem rejeitado sexualmente reage com violência e covardia, pois não admite que seu discurso seja contrariado e que sua potência seja desmerecida.

A história de Campo Belo não termina aqui. Logo depois vem a gravidez, que ela só percebe no sétimo mês de gestação, devido ao impacto psicológico que a violência tivera em sua vida. Nasce sua filha, a quem dá o nome de Walquíria. Com o bebê, retorna para a casa dos pais. Quando Walquíria já estava em idade escolar, as duas se mudam novamente.

Numa reunião da escola infantil onde a filha fora matriculada, Campo Belo se apaixona por Miríades, a professora da menina. Só então descobre sua identidade de gênero, como se experimenta um epifania:

Naquele momento, sob o olhar daquela moça, me dei permissão pela primeira vez. Sim, eu podia me encantar por alguém e esse alguém podia ser uma mulher. Eu podia desejar a minha semelhante, tanto quanto outras semelhantes minhas desejavam o homem. E foi então que eu me entendi mulher, igual a todas e diferente de todas que ali estavam (EVARISTO, 2011, p. 57-58).

O conto termina apresentando uma família em que o homem não está presente, pois não é necessário. O grupo familiar composto por três mulheres (duas mães e uma filha) rasura a família patriarcal tradicional, orientada pela heteronormatividade.

3.5 Resiliência

No início deste estudo afirmei que dois elementos sinalizavam a unidade temática em *Insubmissas lágrimas de mulheres*: a presença de uma narradora “colhedora de histórias”, que articula todas as narrativas, transformando-as em tecido único e o fato de todas as protagonistas serem personagens resilientes.

Mas, o que é resiliência? “Resiliência é frequentemente referida por processos que explicam a superação de crises e adversidades em indivíduos, grupos e organizações” (YUNES e SZYMANSKY, 2001, YUNES, 2001, TAVARES, 2001). O conceito é relativamente novo na Psicologia e nas Ciências Sociais, contando com cerca de 30 anos de utilização. Por isso, vários pesquisadores vêm se debruçando sobre ele, não sem gerar controvérsias quanto aos seus significados.

Maria Ângela Yunes afirma que, enquanto no Brasil a palavra é ainda praticamente desconhecida, na Europa e nos Estados Unidos é amplamente utilizada em linguagem coloquial para se referir a uma grande quantidade de coisas e situações e que tal banalização, muitas vezes, faz com que seu significado científico se perca.

Uma pesquisadora canadense cita, em seu importante trabalho de Doutorado sobre a resiliência, alguns exemplos de contradições deste uso coloquial, quando pessoas famosas são consideradas resilientes pela mídia, tanto por tolerarem como por terminarem seus casamentos. Pessoas ou coisas (desde pneus de carros até cremes para a pele) que tanto resistem como provocam mudanças também são descritas como resilientes nos comerciais de TV. Em diálogos informais as pessoas classificam-se como 'resilientes' ou 'não resilientes', o que sugere uma objetificação ou coisificação do conceito (YUNES, 2003, p. 76).

Logo, é preciso utilizar a palavra com cautela. Quando afirmo que as protagonistas de *Insubmissas lágrimas de mulheres* são resilientes, refiro-me ao conceito utilizado pelas Ciências Sociais e pela Psicologia, segundo o qual resiliência é a capacidade de transformar situações de sofrimento em possibilidade de crescimento. Ou, nas palavras de Edith Grotberg, a “capacidade humana para enfrentar, sobrepor-se e ser fortalecido ou transformado por experiências de adversidade” (GROTBERG, 2002, p. 20).

O termo origina-se da Física. Segundo o *Dicionário Novo Aurélio* (1999), nessa disciplina resiliência é “a propriedade pela qual a energia armazenada em um corpo deformado é devolvida quando cessa a tensão causadora duma deformação elástica”. E, no sentido figurado, resiliência, no referido dicionário é “resistência ao choque”.

Já no dicionário de língua inglesa *Logman Dictionary of Contemporary* (1995), há duas definições. Uma delas contempla o sentido aqui compreendido: 1) habilidade de voltar rapidamente para o seu usual estado de saúde ou de espírito depois de passar por doenças, dificuldades, etc.; resiliência de caráter e 2) habilidade de uma substância retornar à sua forma original quando a pressão é removida: flexibilidade.

De fato, a noção de resiliência já vem sendo discutida há tempos tanto pela Engenharia, quanto pela Física. Em 1807, o cientista inglês Thomas Young a introduziu ao realizar estudos sobre a elasticidade dos materiais. Sua conclusão foi que a resiliência de um material poderia ser calculada e é a energia de deformação máxima que ele é capaz de armazenar sem sofrer deformações permanentes.

Em Psicologia, como já foi dito, o uso do termo é recente. Seus percussores são os termos “invencibilidade” e “invulnerabilidade”, que caíram em desuso, por sugerirem resistência absoluta às adversidades, o que, obviamente, não é possível.

Um dos pioneiros do estudo da resiliência no campo da Psicologia foi Michael Rutter, um dos estudiosos do assunto que na década de 1980 problematizou os termos percussores. Desde então o tema tem sido amplamente debatido e:

Os autores dividem-se na explicação sobre a origem da resiliência. Alguns acreditam que a flexibilidade e versatilidade são características das pessoas resilientes, outros apontam a resiliência como traço de personalidade ou temperamento. Também se interrogam sobre a resiliência ser um atributo individual ou fruto da interação com o ambiente. Dessa forma, o conceito de resiliência apresenta algumas imprecisões e controvérsias (PINHEIRO, 2004. p. 70).

Não obstante as imprecisões e controvérsias a respeito do conceito, alguns pontos relacionados a eles são aceitos por todos os que se debruçam sobre o assunto, como por exemplo, a definição mais geral que considera a resiliência como a habilidade de enfrentamento das adversidades, de ressurgir, de recuperar-se do sofrimento com a capacidade de realizar mudanças em si e em seu entorno.

Todas as personagens de *Insubmissas lágrimas de mulheres* se voltam para um passado doloroso ao iniciar suas narrativas. Nos contos analisados neste estudo, tanto as situações de violência física quanto as de violência simbólica são histórias de superação de adversidades geradas por um contexto histórico-social opressor.

Aramides Florença tenta encontrar, nas alegrias da vivência da maternidade, o bálsamo para amenizar a dor do espancamento e do estupro e a perplexidade pelo desmascaramento do homem violento em quem havia confiado e com quem havia vivido até a gravidez. Shirley Paixão e Seni, a filha abusada pelo pai, também encontram forças para prosseguir vivendo, apesar do trauma experimentado no passado. Lia Gabriel, após ser espancada tendo nos braços o filho pequeno, da mesma forma, reúne coragem para sair da casa do marido e, em seguida, reconstruir a vida, consertando-a, assim como consertava os objetos domésticos em sua oficina eletrônica.

No campo da violência simbólica, como na violência física, se verifica a superação e crescimento frente às adversidades. Natalina Soledad, embora tenha sido simbolicamente mutilada pelo simples fato de ter nascido mulher no seio de uma família cujo pai patriarca só admitia e aceitaria uma descendência formada por varões, abdica do nome humilhante que a fizera sofrer durante toda a vida. Mary

Benedita também escapa do destino imposto pela família e pela igreja; foge da mediocridade da vida reservada às mulheres que sucumbem e se deixam escravizar pelo *habitus* androcêntrico, e se torna mundialmente conhecida pelo seu talento como pintora.

Por fim, Isaltina Campo Belo, que sofre duplamente a violência, experimentando-a simbólica e fisicamente ao reprimir sua homossexualidade e ao ser estuprada. Apesar do sofrimento do corpo e da alma, Campo Belo consegue reerguer-se contra a heteronormatividade, responsável pelas violências sofridas e assume sua sexualidade, vivencia um amor e constrói uma família com a qual pode viver feliz.

As protagonistas reagem à dor imposta e a superam. Mas é preciso deixar claro que o sofrimento não teria sido necessário. Para crescer e se fortalecer não é preciso sofrer, sobretudo quando a dor é provocada por outrem num contexto de manutenção de poder, como é o caso do patriarcado. É importante fazer essa observação, uma vez que afirmar que as personagens são resilientes é arriscar a cair no lugar comum de um pensamento naturalista de “seleção natural” ou de meritocracia que prega que não importa quanto o sistema seja injusto, aquele que luta e se esforça é sempre capaz de escapar às contingências.

Sabemos que a realidade não funciona assim. Como apontam os resultados das estatísticas sobre a violência contra a mulher, grande parte das vítimas continua a sofrer os danos depois de agredidas, pois muitas vezes dependem financeiramente dos agressores.

Os contos de *Insubmissas lágrimas de mulheres* apresentam uma possibilidade de fuga, encenam a tragédia cotidiana da subordinação feminina e a tomada de consciência sobre a mesma, o que leva à ação transformadora, demonstrando que nem tudo o que é trágico precisa ter um desfecho infeliz. É importante salientar ainda que a resiliência das personagens de forma alguma significa mera adaptação e conformidade com o sofrimento da condição feminina. Conforme Emiliano Galende:

Na história da humanidade, os grandes resilientes foram justamente aqueles homens e mulheres que se propuseram a mudar a sociedade e a cultura em que viviam, assumindo em si mesmos a tarefa de plasmar na sociedade

seus próprios valores e ambições de transformação. O sujeito resiliente é um sujeito crítico de sua situação existencial (GALENDE, 2004, p. 60).

Nessa perspectiva de crítica de uma situação existencial se situa o pensamento de Viktor Frankl sobre a resiliência. Para ele o desespero é igual a sofrimento sem sentido, ou seja, resiliente é aquele que consegue (ou luta para) fazer das tragédias um triunfo pessoal. Sendo assim, discorda do pensamento sartreano segundo o qual, diante do conflito trágico é necessário que aceitemos a falta de sentido da vida. Para Frankl a vida tem um sentido (ou sentidos) e o confronto com o sofrimento pode ser um catalisador para a descoberta desse (s) sentido (s).

Em uma entrevista o psicanalista afirma que há a liberdade para lutar contra o sofrimento, limitada sim, mas ao alcance de todos. Segundo ele, se não for possível modificar uma situação de dor, ainda resta-nos a liberdade e a responsabilidade de mudar nossa atitude frente a essa situação.

Quando interrogado sobre o sofrimento historicamente produzido, se ele é necessário para um aprendizado sobre a vida, Frankl responde que não, pois nenhum sofrimento é necessário. Existem as dores irremediáveis, como as doenças incuráveis. Mas há as situações de sofrimento que, por serem produzidas por um contexto sociológico, poderiam ser evitadas ou erradicadas. “Se você se depara com situações sociológicas que causam sofrimento, você vai sentir a necessidade de mudar a situação, removendo a causa da dor, por meio da ação política, por exemplo”.⁴⁰

Confrontar o sofrimento historicamente produzido, como é o caso das protagonistas de *Insubmissas lágrimas de mulheres* e se posicionar criticamente em relação a ele corresponde à situação trágica, conforme o pensamento de Bornheim, (2007) já apresentado nesse estudo: “Estar em situação trágica remete àqueles dois pressupostos e, a partir das bipolaridades da situação, faz-se possível o conflito”. Os dois pressupostos, são, como já visto, a existência do humano/herói trágico e de uma ordem ou sentido que forma seu horizonte existencial.

No caso dos textos analisados, as protagonistas, em sua condição de mulheres negras vivendo em uma sociedade racista e patriarcal, equivalem ao primeiro pressuposto. O segundo seria a ordem existencial injusta contra a qual elas

⁴⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iIRNmwnVuWk>. Acesso em nov.; 2014.

se erguem em conflito com o sofrimento imposto. Logo, a resiliência dessas personagens, fundamental para a ação combativa, é fator decisivo para a encenação trágica presente em todo o livro. Em outras palavras, ao combater a ordem/desordem opressiva da qual fala Raymond Williams as personagens são, além de resistentes, resilientes, pois sobrevivem para testemunhar.

O ato de narrar é uma das chaves desse processo de resiliência e combate. *Insubmissas lágrimas de mulheres* é também um livro sobre memória, sobre contar histórias, sobre testemunhar, como já foi observado. Narrar a dor é uma forma de interpretá-la, de dar-lhe sentido. É uma forma de organizar a angústia em linguagem.

Para o psicanalista Boris Cyrulnik (2001), um dos especialistas do assunto na atualidade, a resiliência só é possível pela via da narrativa, pois demanda a presença de um outro ouvinte no processo de recriação do passado de sofrimento. Para ele, a resiliência é como um oxímoro, ou seja, quando alguém recebe uma ferida, uma parte de si produz necrose, enquanto a outra “reúne, com a força do desespero, tudo o que pode continuar dando um pouco de felicidade e de sentido à vida” (CYRULNIK, 2001, p. 21).

Nos processos de resiliência há que se metamorfosear a representação da ferida, de forma que a dor seja interpretada de outra forma. Em entrevista Cyrulnik afirma:

Devo buscar as palavras que transformam a representação de minha ferida. É uma elaboração que transforma não a ferida; a ferida eu a recebi: fui deportado, fui agredido sexualmente, fui maltratado, etc. A ferida eu a recebi. Mas não sofro mais pelo passado, ao contrário. Se eu posso fazer uma peça de teatro, um ensaio psicológico, escrever um romance, ter um compromisso político, encontro o prazer de compreender. Então transformo o prazer de compreender e compartilhar. Isso é a metamorfose da representação⁴¹.

Nesse sentido, a presença da narradora que recolhe os testemunhos em *Insubmissas lágrimas de mulheres* é de extrema importância. Ela é esse “outro” com o qual se compartilha a dor pela via da linguagem, o que torna concreta a metamorfose da representação e possibilita a recriação, através das narrativas, do passado doloroso vivido pelas protagonistas.

⁴¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xbm-5gyVGrS>, Acesso em nov. 2014.

Cyrulnik acredita que a representação da ferida se dá sempre pela via da arte. Na entrevista mencionada, ele relembra casos de pacientes que tivera e eram sobreviventes da *Shoah*. O sofrimento, nesses casos, era sempre maior entre essas pessoas e seus filhos. Isso porque, geralmente, havia duas posturas comuns em relação à dor experimentada: ou as vítimas se calavam e provocavam angústia nos filhos ou falavam e provocavam horror.

Logo, segundo ele, para os pais abordarem o sofrimento de forma direta, com essa primeira geração, era algo problemático. O único caminho era o do desvio, de uma terceira instância que seria a da arte, da narrativa, da representação. E é por isso, conforme seus argumentos, que no caso dos sobreviventes da *Shoah*, há um grande interesse, da descendência, a partir da terceira geração, por essas histórias, pois, a esta altura, elas já se transformaram em epopeia.

Em *Insubmissas lágrimas de mulheres* a narrativa da dor das mulheres oprimidas, ao repudiar o sofrimento provocado pelo patriarcado, joga luz sobre suas raízes, chama a atenção para o poder simbólico que o tem justificado e convida para a ação política que vise combatê-lo.

Considerações finais

Insubmissas lágrimas de mulheres conta ainda com outras narrativas que não foram analisadas neste estudo. São elas: “Adelha Santos Limoeiro”, que trata do envelhecimento de um casal, cujo marido, certa noite, passa mal enquanto mantinha relações sexuais com uma prostituta. Na ocasião, é necessário que a mulher vá buscá-lo no prostíbulo, o que faz com que ele fique envergonhado por não ser mais “homem” como outrora.

Há também o conto “Maria do Rosário Imaculada dos Santos”, que narra a história do rapto de uma menina e seu retorno ao lar anos depois. Os contos “Mirtes aparecida da Luz”, “Líbia Moirã” e “Saura Benevides dos Santos” narram experiências de maternidade. No primeiro, a protagonista relata acontecimentos que envolvem o suicídio do marido, na época em que nasce a filha de ambos. No segundo, Líbia Moirã conta o caso de um trauma que a perseguira por toda uma vida, em forma de pesadelos, por ter, quando muito pequena, assistido ao parto do irmão, o que ela sempre associava a uma sensação de dor angustiante. No terceiro, Saura fala sobre a experiência de ter rejeitado um de seus filhos, sem remorso algum.

Há ainda o conto “Rose Dusreis”, que narra a trajetória espinhosa, repleta de preconceitos, que a protagonista precisou trilhar para concretizar o sonho de ser dançarina. E, por fim, há o conto “Regina Nastácia”, em que a protagonista, já idosa, conta a história de como sua família contribuiu para enfraquecer o poder patriarcal coronelista de uma família que dominava uma cidadezinha.

Tais textos não foram analisados, pois, embora tenham, cada qual, suas especificidades, os temas a que me propus abordar já foram contemplados neste estudo. Em “Saura Benevides”, “Líbia Moirã” e “Mirtes Aparecida Daluz”, por exemplo, aparecem o tema da maternidade, já explorado em “Lia Gabriel”, “Shirley Paixão” e “Aramides Florença”. Em “Maria Do Rosário Imaculada dos Santos”, “Rose Dusreis” e “Regina Nastácia” aparece a lembrança da violência sofrida na escravidão do Brasil colonial, tema também já explorado em “Natalina Soledad” e “Lia Gabriel”.

Além disso, o estudo se voltou para questões de gênero, apenas tangenciando a temática da etnia, mais presente em outros livros de Conceição Evaristo. No entanto, o debate étnico em torno de *Insubmissas lágrimas de mulheres*

pode e deve ser aprofundado em trabalhos posteriores. O que se apresenta aqui é apenas uma das possibilidades de abordagem, um recorte necessário. Creio que o *corpus* selecionado atendeu à proposta de reflexão deste estudo, a partir de um entendimento de que a violência de gênero, seja ela simbólica ou física, pode ser compreendida como um dos aspectos do trágico na contemporaneidade.

O estudo teve início com uma provocação. A partir do texto “Da literatura brasileira como rasura do trágico”, de Eduardo Lourenço, discuti as ideias do crítico sobre o caráter não trágico de nossa literatura e concluí que sua argumentação está repleta de lacunas. Para afirmar que o trágico é rasurado em nossas letras seria necessário antes uma discussão do conceito, o que o crítico português não faz.

Ainda no primeiro capítulo, as diversas conceituações de trágico e tragédia foram rapidamente revistas, com o objetivo de alcançar o conceito que nortearia este estudo: o de Raymond Williams, para quem trágico é todo sistema produtor de sofrimentos, regido por uma “ordem” que, na perspectiva dos oprimidos, é “desordem”.

Tal concepção, ao final do capítulo, foi articulada a um contexto milenar de dominação masculina instituída com o patriarcado no período da formação do estado arcaico. Sendo assim, outros autores foram chamados ao texto para melhor elucidar esse processo: a historiadora Gerda Lerner, que demonstra como a dominação masculina foi uma construção histórica e como se institucionalizou e se perpetuou a partir dos símbolos.

E também Pierre Bourdieu, o qual corrobora tal pensamento, quando interpreta a dominação, considerando-a violência simbólica, eternizada pelo *habitus* androcêntrico, via instituições tais como a Família, a Igreja, a Escola e o Estado. Apresentar o “pano de fundo” da dominação masculina era imprescindível num estudo sobre narrativas que abordam o enfrentamento dessa condição imposta às mulheres em determinado momento da história e sentida até os dias atuais.

No segundo capítulo iniciei a análise efetiva dos contos. A violência física foi a primeira a ser apontada nos textos “Aramides Florença”, “Shirley Paixão” e “Lia Gabriel”. Resultados de pesquisa recente sobre a violência contra a mulher, realizada pelo Data Senado foram de extrema importância para as reflexões, uma vez que neste capítulo foram também discutidos os limites entre realidade e ficção, a

partir da ideia de “escrevivência”, criada pela própria autora do livro e do conceito de “Atos de fingir” de Iser.

Os três contos mencionados foram apresentados. Introduzi a ideia de Eagleton (2013) sobre o sofrimento do corpo como *longue durée* e procurei fazer uma abordagem “arqueológica” do corpo feminino que sofre, como constatado, desde a instituição do patriarcado, quando foi comercializado, violentado e escravizado no processo histórico conhecido como “intercâmbio de mulheres”.

Tal sofrimento físico reproduzido pelo *habitus* é representado nos contos citados, em que as protagonistas são estupradas e espancadas pelos companheiros, pelo fato de serem mulheres, consideradas objetos, coisificadas por eles. Os contos também recuperam a memória da escravidão imposta aos negros no período do Brasil colonial, reforçando a ideia do sofrimento físico provocado pelos detentores do poder como *longue durée* trágica.

O capítulo ainda explora o aspecto simbólico da violência nessas narrativas. Para isso, a presença de contradiscursos (a ausência festejada do pai e a maternidade positiva) em relação ao discurso patriarcal foi identificada, como resposta simbólica à opressão.

No capítulo 3, o conceito de violência simbólica de Bourdieu foi retomado. Em articulação com ele, foram apresentados os argumentos de Lerner sobre os mitos fundadores da opressão às mulheres, cuja dimensão alcançou os discursos ocidentais, sendo repercutida através das instituições.

A análise dos contos procurou demonstrar como o sofrimento das protagonistas está relacionado a estas instituições e como se dá a ação de desvio do discurso imposto. Finalizando o capítulo, a postura resiliente das personagens foi lembrada e considerada fator importante para ação trágica e para o combate à ordem/desordem opressora estabelecida e repercutida pelo *habitus* androcêntrico.

O estudo não apresenta conclusões, apenas alguns pontos de partida, provocações para outras discussões. Uma delas é a que procurei desenvolver: *Insubmissas lágrimas de mulheres* encena o sofrimento de mulheres violentadas física e simbolicamente, evidencia-o ao recriá-lo pela ficção, indicando o sentido de uma luta política pela mudança radical da mentalidade patriarcal, combate trágico e mais que necessário e urgente. O patriarcado foi engendrado historicamente,

portanto tem “data de nascimento”. Creio que a literatura possa auxiliar-nos a contribuir para que a história registre também o processo que culminará em sua morte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E ELETRÔNICAS

ARAÚJO, Flávia Santos de. *Uma escrita em dupla face: a mulher negra em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo*. [Dissertação de Mestrado] Faculdade de Letras da UFPB, 2007. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/wp-content/uploads/2012/11/images_Flavia.pdf. Acesso em: 15 de ago. 2012.

ARRUDA, Aline Alves. *Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: um bildungsroman feminino e negro*. [Dissertação de Mestrado]. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2007. Disponível: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-76RF2H/aline_alves_arruda_texto.pdf?sequence=1. Acesso em: 15 de ago. 2012.

_____. Ponciá Vicêncio e Becos da memória: memória e olhar coletivo na prosa afro-brasileira. *Terra roxa e outras terras: Revista de Estudos Literários*, volume 17-B, p.77-84, dez.2009. Disponível em: http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol17B/TRvol17Bh.pdf > Acesso em: 15 de ago. 2012.

BARRINGTON, Moore Jr. - *Injustiça: As Bases da Obediência e da Revolta*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1961.

BORNHEIM, Gerd. Breves observações sobre o sentido e a evolução do trágico. In: *O sentido e a máscara*. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 69-92.

BOSCHI, Caio César. *Os leigos e o poder: Irmandades leigas e Políticas Colonizadoras em Minas Gerais*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Best bolso, 2014.

_____. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRASIL. Lei Maria da Penha, nº 11.340, de 07.08.2006, cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasília: Câmara dos deputados, Edições Câmara, 2010.

BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a História*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2012.

_____. *O homem revoltado*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Trad. de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CYRULNIK, B. *La maravilla Del dolor: el sentido de la resiliencia*. Buenos Aires: Granica Editora.

_____. *O murmúrio dos fantasmas*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CORRÊA, Cláudia Maria Fernandes. Vozes atlânticas femininas em diálogo: Conceição Evaristo, Vera Duarte e Marlene Nourbese Philip. Disponível em: http://www.telunb.com.br/mulhereliteratura/anais/wpcontent/uploads/2012/01/claudia_maria_fernades.pdf. Acesso em 15 de ago. 2012.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. (Trad. Ana Lucia de Oliveira... et al). São Paulo: Ed.34, 2002.

DIONÍSIO, Dejair, ADOLFO, Sérgio Paulo. O arauto e o destino em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo. *Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários* V. 17-B (dez.2009) p.69-76. Disponível em http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol17B/TRvol17Bg.pdf. Acesso em: 15 de ago. 2012.

DUARTE, Constância Lima. Pequena história do feminismo no Brasil. In: CARDOSO, Ana Leal; GOMES, Carlos Magno. *Do imaginário às representações na literatura*. São Cristóvão: Ed UFS, 2007, p. 127-134.

_____. Gênero e violência na literatura afro-brasileira. In: *Falas do outro: Literatura, gênero e etnicidade*. DUARTE, Constância Lima, DUARTE, Eduardo de Assis, ALEXANDRE, Marcos Antônio (Orgs.). Belo Horizonte: Nandyala; NEIA, 2010.

DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. In: BOLAÑOS, Aimée G. e BENAVENTE, Lady Rojas (org.). *Voces negras de las Américas: diálogos contemporâneos*. Rio Grande: Editora da FURG, 2011.

_____.Literatura e afrodescendência. Disponível em: www.lettras.ufmg.br/literafro/data1/artigos/artigoeduardoafrodescendencias.pdf. Acesso em: 15 ago.2012.

EAGLETON, Terry. *Doce violência: a ideia do trágico*. Trad. Alzira Allegro. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996

_____. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

_____. *Becos da memória*. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

_____. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte, Nandyala, 2008.

_____. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

_____. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas/FBN, 2014.

_____.Escrevivências da Afro-Brasilidade: História e Memória. In: *Releitura*, novembro 2008, n° 23, Belo Horizonte, Fundação Municipal de Cultura, 2008.

_____.Da grafia-desenho de Minha Mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antonio (Org). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p.16-21.

_____.Dos risos, dos silêncios e das falas. In: SCHNEIDER, Liane & MACHADO, Charliton (Orgs.). *Mulheres no Brasil: resistências, lutas e conquistas*. João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, 2006, p. 111-122.

_____.Da representação à autoapresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. In: *Revista Palmares – Cultura Afro-brasileira*. Brasília: Fundação Palmares/Minc, Ano 1, n°. 1, Agosto, 2005, p.52-57.

FERREIRA, A.B de H. *Novo Aurélio: O dicionário do século XXI*. São Paulo: Nova Fronteira, 1999.

FINAZZI-AGRÓ, Ettore; VECCHI, Roberto (Org.). *Formas e mediações do trágico moderno: uma leitura do Brasil*. São Paulo: Unimarco, 2004.

FIGUEIREDO, Fernanda Rodrigues de. *A mulher negra nos cadernos negros: autoria e representações*. [Dissertação de Mestrado]. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009. http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-7TTGA8/disserta_ao_mestrado_backup_revisado_2.pdf?sequence=1. Acesso em 15 de ago.2012.

FRANKL, V.E. *Um sentido para a vida*. Aparecida: Santuário, 1989.

GALENDE, E. Subjetividad y resiliencia: Del azar y La complejidad: In: A. Mellillo, E.N.S Ojeda & D. Rodriguez (Orgs.). *Resiliência y subjetividad* (pp.23-61). Buenos Aires, 2004.

GOMES, Romeu. *Sexualidade masculina, gênero e saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

GREGORY, M.F. *Cenas e queixas: um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista*. Rio de Janeiro: Paz e terra; São Paulo: ANPOCS, 1993.

GROTBERG, E.H. Nuevas tendencias em resiliencia. In: A.Melillo e E.N.S Ojeda (Orgs.). *Resiliencia : descubriendo las propias fortalezas*. (pp.19-30) Buenos Aires: Paidós, 2002.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ISER, Wolfgang. *O ato de leitura*. São Paulo: Ed.34, 1999.

_____. Os atos de fingir, ou o que é o fictício no texto ficcional. In: Costa Lima, Luiz. *Teoria da Literatura em suas fontes*. VII. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

LERNER, Gerda. *La creación del patriarcado*. Barcelona: Crítica, 1990.

Longman Dictionary of Contemporary English. 3ª Ed. Longman Dictionaries, 1995.

LOURENÇO, Eduardo. Da literatura brasileira como rasura do trágico. In: LOURENÇO, Eduardo. *A nau de Ícaro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 197-206.

KOTLIARENCO, MA; CÁCERES, I e FONTECILLA, M. *Estado de arte em resiliência*. Organización Panamericana de La Salud, Ceanim- Centro de Estudios Y Atención del Niño y la mujer, julio 1997.

MACHADO, Lia Zanotta. Violência doméstica contra as mulheres no Brasil: avanços e desafios ao seu combate. In: BRASIL. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. *Cartilha Violência Doméstica - Protegendo as Mulheres da Violência Doméstica*. Brasília: Fórum Nacional de Educação em Direitos Humanos. 14-18.

_____. *Feminismo em movimento*. São Paulo: Francis, 2010.

MACHADO, Roberto. *O nascimento do trágico: de Schiller a Nietzsche*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MARTINS, Rosimeire de Carvalho. *Jovens mulheres vitimadas: abuso sexual, sofrimento e resiliência*. Curitiba: Juruá, 2010.

MINAYO, M.C.S & SOUZA, E.R. *Violência e saúde como campo interdisciplinas de ação coletiva. História, ciência, saúde*. Maginhos IV. (3), nov. 1997-fev. 1998.

MOTT, Maria Lúcia de Barros. *Submissão e resistência: a mulher na luta contra a escravidão*. São Paulo: Contexto, 1988.

NEVES, Margarida de Souza. "Nos compassos do tempo: a História e a cultura da memória". In SOIHET, Raquel; ALMEIDA, Maria Regina Celestino de; AZEVEDO, Cecília; GONTIJO, Rebeca. *Mitos, projetos e práticas políticas. Memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva. *Escrevivências: rastros biográficos em Becos da memória*, de Conceição Evaristo. *Terra roxa e outras terras* – Revista de Estudos Literários Volume 17-B (dez. 2009) p. 85-94. Disponível em: http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol17B/TRvol17Bi.pdf. Acesso em 15 de ago.2012.

PEREIRA, Stefane Soares. *Reflexões da travessia nas narrativas de Conceição Evaristo e Toni Morrison*. Disponível em: <http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/12/Reflex%C3%B5es-da-travessia-nas-narrativas-de-Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-e-Toni-Morrison-Stefane-Soares-Pereira.pdf>. Acesso em 15 de ago.2012.

PERROT, Michele. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. *As mulheres ou os silêncios da História*. Trad. Viviane Ribeiro. São Paulo: Edusc, 2005.

PINHEIRO, D.P.N. A resiliência em discussão. In: *Psicologia em estudo*. Maringá, v.9, n1, pp.67-75, 2004.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento e silêncio. In *Estudos Históricos*, vol. 2, n 3, Rio de Janeiro, 1989, p. 3- 15.

RIBEIRO, Patrícia. *A poética de Conceição Evaristo como uma incursão pelos caminhos da história*. Disponível em: <http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/12/A-po%C3%A9tica-de-Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-como-uma-incurs%C3%A3o-pelos-caminhos-da-hist%C3%B3ria.pdf>. Acesso em 15 de ago. 2012.

RICOEUR, Paul. O esquecimento. In *A memória, a História, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007, p.

RUBIN, Gayle. *O tráfico de mulheres: Notas sobre a “economia política do sexo”*. Recife: S.O.S Corpo, 1993.

SACRAMENTO, Sandra Maria Pereira. *Feminismo e Desconstrução em Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo*. Disponível em: <http://www.editoraufjf.com.br/revista/index.php/ipotesi/article/view/619/553>. Acesso em 15 de ago.2012.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. 1ªed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

_____. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. Trad. M. F. S. Correia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

SCOTT, Joan. *Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history*. New York, Columbia University Press. 1989.

SENADO FEDERAL. Secretaria de transparência. *Violência doméstica e familiar contra a mulher*. DATA Senado, 2013.

SILVA, Marcos Fabrício Lopes da. A poética da ancestralidade em poemas de Conceição Evaristo. Disponível em <http://sitemason.vanderbilt.edu/files/dmkx68/Marcos%20Fabrício%20Lopes%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 15 de ago.2012.

SILVA, M.V. *Violência contra a mulher, quem mete a colher?* São Paulo: Cortez, 1992.

SZONDI, Peter. *Ensaio sobre o trágico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

TAVARES, J. A resiliência na sociedade emergente. In: TAVARES J. (Org.) *Resiliência e educação*, (pp.43-75). São Paulo: Cortez, 2001.

YUNES, M.A.M. *A questão triplamente controvertida da resiliência em famílias de baixa renda*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: 2001.

_____. *Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família*. In: *Psicologia em estudo*. Maringá, v.8, esp. Pp.75-84, 2003.

YUNES, M.A.M e SZYMANSKI, H. Resiliência : noção, conceitos afins e considerações críticas. In: TAVARES, J. (Org.) *Resiliência e educação* (pp.13-42). São Paulo: Cortez, 2001.

WILLIAMS, Raymond. *Tragédia moderna*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

WINCKELMANN, Johann Joachim. *Reflexões sobre a arte antiga*. Trad. Hebert Caro. Porto Alegre: Movimento, 1975

ENTREVISTAS

BORIS, Cyrulnik: Resiliencia: entrevista. [Junho, 2014]. Toulon, França. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xbm-5gyVGrS>. Entrevista concedida a Lic. Acesso em: nov. 2014.

VIKTOR, Frankl. A descoberta e um sentido no sofrimento. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iLRNmwnVuWk>. Acesso em nov. 2014.